Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitelra Santos**

ANO 61.° N.° 20 608

Julho 1981
Quinta-feira

23

15$00

Administrador da Standard baleado esta manhã em Cascais

• O seu motorista encontra-se em estado grave

Dois jovens das FP-25 de Abril alvejaram, cerca das 9 e 30 desta manhã, a tiros de metralhadora, o administrador-delegado da Standard Eléctrica, eng.° Piçarra de Oliveira, de 50 anos, na altura em que este se preparava para entrar na sede daquela multinacional, situada no lugar de S. Gabriel, a três quilómetros de Cascais. Os disparos atingiram ainda Lino Neves, de 34 anos, condutor do carro da empresa que transportara o eng.° Piçarra de Oliveira desde a sua residência em Lisboa. Tanto o eng.° Piçarra de Oliveira como João Lino, atingidos com certa gravidade, encontravam-se à hora do fecho do nosso jornal na Sala de Observações do Hospital de Cascais. O eng.° Piçarra de Oliveira apresenta ferimentos na perna direita e o motorista foi baleado no peito e numa das pernas.

Segundo testemunhas oculares, os dois jovens puseram-se em fuga num «mini» de cor escura, tendo seguido na direcção de Malveira da Serra. Na sua peugada encontram-se neste momento, forças da GNR, da PSP e elementos de uma brigada da Polícia Judiciária. «Não encontramos qualquer justificação para este atentado, pois ao que sabemos o eng.° Piçarra de Oliveira não tinha recebido qualquer ameaça», afirmou ao «DL» o porta-voz do Serviço de Relações Públicas da Standard Eléctrica. Ainda de acordo com a mesma fonte, as rajadas foram ouvidas no interior do edifício, mas a princípio, disse «pensámos que se tratavam de ruídos provocados pelos operários de uma obra que está em marcha nas proximidades».

As «Forças Populares 25 de Abril» reivindicaram o atentado em chamada telefónica para a Redacção Central da Anop. O alegado porta-voz das «FP-25 de Abril» disse que o atentado teve por objectivo «obrigar a administração da Standard a reedmitir os trabalhadores despedidos e a cumprir as ordens do Tribunal».

Representando Balsemão na reunião do grupo parlamentar do PSD

Carlos Macedo confirma remodelação do Governo durante o mês de Agosto

Enquanto Balsemão garantia em Lamego que não aceitaria liderar um segundo Executivo AD, Carlos Macedo, representando-o na reunião do grupo parlamentar do PSD, que durou oito horas e só terminou às 6 horas da manhã de hoje, confirmou aos participantes que haverá remodelação do Governo durante o próximo mês de Agosto. O ministro acrescentou que só tinha retirado o seu pedido de demissão por, exactamente, ter obtido garantias de que essa remodelação do Governo se realizaria já no próximo mês. O clima de relações entre os dirigentes da AD continua, entretanto, a ser marcado por declarações contraditórias e por ataques pessoais. Rui Amaral, deputado do PSD e um dos responsáveis pelo Projecto de Estatuto do Deputado, afirma, numa entrevista hoje publicada pelo «Tempo», que Balsemão «traiu em público a confiança no grupo parlamentar». Em Lamego, o Primeiro-Ministro voltou, por outro lado, a atacar o Presidente da República, dizendo que Ramalho Eanes procedeu «como Pôncio Pilatos» no caso da Lei da Delimitação dos Sectores.

As declarações de Rui Amaral ao «Tempo» demonstram que a «crise» criada no PSD pela intervenção de Balsemão na TV, em 15 do corrente, está longe de se poder considerar sanada: o deputado acusa o Primeiro-Ministro de ter «desferido um golpe mortal na filosofia e no espírito do próprio PSD» e classifica a sua intervenção de «grave e gratuita», considerando imperdoável que Balsemão «venha ameaçar a Assembleia da República de poder ser o Governo, primeiro responsável pelo cumprimento das leis, a violar essas mesmas leis».

Pág. 4

Agressor do Papa condenado a prisão perpétua

Ali Agca à saída da segunda audiência do processo em que foi condenado a prisão perpétua por atentado contra a vida de João Paulo II. (Telefoto UPI/ANOP/«DL») **Págs. centrais**

Meio milhão de estudantes vão reprovar este ano

• Professores pessimistas sobre o próximo ano lectivo

Pág. 7

Hoje: "Ler/Escrever"

O nosso suplemento literário «Ler/Escrever» publica hoje variada informação literária e editorial e nele se fala também de Eça de Queiroz, de Jaime Salazar Sampaio, de Alexandre Koyré, de Jose Gomes Ferreira, etc. Colaboram neste suplemento José Coutinho, Isabel Pascoal Melo, Christian Delacampagne e, ainda, um poema inédito de Joaquim Benite: «Memórias».

Debates televisivos

A programação da RTP inclui debates televisivos. Nem todos terão sido organizados para corresponder a interesses autênticos de informação e de esclarecimento dos concidadãos. Algumas vezes terão sido promovidas exibições ministeriais em roda livre. Estamos a recordar-nos de um debate sobre a política do MAP e das intervenções, em catadupa verbal, do respectivo titular. Estamos a recordar-nos de jornalistas intimidados perante o senhor ministro ou apostados em agradar ao senhor ministro.

Ontem, em «PRIMEIRA PÁGINA», Margarida Marante promoveu um confronto

Continua na pág. 20

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

RV COFRAGENS

Quinta do Conde
Coina — 2830 — Barreiro

RV RAMOS & VARELA, L.DA
COFRAGENS
TEL. 2019903

Neves de Sousa enviado especial "DL" viaja com

REPORTAGEM NAS PÁGINAS DE DESPORTO

AVIS Rent a Car

CRIAÇÕES TEATRAIS

ESTREIA 6.ª-FEIRA

SÓ 9 ESPECTÁCULOS

Jorge

Autor Antony West; Enc. José Gil

DIARIAMENTE ÀS 21.30 NO

CENTRO SOCIAL E CULTURAL DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO

ROSSIO – 113

comunicação social

Suspensão de Álvaro Graça continua a gerar polémica

O Sindicato dos Jornalistas denunciou ontem a forma «irregular e ilegal» como está a decorrer o processo de suspensão do jornalista Álvaro Graça, iniciado a 23 de Junho último pela Administração do «Comércio do Porto». Em comunicado, o SJ afirma que o jornalista recebeu uma nota de culpa 24 dias após a sua suspensão, contra o que está estipulado pelo Contrato Colectivo que determina a apresentação de tal nota num prazo máximo de dez dias. O documento frisa que a dita nota não refere qualquer acusação concreta e remete simplesmente para o processo de suspensão, cuja consulta «foi interdita» pelo instrutor designado pelo Conselho de Administração do «Comércio do Porto», a pretexto de «decisão superior». O jornalista tem três dias para responder às acusações formuladas pela nota de culpa, prazo considerado insuficiente, tanto mais quanto o processo não está ao alcance do defensor sindical encarregado do assunto.

Um director do sindicato do Porto, Jorge Ribeiro, declarou que Álvaro Graça fora suspenso inicialmente por ter escrito uma carta à comissão de trabalhadores daquele matutino, manifestando a sua preocupação pela situação do jornal, segundo foi dito verbalmente pela administração à CT. Jorge Ribeiro referiu que Álvaro Graça denunciava nessa carta a situação de degradação de vendas do matutino e a relação pré-judicial deste com a «Gazeta dos Desportos», que tem com o «Comércio do Porto» uma administração e direcção comuns.

Álvaro Graça teria colocado na carta uma série de questões que denunciavam a utilização, por parte da «Gazeta dos Desportos», do «Comércio do Porto», o que estaria a prejudicar gravemente a situação económica deste último jornal, onde o jornalista trabalha. A publicação por parte de alguns jornais do Porto, nomeadamente o «Jornal de Notícias», da situação denunciada por Álvaro Graça, de que o sindicato se fez eco, está a originar, segundo Jorge Ribeiro, viva polémica entre estes dois matutinos, na capital nortenha.

Jorge Ribeiro salientou que qualquer processo disciplinar terá de começar, segundo a lei, pela apresentação ao visado de uma nota de culpa, no prazo máximo de dez dias, prazo que foi largamente desrespeitado.

A partir daí, frisa Jorge Ribeiro, todo o processo enferma de ilegalidades e irregularidades e o sindicato manifestou já ao secretário de Estado da Comunicação Social, num recente encontro, a sua preocupação pela situação de o «Comércio do Porto» e, particularmente, de Álvaro Graça.

Delegada da Anop em Macau

A Anop vai ter a partir de 1 de Agosto um delegado em Macau, segundo anunciou ontem o Conselho de Gerência daquela agência noticiosa. Maria Cecília Magalhães, de 30 anos, jornalista desde 1973, que se encontra a trabalhar desde 1979 para o Governo local, foi a escolhida. Com a abertura da delegação de Macau, a Anop pretende aumentar consideravelmente o fluxo noticioso entre Portugal e aquele território, estando a ser estudada a implantação, dentro em breve, de uma ligação telegráfica directa entre os dois pontos.

Quatro jornalistas detidos no Brasil

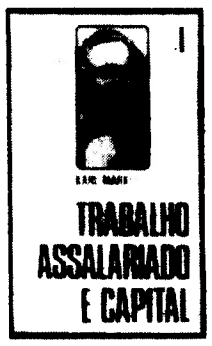
A Direcção do Sindicato dos Jornalistas ao tomar conhecimento da detenção e posterior condenação de quatro jornalistas brasileiros, pela justiça militar de Rio Grande do Sul, enviou à Embaixada do Brasil em Lisboa um telegrama de protesto contra a violação do mais elementar direito de liberdade de informação no Brasil. Os jornalistas brasileiros – Omar Bessio Trindade, Carlos Rafael Guimarães Filho, Boavista Laux e Elmar Bones da Costa, todos membros da Coordenadora de Jornalistas de Porto Alegre – foram submetidos à pena de cinco meses de prisão por terem divulgado relatórios do Exército sobre guerrilhas. Em nota divulgada pela Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre afirma-se que os documentos sobre guerrilhas reproduzidos na reportagem (vencedora do Prémio Esso de Jornalismo de 1980) «foram obtidos de forma ética e lícita». De resto, a própria «Auditoria Militar de Porto Alegre reconheceu esse facto».

Traduzidos com um rigor científico só assegurado pelas Edições Avante, dois novos lançamentos na colecção «Biblioteca do Marxismo — Leninismo».

Do socialismo utópico ao socialismo científico

Friedrich Engels

Após assinalar o papel histórico do socialismo utópico e os seus pontos fracos, Engels explica quais foram as premissas do aparecimento do socialismo científico.



Trabalho assalariado e capital

Karl Marx

Peça importante dos escritos de Karl Marx, que Engels, em 1891, alterou ligeiramente tendo em vista a sua divulgação massiva junto do operariado.

D6

edições Avante!

Concurso DL 81

Envie as colecções até 20 de Agosto

Terminada a Repetição das duas Séries de Cupões e do Boletim de Identificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.ºs 1 a 30 de qualquer das séries).

Lembramos que:

● **O leitor deve usar apenas um boletim** por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.

● **O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal;

● **O TALÃO RECIBO** deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado, terá de juntar um selo de correio de 8$50. Coloque o selo visivelmente, junto do Boletim, de forma a não o inutilizar – não use fita gomada, não agrafe e não cole (pode prender com um pequeno «clip»).

● **O PRAZO DE ENVIO** termina em 20 de Agosto de 1981 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviadas para

DIÁRIO DE LISBOA – CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA

● **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções;

● **O APURAMENTO DAS COLECÇÕES** será feito entre 7 e 15 de Setembro, sendo esta última a data prevista para o sorteio.

CONCURSO DL

Os números atrasados poderão ser adquiridos na Rua Luz Soriano, 17

HORÁRIO: 09.00 ÀS 18.00
ABERTO À HORA DO ALMOÇO
ENCERRADO AOS SÁBADOS DOMINGOS E FERIADOS

FOLHETIM ARTÍSTICO

Pessoa por interpostas pessoas

José-Augusto França

Pessoa, Fernando, revisitado ou revivido em duas exposições aqui e acolá; de qualquer modo agora, como se diz num país que pouco no agora sempre vive. Com o dito Pessoa, porém, há que ter cuidados de tempo porque o agora dele não ou nunca é o nosso, entre um ontem mítico pela seríssima via do «canular» que é a «Mensagem», e um amanhã sabe-se lá como ou o quê, nestas costas viradas para as costas que ocidentalmente temos, com o «Merda!» lançado ao sucessivo tempo dos vários e medíocres mandões que nele nunca mandaram. E com a defesa das tantas ginjinhas por dia, e duma Ofélia alfacinha, mais Ofélia do que tem sido entendido para Hamlet semelhante...

... Duas exposições, então: a do Costa Pinheiro, vinda de Munique para a Fundação Gulbenkian com um excelente catálogo, que, diga-se em parte já saiu, em 79, das páginas do n.º 40 da «Colóquio/Artes»; e a que a Teresa Rita Lopes com Maria Fernanda de Abreu foram fazer em Madrid - Barcelona -Santiago de Compostela- Salamanca- Granada, com bibliografias e imagens, e também um notável catálogo de que, sem ter visto a exposição, aqui posso e devo falar.

Chama-se a exposição espanhola «Fernando Pessoa, el eterno viajero», título mais que certo para um homem que não evoluía mas viajava, sem precisar de sair do Martinho da Arcada, com os cotovelos fincados naquela mesa-secretária que o Almada não pintou, nem o Costa Pinheiro, lembrando-se de outra ou imaginando-a de quatro pernas, quando ela era, afinal, de estilo «Império», por outras razões que não as do «Quinto». Vê-se, autenticamente e mesma, na Fundação Gulbenkian.

36 vitrines ou painéis recolhem ali a lembrança possível do poeta-história, como toda a história, feita do que resta...

O itinerário é correctamente mitificado – e o catálogo acrescenta-lhe uma dimensão iconográfica, de fotografias de família e de rua, necessariamente solitárias tanto quanto são acompanhadas as outras, e de quadros ou desenhos de artistas: o Almada, em 35, quando da morte (mas teria sido bom lembrar o desenho de 1913, já exposto no Porto quando do I Congresso Pessoano, em 79), faltando (só dado em gravura) o famoso retrato dos «Irmãos Unidos» ou a réplica da Fundação Gulbenkian (1954 e 64), não em carne e osso, que não caberia no quadro prático da mostra, mas que no catálogo faz falta, e os heterónimos imaginados, por Almada, para boa cultura dos alunos da Faculdade de Letras de Lisboa, do lado de fora da porta: o Campos, o Reis, o Caeiro (teria valido a pena pôr-lhes a data que têm: 1957-61); o Júlio Pomar, o Jorge Martins, o Mário Botas, o inútil Castañé, e ainda imagens de Cruzeiro Seixas, Vítor Belém, Pedro Chorão, Lino António, Sá Nogueira, Bartolomeu Cid e Maria Gabriel, de Vieira da Silva e de Fernando de Azevedo. E de Costa Pinheiro.

Se o famoso «Normandia» de Cassandre, em 1936, não parece boa ilustração para a viagem africana de Pessoa (N.º 4), se há legendas trocadas sob as casas que habitou em Lisboa (N.º 9), outra imagem bibliográfica fala-nos do «sucedantismo» em oposição ao «interceccionismo», não esquecendo o «vertigi(ni)smo» nem o «associacionismo», termos que valerá a pena dilucidar, um dia menos literário, atentando na definição gráfica que o poeta lhes fornece. E ainda outra espécie dá-nos, em fatigada, final caligrafia, o último verso que Pessoa escreveu, na véspera de morrer: «I know not what to-morrow will bring». Ele não sabia o que o dia seguinte traria; melhor do que, na tradução proposta, «lhe aconteceria» («me ocorrirá»), porque não só a ele tal dia havia de interessar, e não era em si próprio que Fernando Pessoa certamente pensava, no quadro da sua necessária e fatal metafísica. Ou da nossa...

Mas deixemos este notável documento e álbum, com a notícia de tão positiva iniciativa do Instituto Português do Livro da Secretaria de Estado da Cultura, para falar da exposição de Costa Pinheiro, que no catálogo tem textos do Eduardo Lourenço, do José Cardoso Pires, do Noronha da Costa, do artista, e outros.

Embora prejudicada por uma acrochagem banalizante, que não contribui para o entendimento profundo das obras, não estabelecendo entre elas uma relação criativa com revelação sucessiva do seu mistério latente (os próprios espaços, exactamente!), a exposição de Costa Pinheiro não deixou de ser uma das principais que em Lisboa se viram neste ano-estação que acaba. Uma das principais, em termos artísticos, mais do que isso nos termos mitológicos que lhe assistem. Porque, tanto quanto de Fernando Pessoa, é da possibilidade nacional de Fernando Pessoa que se trata e porque falar de tal possibilidade é falar da nossa – por interposta pessoa, havida ou a haver. Se jamais...

Costa Pinheiro fala de Portugal, exilado no estrangeiro há longos anos e de lá vendo e sentindo o viver pátrio, e nele intervindo pelo jogo das suas imagens em que sempre entra, confessional e distante, amoroso e furioso, acusando, perdoando e lamentando o que assim é e assim parece não poder deixar de ser. Há tantos anos já! Por isso, antes de Pessoa, Costa Pinheiro entreteu longo diálogo com reis e príncipes de Portugal, perguntando-lhes o que tinham no coração e nos bofes, nos ventres, alto e baixo, e nas linhas das palmas das mãos. É uma série hoje preciosa, que não podia ter sido bem vista nos anos 60 da sua realização, ou vista então de uma banda só, anti-regime, quando, ainal, hoje em dia...

Os reis do Costa Pinheiro (como o D. Sebastião do Cutileiro em Lagos), o Camões que o José de Guimarães vai publicar (como o que Cutileiro já talhou, friorento, e espera de vulto e lugar) e este Pessoa de agora, entra num sinuoso discurso mítico em que a nossa arte se torna necessária, ou fatal, a par de alguma poesia, de pouca literatura, de algum, pouquíssimo, cinema, de algum, ainda menos, teatro. E dos ensaios que, entre o Jorge de Sena das Américas e o Eduardo Lourenço das Europas, vão fiando saudades, enganos vãos, ledos encantos, amores ingratos...

AS PALAVRAS PERDULÁRIAS

Quatro momentos dum jornal irregular

José Manuel Mendes

O povo nas ruas: energia colectiva, a festa polícroma da esperança que toda a borrasca reanima. E as imagens que vêm do mundo livre: seara de alegria, força material de novas transformações. No tecido contraditório do tempo que vivemos, este 1.º de Maio inflama as asas da fermentação. Hoje é já amanhã quando as massas se não enredam nos conformismos e demissões. Quando a luta revolucionária, atentos os diferentes ritmos do percurso, se não anemiza com o irrealismo anarquizante. O Albano, operário maleiro, meu camarada, dizia, à tarde, enquanto a manifestação se organizava: eles não gostam, mas é também aqui que o povo constrói a liberdade.

Também aqui. Nesta praça do canto comum, com o Cabrera a lembrar-nos os mortos da América Latina: chama testemunhal que vai, de mão em mão, à alta peanha dos sonhos que se farão vida.

De novo o silêncio. Rumoroso. Deito-me na noite, sobre o lado esquerdo. Quem sopra, na branca rede da cal, as coloridas bolas de sabão onde todo o repouso principia?

Passo o domingo a ler. Jornais, revistas, livros. Política, Literatura, História, Monografias sobre questões do património natural e cultural. E uma obra empolgante: **Vladimir Pozner se souvient**, escrita rija e enxuta, serena, atravessada de emotividade. A memória, muito pessoal (até por isso fecunda, enriquecedora, não clichética), de Brecht, Chklovski, Picasso, Elsa Triolet (por quem os homens se perdiam de amores), Dashiell Hammett, Pasternak, Chaplin (o vivíssimo e inimitável Chaplin), Léger, Ivanov, alguns mais. Uma galeria de gente veraz em cujo convívio refazemos um pouco do nosso próprio itinerário. Os grandes artistas sempre nos ajudaram a gostar de viver. Eis-me, pois, em paz comigo, a meio caminho entre o impulso criador e a preguiça saboreada, ao ouvir, através da mira técnica da TV, a voz rouca e lúcida de Patxi Andíon, o Niel Diamond (suave e familiar melancolia), as dulcificadoras cascatas da esperança no timbre da Joan Baez de há uns anos, cantando a insubmissão e a coragem.

A tarde escoa-se numa ampulheta lenta. Olho pela janela o voo das aves e, súbito, redescubro outras tardes assim: tocadas do halo discreto da aventura, do prazer das pequenas coisas (quantas vezes submersas) num quotidiano de urgências e cansaços.

Morreu Bobby Sands, heroicamente. Dói no mais íntimo da nossa indignação. Quantos mortos ainda necessários até à vitória da liberdade e do devir no Ulster? Quantos para que Thatcher, a fria e reaccionária governante britânica, caia, por pura e simples falha de alicerces humano-sociais na sua política, repudiada pela maioria dos ingleses?

Quantas vidas revolucionárias, Bobby, a nascer da tua morte?

● O Governo português disse ontem «estar seguindo com a maior apreensão a escalada de violência no **Líbano**» e considerou «condenáveis todas as acções de violência quer contra Israel quer contra aquele país».

Em declaração, o Ministério dos Negócios Estrangeiros diz que as acções israelitas «assumem carácter particularmente grave não só por serem perpetradas pelo exército regular de um Estado soberano contra outro estado soberano, em total desrespeito por elementares princípios das relações internacionais, como pela dimensão trágica que vem assumindo».

Acrescenta que tais acções «provocam perdas humanas e danos materiais que afectam populações civis inocentes».

O documento diz ainda que o Governo português se «associa aos apelos de cessar-fogo proferidos em diversas instâncias internacionais» e reitera o seu apoio à procura de uma solução que estabeleça a total soberania do Governo libanês sobre o seu território e ponha cobro a ingerências estranhas àquele país.

● Com o objectivo de debater a actual situação política, nomeadamente no que diz respeito às implicações para a juventude, da actuação do Governo «AD»/Balsemão, realiza-se no próximo domingo uma reunião da CC da Juventude Comunista Portuguesa.

A reunião que terá lugar no CT do PCP na Rua Soeiro Pereira Gomes, debaterá ainda questões relacionadas com a actividade da JCP.

● O novo embaixador de Portugal junto das organizações internacionais em **Genebra,** Fernando Reino, deve chegar à Suíça em meados de Agosto, soube-se de fonte diplomática.

Fernando Reino, actual chefe da Casa Civil do Presidente da República, apresentará, à chegada, ao director-geral das Nações Unidas, uma carta do ministro português dos Negócios Estrangeiros acreditando-o junto da ONU.

Nas Nações Unidas e organizações internacionais não existe a cerimónia de apresentação de credenciais.

Fernando Reino substitui em Genebra Adriano de Carvalho que a 29 de Agosto regressa a Lisboa para posteriormente ocupar as funções de representante diplomático português no Brasil.

dos anti

● Os artigos referentes à **Imprensa** foram os que mais controversos se revelaram na reunião de ontem da subcomissão parlamentar que está a examinar os projectos de revisão constitucional – disse um dos presentes.

A subcomissão concluiu ontem o primeiro exame das propostas de alteração dos 49 primeiros artigos da Constituição, correspondentes aos «princípios fundamentais» e aos títulos um (princípios gerais) e dois (direitos e liberdades) da parte primeira (direitos) da Constituição.

A subcomissão vai apresentar ao plenário da comissão, que se reúne hoje, relatórios sobre o exame comparativo dos projectos de alteração dos primeiros 50 artigos da Constituição.

● O dirigente do PS responsável pelo Poder Local, Eduardo Pereira disse, numa entrevista hoje publicada no «Tempo», que os socialistas se apresentarão com listas próprias nas Autárquicas de 82.

«O PS – precisou – sempre se apresentou às eleições autárquicas com listas próprias e não vejo qualquer razão para que se modifique a sua atitude anterior».

Justificando a sua afirmação, Eduardo Pereira afirmou que «os militantes da UEDS e/ou da ASDI não reúnem experiência própria que os qualifique especialmente para serem integrados nas listas do PS».

● Os sociais democratas açorianos consideraram que a comunicação que **Mota Amaral** dirigiu na segunda-feira à população da região foi «pautada pelo realismo e bom senso».

Num comunicado emitido em Ponta Delgada, a comissão política regional do PSD, afirma que Mota Amaral demonstrou que o Governo «está seguro das dificuldades e dos meios necessários para debelar a crise», aceitando, no entanto, as «propostas realistas e construtivas que as forças sociais e políticas houverem por bem fazer».

O PSD, partido que suporta o actual executivo açoriano, acusa no seu documento o PS de ignorar os Açores quando teve a responsabilidade dos Governos da República, ao «promoverem desordenadamente a produção leiteira continental, com preços artificiais».

Os sociais-democratas açorianos adiantam, ainda, que o PS revelou à saciedade a sua «incapacidade como partido de Governo», visto ter sido «desastrosa a administração da sua responsabilidade».

Em relação à sua anunciada deslocação a Lisboa (prevista para ontem à noite como o «DL» noticiou) Mota Amaral adiou-a para a próxima semana, «devido a afazeres inadiáveis».

um filme de ALAIN RESNAIS

PROVIDENCE

um jogo de memória que tenta aprisionar personagens

DIRK BOGARDE · ELLEN BURSTYN · sir JOHN GIELGUD

galardoado com 7 CÉSARES
pela ACADEMIA DE ARTES E TÉCNICAS DE CINEMA

melhor FILME DO ANO *
melhor REALIZADOR *
melhor GUIÃO e DIÁLOGO *
melhor MÚSICA *
melhor SOM *
melhor MONTAGEM *
melhor DECORADOR *

quarteto 3.ª SEMANA

EASTMANCOLOR NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS FILMES OCIDENTE

CONSTRUÇÕES

RUIVO DO MONTE

UMA CASA À MEDIDA DA SUA BOLSA

CONSULTE-NOS JÁ PELO TEL. 24128 – SETÚBAL. VENDAS TODOS OS DIAS: RUA CIDADE DA BEIRA, LOTE 58-A EM SETÚBAL. RUA DO EITO, N.º 28, 2900 SETÚBAL

Deputados do PSD reuniram até às seis da manhã

Carlos Macedo confirmou remodelação governamental em Agosto

Terminou já depois das seis da manhã a reunião do Grupo Parlamentar do PSD. Face à ausência – por compromissos oficiais – de Pinto Balsemão, este foi substituído por Carlos Macedo nas explicações aos deputados.

Amândio de Azevedo e Sousa Tavares foram os mais críticos a Pinto Balsemão, enquanto o ex-dissidente Costa Andrade assumiria a defesa do presidente do partido.

Para além da contestada intervenção na RTP de Pinto Balsemão que se insurgiu contra o Estatuto do Deputado e a revisão da Lei da Amnistia, foi feito um balanço à actividade governamental.

«Haverá remodelação governamental em Agosto» – afirmou Carlos Macedo justificando assim o motivo que o levou a retirar o pedido de demissão.

Todos os deputados criticaram a intervenção do Primeiro-Ministro na Televisão. O grupo dos críticos mais empenhados do Primeiro-Ministro (não mais de 20) defendeu que Balsemão deveria ser censurado pela referida intervenção, tanto mais que é o Governo que dimana do Parlamento e não este daquele.

A outra linha, na qual se salientou Costa Andrade, embora considerando que a intervenção suscita o melindre dos deputados defendeu que em nome dos interesses do País e do partido a pessoa do Primeiro-Ministro não deveria ser posta em causa.

Uma das moções rejeitadas era subscrita por Sousa Tavares e Amândio de Azevedo e a outra por António Vilar.

Ambas foram rejeitadas por perto de 40 dos cerca de 60 deputados presentes.

Sousa Tavares apresentou primeiro uma moção «extremamente dura» para Balsemão que retirou, subscrevendo depois com Amândio de Azevedo uma das duas que foram votadas – referiu um apoiante da segunda moção.

António Vilar, o autor da segunda, fez, por seu turno, uma das intervenções mais duras para o Primeiro-Ministro de todas as produzidas na reunião.

Durante as quase oito horas consecutivas que durou a reunião, verificaram-se dezenas de intervenções.

Carlos Macedo falou aos deputados, nomeadamente acerca do encontro que teve com Balsemão e que o fez retirar o seu pedido de demissão – salientou um dos deputados presentes.

Conversa de oito horas, até às 6 da manhã

Liderar ou não liderar

Pinto Balsemão «não põe sequer» a hipótese de liderar um novo Governo AD – segundo afirmou em Lamego no final de uma visita oficial. Quanto à «temperatura política» deste Verão, o Primeiro-Ministro sublinhou «o Verão poderá ser quente ou não, conforme a tomada de consciência das forças políticas de que há problemas a resolver e regras democráticas a cumprir».

A tentar demonstrar grande firmeza, o Primeiro-Ministro adiantou que o «seu Governo não cederá um palmo de terreno a quem se opõe ao progresso económico e social do País».

O «chumbo» pelo Conselho da Revolução da Lei de Delimitação dos Sectores, foi mais uma vez, tema para declarações do Primeiro-Ministro. O Presidente da República foi acusado de ser «Pôncio Pilatos» por dizer: que «por um lado, promulgaria a lei e, por outro, que compreende os argumentos daqueles que a vetaram. Pôncio Pilatos é uma figura histórica, mas todos sabemos porque ficou na História» – sublinhou Balsemão.

Pinto Balsemão – tal como Morais Leitão o faria no debate ontem à noite na Televisão – adiantou que o Governo AD vai contornar o veto da Delimitação dos Sectores com o desenvolvimento de outros mecanismos legais, como as Sociedades de Investimentos.

O fogo, a seca

Um agravamento de 20 a 25 milhões de contos no Orçamento Geral do Estado e o recurso à cooperação internacional para utilização de meios técnicos no combate aos incêndios foram mais duas afirmações de Pinto Balsemão na sua deslocação a Lamego e Viseu.

A revalorização do dólar, conclui o Primeiro-Ministro, foi apontada como a causa de grande parte dos problemas económicos com que o nosso país se debate neste momento.

LOURES

25.º aniversário

do Concelho de LOURES

5.ª EXPOSIÇÃO
Feira Agrícola
e Industrial
de 18 a 27 de Julho

Depois do triunfal sucesso de "A ROSA"

BETTE MIDLER

é a

Divina Loucura

ela é
DINAMITE
FENOMENAL
A DIVINA DO ROCK
no mais FRENÉTICO espectáculo
que já se viu!

Prod. e Real. de MICHAEL RITCHIE Arg. de JERRY BLATT, BETTE MIDLER, BRUCE VILANCH Prod. Exec. HOWARD JEFFREY Director of Photography WILLIAM A. FRAKER, A.S.C. Filmed in Panavision Color by Technicolor A Ladd Company Release A Hugh Wilson Film A Touchstone Release

HOJE ÀS 21.30 H — ESTREIA VOX

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

Banda sonora gravada em discos Atlantic distribuida por Rádio Triunfo

As medidas de substituição da Lei dos Sectores

PCP acusa o Governo de sabotar a economia nacional

«Tal como o grande patronato a seguir ao 25 de Abril sabotou a economia nacional, diminuindo a produção e os investimentos, também este Governo, representante dos mesmos senhores, proclama como seu objectivo a sabotagem da economia nacional», afirma a SIP do PCP em nota ontem divulgada.

Comentando o novo pacote de medidas de austeridade recentemente divulgados pelo Governo, nomeadamente a ameaça de cortes nos investimentos do sector público e as novas facilidades a conceder às sociedades de investimento, o PCP considera que elas são apresentadas «como represália contra a declaração de inconstitucionalidade da sua lei de delimitação dos sectores». Acrescentando que o corte nos investimentos nos sectores básicos irá provocar a diminuição da produção, o aumento do desemprego e o marasmo económico o PCP afirma que estas medidas evidenciam o «desespero do Governo AD-/Balsemão» e são «expressão exacta dos objectivos fundamentais por ele visados com a sua lei de delimitação dos sectores: a revisão inconstitucional da Constituição, a subversao do regime, a continuação das grandes negociatas com a entrega da banca, dos seguros e sectores básicos do grande capital, a reconstituição do poder económico e político dos monopólios».

Ainda segundo o PCP, os objectivos do Governo são ainda mais claros quando anuncia «despudoradamente» modificações no regime jurídico das sociedades de investimentos «procurando por outra via a criação inconstitucional de bancos privados».

Comentando afirmações do Governo no sentido de que a não aprovação da lei de delimitação dos sectores irá impedir o investimento e o desenvolvimento o PCP considera que tem sido «o aumento das taxas de juro, a contracção do crédito, a política económica e financeira da AD de degradação do nível de vida dos portugueses» os factores que favorecem essa situação.

«A actuação anticonstitucional do Governo torna cada vez mais premente a sua demissão como uma exigência nacional», prossegue o PCP, acrescentando que «o coro de histerismo desencadeado pela AD e pelo seu Governo pretende alijar responsabilidades do fracasso da sua política económica e financeira, desviar a atenção dos aumentos que acaba de anunciar e preparar a opinião pública para novas medidas mais gravosas».

Temperatura volta a subir no Partido Socialista

Deputados e órgãos dirigentes reúnem amanhã e no sábado

A Comissão Nacional do Partido Socialista reúne no próximo sábado tendo como principais pontos de agenda o exame da situação no Grupo Parlamentar e a preparação da anunciada «ofensiva de Outono» que o partido lançará depois das férias.

A reunião daquele órgão máximo dos socialistas constituirá o cume de dois dias de debates que se iniciam amanhã à tarde no Grupo Parlamentar, para depois continuarem à noite, na Comissão Política.

Recorde-se que, enquanto nos órgãos do partido, Mário Soares e os seus apoiantes gozam de confortável maioria, os seus opositores controlam o Grupo Parlamentar.

Não se sabe ainda se o Grupo Parlamentar conseguirá resolver as divergências que nele se têm notado a propósito da eleição de uma nova direcção, em que estejam representadas as duas principais correntes partidárias, já que nos últimos dias não se realizaram contactos que permitissem um acordo, embora haja vontade, por parte de todos os intervenientes nesta questão, de se conseguir consenso na matéria.

No entanto, a ameaça dos «soaristas» de intervirem administrativamente no Grupo Parlamentar, poderá encontrar um óbice relevante na lei – é que o Regimento da Assembleia da República determina que os Grupos Parlamentares se auto-organizam. Diz o art.º 19.º daquele diploma que «cada Grupo Parlamentar estabelece livremente a sua organização» e esta disposição poderá dificultar quaisquer tentativas para submeter os deputados socialistas ao controlo directo dos órgãos partidários eleitos depois do Congresso do Coliseu.

Se não houver acordo no Grupo Parlamentar, na tarde de sexta-feira, a questão voltará a ser discutida à noite na Comissão Política e no dia seguinte, sábado, na Comissão Nacional.

Outro ponto que será discutido quer pela Comissão Política quer pela Comissão Nacional liga-se à análise da situação político-partidária. Aqui será debatida a sua incidência na vida interna do Partido Socialista e, também, a ofensiva que será lançada depois das férias e que Mário Soares anunciou há algumas semanas.

Neste ponto será muito provavelmente discutido um relatório sobre a situação económica portuguesa elaborado pelo Conselho Económico do partido, presidido pelo eng. Walter Rosa, órgão que teve hoje à tarde a sua primeira reunião. Do Conselho Económico, tanto quanto o «DL» conseguiu apurar, não fazem parte alguns dos mais prestigiados economistas socialistas, como Vítor Constâncio e João Cravinho.

A Comissão Nacional de sábado vai também deliberar sobre a versão final do seu próprio Regimento e ainda discutir as moções parcelares que não chegaram a ser discutidas e votadas, por falta de tempo, no Congresso do partido, realizado em Junho no Coliseu dos Recreios.

Saneamento

O gabinete de Imprensa do Partido Socialista divulgou entretanto, que um militante do PS, gestor do Centro de Exploração de Coimbra da Rodoviária Nacional, foi afastado pelo Conselho de Gerência daquela empresa pública, apenas por motivos políticos. Segundo o PS, aquele técnico – eng. Albertino Reis e Sousa – dera reconhecidas provas de competência profissional e o seu afastamento, sem qualquer aviso prévio, destina-se a assegurar o controlo partidário da AD na RN.

Mário Tomé foi substituído

333 deputados passaram por S. Bento em 1980-81

A Comissão Permanente da Assembleia da República aprovou ontem, na sua mais curta reunião de sempre, a entrada em funções do tricentésimo trigésimo terceiro deputado na actual sessão legislativa.

Em reunião efectuada de manhã, a Comissão Permanente ratificou a substituição de Mário Tomé (UDP), único deputado do único partido que desde o início da sessão legislativa ainda não tinha procedido a qualquer substituição na sua bancada.

Embora seja de 250 o número de deputados eleitos e dos que em cada momento se acham em efectividade de funções, o mecanismo das substituições fez com que, além dos 250 eleitos em 5 de Outubro, tenha havido mais 83 deputados no ano parlamentar de 1980/81.

Ao longo do ano todos os partidos parlamentares procederam a substituições entre os seus deputados, através da entrada em funções do candidato não eleito do mesmo partido que se seguia na lista submetida ao sufrágio em Outubro de 80.

Assim, o PSD, elegeu nesta data 82 deputados, 24 dos quais foram substituídos, o que fez aumentar para 106 o número dos que este partido teve em todo o ano parlamentar.

O PS, por seu turno, elegeu 66 deputados mas, pelo processo das substituições, fez entrar em S. Bento mais seis, ascendendo assim a 72 a soma dos parlamentares socialistas em toda a sessão legislativa.

O CDS elegeu 46 deputados e, através do mesmo processo fez entrar em funções mais 25, pelo que o total dos parlamentares deste partido ao longo da sessão foi de 71.

O PCP elegeu 39 deputados mas, pelo referido processo, 13 candidatos não eleitos deste partido ocuparam outros tantos lugares no grupo parlamentar comunista ao longo do ano, pelo que a soma atingiu 52.

O PPM elegeu seis deputados e fez entrar em S. Bento mais cinco candidatos, sendo 11 o total de monárquicos que foram deputados nesta sessão legislativa.

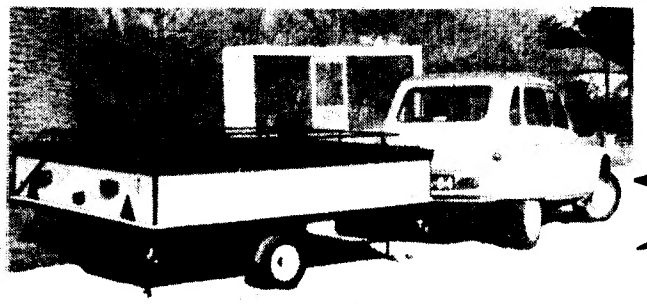
A UEDS elegeu quatro deputados mas fez entrar temporariamente em funções, em substituição de outros, três dos seus candidatos não eleitos pelo que ao longo do ano teve no total sete deputados.

A ASDI obteve também quatro lugares no hemiciclo, nas eleições de 5 de Outubro, mas devido ao mecanismo das substituições, sentaram-se mais três pessoas nesses lugares ao longo da sessão pelo que o total foi de sete.

O MDP/CDE elegeu dois deputados e através de sucessivas substituições fez sentar nas cadeiras da Câmara dos Deputados mais quatro candidatos pelo que ao longo do ano teve no total seis deputados.

O número de substituições de deputados em cada partido foi fornecido à ANOP pelos gabinetes dos respectivos grupos parlamentares.

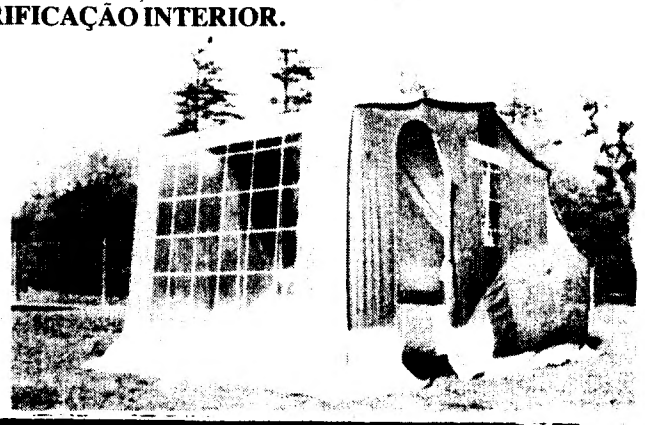
atrelado PELIANTE
COSTA VERDE



GRANDE PROMOÇÃO

MONTA-SE EM 5 SEGUNDOS FÁCIL
DE TRANSPORTAR. ROBUSTO E RESISTENTE.
COMPRIMENTO: 2,30. LARGURA: 1,75 M. PESO
TOTAL: 200 KG. ELECTRIFICAÇÃO INTERIOR.

E CONSULTE-NOS SOBRE AS NOSSAS
FACILIDADES DE PAGAMENTO



MOTOVELO — AV. BRASIL, 118-C — TEL. 897592
1700 LISBOA
ABERTO AOS SÁBADOS DURANTE TODO O DIA

JUNTA
DE FREGUESIA
DA DAMAIA

MONUMENTO AO 25 DE ABRIL

O Júri do Concurso reunido em 14 de Julho, deliberou que a classificação fosse a seguinte:

1.º PREMIO — (MG 359)
Octávio Manuel Antunes de Freitas

2.º PRÉMIO — (PB-709)
José Carlos Ascenço Marini Bragança

3.º PRÉMIO — (FS 182)
Francisco José Correia da Silva e
Fernando Manuel da Silva Godinho

A EXPOSIÇÃO

Decorrerá a partir de sábado, dia 25, no Salão da Junta de Freguesia

ALGARVE
TERRENOS RÚSTICOS
Perto da praia, junto à Estrada Nacional, água e luz. Desde 30 000$00. Telefone 364651 (das 17 às 21 horas)

INTERLIVRO
LER uma forma de viver

Passe as férias com um amigo: o LIVRO
Até 31 de JULHO de 2ª a 6ª feira das 10 às 19 h.
Venha à INTERLIVRO
e levará com a nossa ajuda
um bom "amigo" para as suas férias
Livraria Interlivro
Rua Pedro Nunes, 9-A - Telef: 546304 - 1000 Lisboa
(METRO PICOAS)

Mário Castrim

Diáriotermal

Ingeriram a mesma porção de água, pelo mesmo copo, com os mesmos gestos. Após o que, deitados nas camas de repouso, lado a lado, ficam uma hora serenos, horizontais, imponderáveis, com as mãos cruzadas no peito.

Só falta escrever-lhes por baixo: «Até fim do mundo».

Pecado original

Como se chama esta pedra? Como se chama esta árvore? Como se chama este bicho?

Ignoro. Mas invade-me a consolação beata de que todas as coisas têm nome. De que a libertação, pelo baptismo, do pecado original do anonimato, chegou a todas as coisas, a todos os fogos.

A Deus, inclusivamente.

Diagnóstico

O dia de hoje sofre de uma doença hereditária e incurável chamada História.

Destino

Não há céu azul para as raízes.

O riso

À noite joga-se. Meia dúzia de távolas verdes. Não se pode estar de tanto fumo. Silêncio. Numa igreja, a tensão não é maior.

O diabo preside a cada mesa. Concessionário do Destino, ri-se.

Diferença

A nobreza decadente entregava ao azar a própria vida. A burguesia de hoje, decadente também, também ela se joga, no poquer. Em disputa, uma rodada de marisco.

Alelúia no pântano

Um pato, que depois vim a saber que era pata, voa ao lume de água, no pântano. Persegue-a o macho, azul e ouro, abrindo a água com a quilha do peito. Alcança-a, abraça-a. No êxtase, mergulham. É ainda abraçados que regressam.

Depois, cada qual para seu lado, sacodem-se, brincam, dançam. Glória, Senhor, a alegria afinal é deste mundo.

Palavra da salvação.

Poupança para habitação

É hoje publicada no «Diário da República» a portaria que regulamenta os novos escalões de crédito à habitação.

A referida portaria estabelece como limite máximo de empréstimo o montante global de 3500 contos para uma família cujo rendimento anual bruto é fixado num escalão que vai dos 600 aos 1200 contos, numa casa cujo preço por metro quadrado não exceda os 27 contos.

O escalão mais baixo de empréstimo passa a ser de 1600 contos para um agregado familiar cujo rendimento anual seja de 280 até 350 contos e o preço da casa por metro quadrado até 22 contos.

São ainda fixados mais dois escalões: de 350 até 450 de rendimento familiar corresponderá um empréstimo até 2000 contos, com um valor máximo por metro quadrado de 25 contos; de 450 até 600 contos de rendimento, poderá ser concedido um empréstimo de 2750 contos para uma casa a 25 contos por metro quadrado.

A inaugurar no sábado por Ramalho Eanes

Armas no Museu Militar para recordar e viver a morte

Nós os portugueses demos durante séculos cartas em matéria de armamento, até ao limite, no tempo, em que o aço substituiu o bronze como matéria-prima na fabricação. Um dos nossos grandes trunfos foi a artilharia, em que inclusivamente chegámos a apresentar algumas inovações.

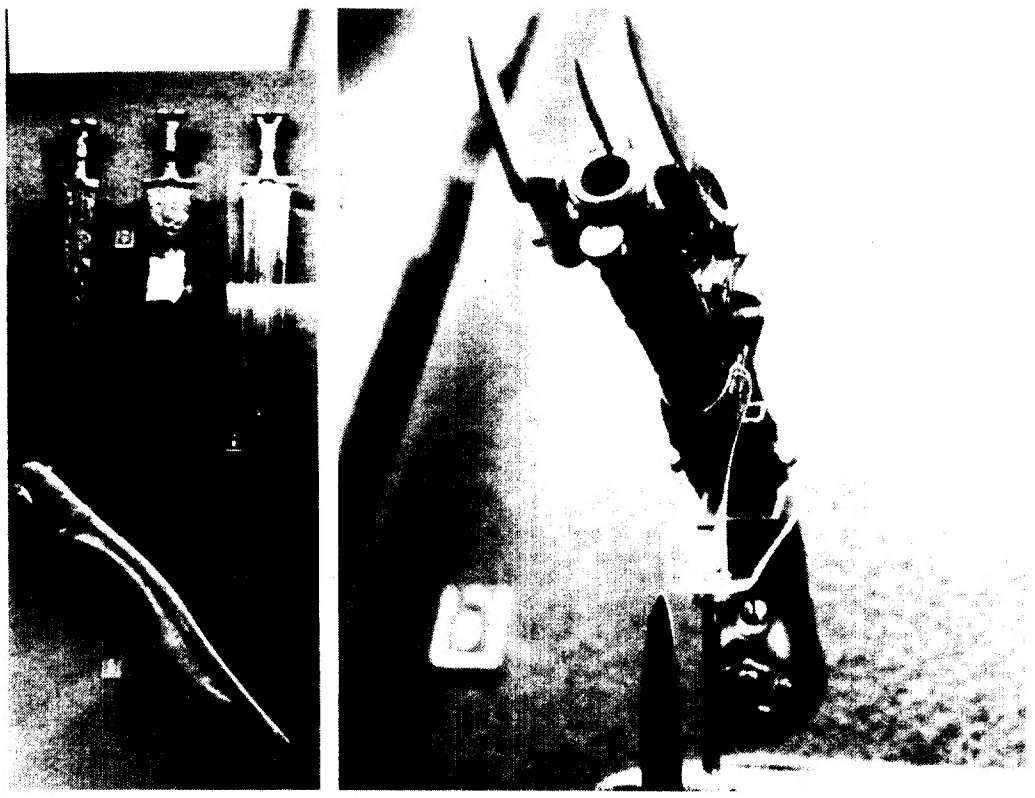
Uma exposição sobre as «Armas em Portugal», no Museu Militar, que no sábado será inaugurada pelo Presidente da República, procura dar uma panorâmica sobre as suas «origens e evolução». Pelas três salas ontem apresentadas aos jornalistas distribuem-se dezenas de armas, desde o «coup de poing» pré-histórico à recente G3 que fabricamos, ou à FN que importámos.

As três salas foram preparadas para dar o maior relevo possível às peças expostas, em que as armas de apoio têm um papel importante, dominando a parte central de cada uma das divisões. Tapadas as janelas, para impedir a dispersão do visitante, os tectos belíssimos foram discretamente iluminados com um objectivo duplo: não os encobrindo, impedir que ofusquem o brilho das vitrinas.

Um pormenor curioso da nossa história referente à indústria de armamento foi apontado por um especialista: a ocupação espanhola significou a destruição total da nossa capacidade, tendo sido levados para o país vizinho cerca de 1200 canhões.

A independência impôs-nos o recomeço da actividade armamentista, mas até que fosse possível restaurar as nossas forças recorremos à importação maciça de peças compradas à Holanda e à Inglaterra.

O percurso da exposição dá, ainda, para considerar o carácter de classe que as próprias armas assumiam. Por exemplo, aí encontramos três punhais de oficial de marinha portuguesa ou um exemplar de espada para oficial de infantaria.



Alguns dos exemplares da exposição «Armas em Portugal», no Museu Militar, são verdadeiramente valiosas. É o caso da requintada pistola que reproduzimos

Desde a introdução das armas de fogo, de que há um exemplar fabricado entre nós em meados do século XVI e considerada uma das primeiras em todo Mundo, é possível seguir, nesta exposição, a evolução seguida no aperfeiçoamento do material pirobalístico.

Tal acontece, por exemplo, com as armas de apoio que preenchem os centros da sala. Aí se encontra desde o precurso do actual lança-foguetes – levando o nome do seu inventor Congrève e encontrado por acaso numa arrecadação com a respectiva munição – até um órgão dispondo de vários canos e que indesmentivelmente faz lembrar os actuais «órgãos Estaline» e similares para «rockets».

Ao longo dos expositores será possível encontrar algumas verdadeiras maravilhas de armamento vário, incluindo espadas e adagas, pistolas, bacamartes e quejandos, como sejam esmerilhões, clavinas e carabinas. E há acessórios como os polvorinhos e, por exemplo, um cinto de caça bordado a matiz que fez a delícia das senhoras presentes.

É ver, leitor, é ver e, servindo-se do catálogo procurar perceber como tudo o que vai vendo está relacionado com a história, com a colonização portuguesa e suas especificidades, com a nossa estrutura económica, com o desenvolvimento industrial.

Vejamos que não resulta do acaso o nosso desenvolvimento em matéria de artilharia, pensando nas praças portuguesas que se resguardavam ao longo de costas, por vários mares.

Ou veja o que aconteceu no século XIX, quando a revolução industrial e tecnológica permitiu um salto brutal na sofisticação e na capacidade de matar.

Passou-se, então, a ter capacidade para brocar bronzes e cavar-lhes na alma as estrias indispensáveis a uma maior precisão.

Siga o catálogo, se resolver entrar nesta viagem, mas nunca feche os olhos perante o esplendor de algumas das coisas que vê. Aconselhamos-lhe que procure ir sempre um pouco mais longe.

E recorde que alguns dos objectos que verá poderão ser réplicas, obras perfeitíssimas, algumas delas saídas das mãos de artífices do próprio Museu Militar. E entre as três condecorações que no sábado serão impostas pelo Presidente da República, uma delas vai exactamente para um desses homens, de seu nome António Luís.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE OEIRAS

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE «REFORÇO DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA À PEDREIRA ITALIANA — LAVEIRAS»

Faz-se público que em reunião do Conselho de Administração de 13/7/81, foi deliberado abrir o concurso público em referência.

As propostas deverão ser entregues no prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação do presente aviso no «Diário da República».

A abertura das propostas terá lugar no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de 30 dias, pelas 14.30 horas, na sala de reuniões destes Serviços, perante a Comissão para esse fim nomeada.

O preço base é de 1.470.868$00.

A caução provisória é de 36.772$00.

Alvará exigido — não especificado em virtude da base ser de montante inferior a 1.500 contos.

O processo do concurso poderá ser consultado, durante as horas de expediente na Secretaria dos Serviços Municipalizados de Oeiras.

Oeiras, 13 de Julho de 1981

O Presidente do Conselho de Administração

Alfredo Carreiro Melo de Carvalho

PUB.

IRRESISTÍVEIS!

UMA REVISTA ÚNICA EM CENA

MONTEZ • C. GUIA

ERMELINDA NICHOLSON NATÁLIA

ANTÓNIO FEIO • CREMILDA GIL
VIEIRA DE ALMEIDA • CARLOS IVO

PAGA AS FAVAS!...

A SENSACIONAL REVELAÇÃO
MARIA VIEIRA

NO ADÓQUE

☎ 87 44 76
De 3.ª a 5.ª às 21.30
6.ª e Sáb. às 20.30 e 22.45
Dom. às 16 e 21.30
Folga 2.ª feira

As fabulosas jovens do Adóque!

1.º CONCERTO SINFÓNICO DE AGUALVA-CACÉM

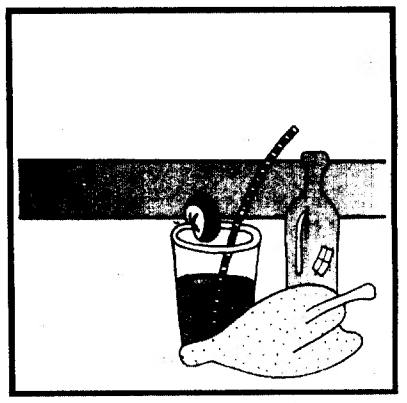
Pela Orquestra do TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS, dirigida pelo maestro, dr. Manuel Ivo Cruz

5.ª-feira, dia 23 às 21.30
no JARDIM DE INFÂNCIA POPULAR na Rua Elias Garcia, 52 — Cacém

Organização:

JUNTA DE FREGUESIA DE AGUALVA-CACÉM

NÃO tome banho sem ter feito a digestão



a palavra com...

Mário Murteira

Anicet Le Pors, ministro francês da Função Pública, é um dos quatro comunistas que participam no Governo de Mauroy. Conheci-o em Lisboa, depois do 25 de Abril, quando veio a Portugal integrado numa missão técnica da OCDE. É um homem competente, do ponto de vista técnico, corajosamente comprometido na causa do socialismo e cujas raízes ideológicas mergulham no catolicismo francês progressista, o que significa que encontrámos fáceis pontos de contacto em itinerários pessoais que remontam a Mounier e Teilhard de Chardin além do próprio Marx. O seu último livro, publicado o ano passado, tem o sugestivo título de «Madeleine à l'encan», que poderíamos traduzir por «A França em leilão». Reflectindo os pontos de vista do P.C.F. – bastante crítico, como seria de esperar, das posições socialistas da altura – A. Le Pors critica a orientação da política giscardiana, a sua **estratégia de declínio** – como lhe chama – em submissão fiel à hegemonia norte-americana, aos interesses do capitalismo transnacional em gestação, e opõe-lhe uma **estratégia de autogestão nacional** (também expressão sua) capaz de salvaguardar a independência económica e política da França e evitar o seu arrastamento pelo movimento descendente dos capitalismos ocidentais em crise.

Ninguém poderia prever em 1980 nem o espectacular triunfo de Mitterrand, nem a participação dos comunistas num Governo socialista apoiado por uma assembleia onde os socialistas dispõem de confortável maioria. Tão-pouco seria previsível que esta inesperada participação comunista no Governo fosse acompanhada de forte redução da base eleitoral do P.C.F., o primeiro facto, aliás, só compreensível quando se atenda ao segundo.

A questão, pois, que se poderia perguntar a Le Pors e aos seus camaradas comunistas é **se a França já não estará em leilão,** ou dito de forma menos sibilina:

O actual Governo da França terá vontade e condições para efectivamente se autonomizar na sua política externa (e daí na interna), ainda que não embarquemos nas ilusões de certo radicalismo de esquerda, que em Portugal floriu com os cravos e algo contribuiu para que os mesmos rapidamente fanassem?

Claro que só a experiência nos responderá, mas parece legítimo especular sobre algo tão decisivo não só para os franceses como para muitos mais, para os próprios portugueses.

É difícil tomar inteiramente a sério uma estratégia de independência nacional defendida por um partido comunista de larga tradição pró-soviética. O mesmo se poderá dizer de partidos filiados na Internacional Socialista, tão bem condicionados pelos E.U.A. e R.F.A. Ficar por aqui, no entanto, sentenciando na tranquila consciência da esquerda bem-pensante, cuja pureza ideológica é tão sólida como a sua incapacidade prática, seria ficar bem à superfície das coisas.

Vem a propósito recordar certas afirmações de Mitterrand no seu livro «Ma Part de Verité» (1969) que é tão revelador da personagem. Diz que, infelizmente «o socialismo tem produzido mais teólogos do que sábios». Que «a esquerda não é eficaz quando se trai a si mesma. Sem moral política, é pior do que a direita, pois engana a esperança».

E quanto aos homens do grande capital?

Esses, «que pareciam odiar-se na véspera, arrebatados pelas suas paixões contraditórias juntam-se logo que o inimigo comum, o povo, as massas e os seus representantes naturais, acampam às portas da cidade sitiada. No fim de contas, arranjam-se sempre bem entre eles. A Pátria? A Democracia? Querelas vãs. Antes o ocupante, antes o ditador, que esse monstro de três patas e goela de serpente do mar, o socialismo».

Excepto, claro, quando o chamado socialismo é o melhor adversário do autêntico socialismo, como se viu em Portugal. Para que nos servem aquelas citações?

Para uma conclusão simples, mas a meu ver de importância crucial: o homem que originou autêntica vaga de fundo na cena política francesa tem estatura, não é um papagaio politiqueiro, nem uma cana agitada ao sabor do vento. Isto faz a sua diferença, pois as realidades ditas subjectivas podem ser tão ou mais importantes do que as realidades ditas objectivas. Circunstâncias objectivamente favoráveis ao socialismo podem não encontrar intérpretes à altura.

Para além disto, há também circunstâncias objectivas em França que justificam a esperança nessa **autonomia possível,** de que tenho falado. Refiro duas, não só importantes em si mesmas mas também particularmente merecedoras de atenção deste canto português da Europa: as relações da França com o Terceiro Mundo; o seu próprio envolvimento nas vicissitudes da integração europeia.

Qualquer destas duas dimensões da política externa francesa terá inevitáveis consequências nos terrenos mais decisivos da «grande crise» económica de que falei em artigo anterior. E, talvez mais claramente ainda do que em Portugal, a saída da crise francesa implica estratégia clara de ruptura com o sistema capitalista actual de relações económicas internacionais. Ruptura que para ter êxito será necessariamente prudente, mas também firmemente caracterizada nos seus objectivos, implícitos quando não explícitos. Em particular, será preciso evitar uma tendência característica de partidos socialistas, da própria S.F.I.O., antes da recomposição do campo socialista por Mitterrand, que ele caracterizou nestes termos, no livro citado:

«Procuravam as conciliações, as sínteses, casava-se a água e o fogo, eram muito felizes e faziam muitos filhos. Em suma, **pedia-se ao capitalismo que compreendesse que se compreendia melhor do que ele o seu próprio interesse.»**

Tudo isto requer, além do mais, capacidade criativa ao nível da elaboração e execução da política económica. Acontece que em França, talvez mais do que em qualquer outro país, existem numerosos economistas não ortodoxos, nas áreas da esquerda, que têm efectivamente coisas a dizer sobre a crise. Eles parecem capazes de germinar autênticas alternativas de esquerda às políticas **conformes ao sistema,** de que Barre foi bom intérprete em França, numa escola, aliás, de que tantos expoentes desfilaram pelos Governos portugueses nos últimos anos. E isto é particularmente de assinalar no caso do P.C.F. onde, apesar de tudo, à teologia e à dogmática no campo económico têm sucedido tentativas sérias de controlar a investigação social de inspiração marxista pelas exigências do autêntico método científico. Talvez que neste campo a relação algo conflitual que se pressente na aliança da esquerda francesa, entre socialistas e comunistas, possa ser fecunda para ambos, corrigindo as deficiências e carências de cada uma das partes, em lugar de acentuá-las, como tem sucedido entre nós.

No fim de tudo, perguntará o leitor, que perspectivas para Portugal nos abre esta experiência francesa, numa altura em que a alternativa à actual maioria se torna indispensável para sobrevivência do regime democrático? É ainda demasiado cedo para dizer algo neste terreno que não seja excessivamente subjectivo, mais conforme aos desejos de cada um do que à observação fria da realidade nacional.

Mas é sem dúvida altura de reconhecer que **Portugal já está em leilão** e que se existe esquerda no País terá de ter capacidade efectiva de influenciar... as paradas dos que pretendem comprar (e vender) o futuro dos nossos filhos.

ensino

E para o ano será pior...

Meio milhão de estudantes vão reprovar este ano

Cerca de meio milhão de estudantes dos Ensinos Primário, Secundário e Superior reprovarão o ano lectivo que está a terminar – previu ontem o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa (SPGL).

A população escolar é da ordem dos 1,8 milhões de estudantes – precisou.

Em conferência de Imprensa, o SPGL anunciou que só na zona da Grande Lisboa não há lugar no próximo ano lectivo para cerca de dez mil alunos no Ensino Secundário, tendo o Ministério da Educação dado ordens aos conselhos directivos para receberem todas as inscrições e «encaixarem os estudantes, aumentando o número de alunos por turmas e os períodos de funcionamento das escolas», além do recurso a vagas noutras escolas.

A direcção do sindicato declarou que o director-géral do Equipamento Escolar disse aos conselhos directivos que caso ainda haja alunos por colocar depois destas medidas «logo se verá».

Os dirigentes sindicais revelaram que em muitas escolas secundárias deixaram de existir bibliotecas, refeitórios e vestiários para fazer novas salas de aula e pátios de recreio foram ocupados com instalações prefabricadas, além de em vários estabelecimentos não haver aulas de Educação Física.

Os dirigentes sindicais criticaram também as condições em que funcionou nesta época o décimo segundo ano, sublinhando que 55 turmas chegaram ao fim do ano sem professores obrigando ao recuros a passagens administrativas.

Os dirigentes do SPGL afirmaram que as condições de funcionamento do décimo segundo ano levaram este ano à desistência de grande número de alunos, havendo casos de turmas que ficaram reduzidas a menos de metade.

Acusaram o MEC de «incapacidade e incompetência para organizar minimamente o sistema de exames do décimo segundo ano» e citaram o caso de alunos que prestavam provas de uma disciplina numa localidade e de outra disciplina noutra localidade, por exemplo, Lisboa e Oeiras.

As provas – afirmaram – «eram complicadas, mal feitas e improvisadas, o que faz prever elevado número de reprovações.

Sublinharam que para cerca de 38 mil alunos da via de ensino do décimo segundo ano há cerca de 12 mil vagas no conjunto das universidades portuguesas

Os dirigentes do SPGL revelaram que o décimo segundo ano será integrado na próxima época lectiva nas escolas secundárias, com 12 horas por semana de aulas, ficando as actuais escolas do décimo segundo ano como dependências.

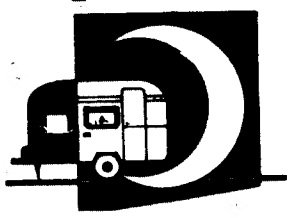
As consequências desta integração não foram previstas pelo Ministério – afirmaram.

O SPGL considera que os programas do décimo segundo ano foram improvisados e que há casos de disciplinas que repetem matérias de anos anteriores e outras em que há grandes saltos qualitativos, faltando ao aluno conhecimentos básicos.

Depois de sublinhar que há cerca de 50% de reprovações nos exames, que nalgumas disciplinas se elevam a mais de 80%, os dirigentes sindicais afirmaram que o rendimento escolar piorou em resultado da degradação das condições do ensino em Portugal.

AS SUAS FÉRIAS

Luarcampo



TUDO PARA CAMPO E PRAIA

CARAVANAS C. M. (4 modelos)

ATRELADOS TENDA } Troia 2001, Mira 2000, Monsanto, Alvor

TENDAS: Cozinha - Canadianas 2 e 3 quartos

EXPOSIÇÃO - De 2.ª a 6.ª feira, das 9.30 às 13 h. e das 15 às 20 h.

SÁBADOS - das 9 às 13 h.

Rua Quinta das Lavadeiras, 10-A e 10-B
1700 LISBOA
(ao fim da Estrada do Desvio ao Lumiar) – Telef. 79 73 00

SECRETARIA NOTARIAL DE LEIRIA

PRIMEIRO CARTÓRIO

NOTÁRIO: Lic. JOÃO CAETANO NUNES GUERREIRO.

Certifico que, por escritura de 23 de Junho findo, exarada de fls 50 a fls 51 v.º, do livro de «Escrituras Diversas» 172 B, deste Cartório, se operaram os seguintes actos em relação a «AFONSO GUILHERME FERREIRA & FILHOS, LIMITADA» sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com sede e estabelecimento em Lisboa na Rua da Imprensa Nacional número trinta e quatro.

A)

Foi elevado de duzentos contos para mil e seiscentos contos o capital social.

O aumento de mil e quatrocentos contos ficou representado na seguinte forma:

O sócio Afonso Guilherme Ferreira subscreveu a quantia de seiscentos e cinquenta contos pelo que passou a ter uma quota de setecentos e cinquenta contos.

A sócia Gracinda Felicidade Rebelo subscreveu a quantia de cinquenta contos pelo que passou a ter uma quota de cem contos.

O sócio Luís Manuel Rebelo Ferreira subscreveu a quantia de setecentos contos pelo que passou a ter uma quota de setecentos e cinquenta contos.

As quantias subscritas ficaram realizadas em dinheiro.

B)

Foi mudada a sede social. Em consequência do aumento e da mudança da sede foram alterados os artigos primeiro e terceiro e o corpo de artigo quinto do pacto social que passaram a ter a seguinte redacção.

PRIMEIRO

A sociedade adopta a firma AFONSO GUILHERME FERREIRA & FILHOS LIMITADA tem sede e estabelecimento em Lisboa, na Rua da Esperança número quatro, segundo, podendo ser transferida a sede por deliberação da assembleia geral e durará por tempo indeterminado.

TERCEIRO

O capital social é de mil e seiscentos contos e representa-se na forma seguinte: uma quota de setecentos e cinquenta contos do sócio Afonso Guilherme Ferreira; uma quota de cem contos da sócia Gracinda Felicidade Rebelo; e uma quota de setecentos e cinquenta contos do sócio Luís Manuel Rebelo Ferreira.

QUINTO

A gerência, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral, fica a cargo de todos os sócios, que entre si distribuirão os respectivos serviços. Para obrigar validamente a sociedade é suficiente a assinatura de qualquer dos gerentes Afonso Guilherme Ferreira e Luís Manuel Rebelo Ferreira, feitas em nome individual.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Leiria, seis de Julho de mil novecentos e oitenta e um.

A AJUDANTE

Maria Teresa Matias Jorge Marçal

INACREDITÁVEL!!!
OS SALDOS NAS SAPATARIAS RAINHA PREÇOS ABAIXO DO CUSTO
Só vendo!

R. PASCOAL DE MELO 135-A
LARGO DO CALHARIZ, 1
TERMINAL DO ROSSIO PISO 4 LOJAS 430/1
RUA MARIA ANDRADE, 37-A-B

TRIBUNAL CÍVEL

2.ª Publicação

DA

COMARCA DE LISBOA

16.º JUÍZO

ANÚNCIO

FAZ-SE saber que pelo 16.º Juízo Cível, 3.ª Secção, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos da executada Almirur-Urbanização e Construções, SARL, sociedade comercial anónima de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa, na Rua Conde Redondo - 64-4.º Dt.º, para no prazo de dez dias, posteriores aos dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução ordinária com o n.º 68/78, movida por Macorelli — Materiais de Construção e Revestimento, SARL, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 16 de Julho de 1981

O Juiz de Direito;
a) Manuel Luís Pinto Sá Ferreira

O Escriturário Judicial
a) Filipe Carlos Sousa

de ontem para hoje

Epal "explica" torneiras vazias

A EPAL informa, em comunicado ontem divulgado, que as deficiências ainda existentes no sistema de abastecimento de água à região de Lisboa são devidas essencialmente aos seguintes factores: «dificuldades na reconstituição das reservas nos depósitos de distribuição o que não permite cobrir as pontas de consumo diurno e provoca um generalizado abaixamento de pressões muito significativo; disponibilidades de produção ainda insuficientes». Para a EPAL, a situação actual é devida «aos elevados consumos resultantes da continuidade das temperaturas altas que se têm verificado há muitos dias». Assim, a EPAL renova o apelo à população abastecida para limitar os consumos ao indispensável e, em especial, evitar desperdícios de água.

No primeiro semestre deste ano: 500 mil contos de contrabando apreendidos pela Guarda Fiscal

A Guarda Fiscal anunciou ontem que no primeiro semestre deste ano apreendeu bens com um valor total superior a quinhentos mil contos. No âmbito de contrabando de importações a GF empreendeu 959 acções. O sector mais atingido foi o de máquinas de jogos (mais de 87 mil contos), segunido de transportes de mercadorias e viaturas automóveis (mais de 85 mil contos) e géneros alimentícios (cerca de cinquenta mil contos). Em matéria de divisas, a GF anunciou que apreendeu 798 contos a indivíduos que se apresentaram para passar as fronteiras. Numa breve análise comparativa entre os resultados do primeiro semestre dos anos de 1980 e 1981 verifica-se que, no âmbito fiscal, as cifras obtidas em 1981 são 82 por cento superiores. No que se refere a divisas, os valores atingidos são inferiores, o que – diz a GF – «pode significar um decréscimo no interesse por este tipo de fraude». No que respeita ao serviço de fronteiras, pode ver-se em relação a 1980 – diz a GF – que o movimento de passageiros nacionais aumentou em 33,9 por cento e que o movimento de estrangeiros foi superior em 14 por cento.

Reclusos de Coimbra em greve da fome: «solidariedade das forças democráticas»

Quatro reclusos do Estabelecimento Prisional de Coimbra tiveram ontem à noite alta clínica abandonando a Prisão Hospital de Caxias, segundo informou ontem o director daquela instituição. Presentemente, acrescentou, encontram-se ali quatro detidos devido a terem iniciado uma greve da fome contra as condições na prisão de Coimbra. O movimento de presos de Coimbra, recorde-se, iniciou-se há mais de 25 dias contra determinações da administração da cadeia consideradas injustas pelos presos, que pretendem a demissão do director e de um subchefe dos guardas prisionais. A Comissão de Luta contra a Repressão, que apoia os presos, apelou ontem para a «solidariedade dos trabalhadores e das forças políticas democráticas no sentido de fazerem ouvir a sua voz para que se evite a morte dos detidos em greve da fome, alguns dos quais em estado grave no Hospital de Caxias».

José Tristão: detido em Espanha por «desvio» de raparigas menores

José Alberto de Jesus Rodrigues Tristão, de 29 anos, natural de Espinho, foi ontem preso pelas autoridades espanholas, em S. Sebastian, sob suspeita de estar envolvido na fuga de duas menores (de 13 e 15 anos) residentes na localidade de Renteria. Os familiares das jovens pensaram, a princípio, tratar-se de um caso de rapto, até que na última terça-feira as duas raparigas telefonaram para os pais dizendo que se encontravam bem e que iriam regressar a casa. Posteriomente, foram localizadas pela Polícia num bar de Renteria e entregues aos pais. As autoridades tentam agora averiguar o grau de responsabilidade de José Tristão na fuga das menores e se houve estupro.

Bombeiros portugueses: preparação deficiente para torneio na Alemanha Federal

Os bombeiros portugueses mostraram ontem falta de treino adequado em função do material que irão utilizar no Sétimo Concurso Internacional de Manobras de Bolinger, na Alemanha Federal. As equipas portuguesas dos Voluntários de Portalegre e dos profissionais do Batalhão de Sapadores de Lisboa, que estão habituados a outro tipo de material, entram em prova no próximo sábado. As representações de bombeiros serão classificadas em função do melhor tempo no conjunto da prova técnica e da estafeta. O major António Mateus, chefe da representação portuguesa, salientou a importância da presença de Portugal naquela competição, «destinada – disse – a aprender, competir e conviver». O major António Mateus acrescentou que de futuro as equipas de bombeiros portugueses, com os ensinamentos colhidos, poderão estar ao nível das melhores corporações presentes.

Ainda a morte de Maria Cordeiro

Viúvo da doente em desacordo com o Instituto de Oncologia

Publicou o «DL», na sua edição de 14 de Julho último, uma «carta-esclarecimento» do prof. José Conde, director do Centro de Lisboa do Instituto Português de Oncologia, na qual repudiava acusações impressas em duas crónicas assinadas pelo nosso camarada de Redacção Manuel Geraldo, a propósito da morte, em circunstâncias que os familiares consideram menos naturais naquele estabelecimento hospitalar, da doente Maria Lídia Aguiar Cordeiro, de 46 anos, residente no Rio de Mouro. Manuel Geraldo nas suas crónicas limitou-se a transcrever, com leves comentários, factos narrados, pela filha e pelo marido de Maria Lídia. Factos que, posteriormente, teve oportunidade de comprovar em parte perante testemunhas oculares dos acontecimentos. Na sua maioria doentes ambulatórios, familiares mas também algumas, enfermeiras e mesmo médicos do Instituto de Palhavã. Que, por precaução, pediram o anonimato.

Ir buscar a roupa

Pela nossa parte não consideramos a questão encerrada sem dar a possibilidade ao viúvo de Maria Cordeiro de emitir o seu ponto de vista nesta dolorosa emergência.

Reafirma Álvaro José Cordeiro, apartado 12-2735-Rio de Mouro-Codex: «Algumas das enfermeiras que assistiam à minha mulher, ao saberem que ela era militante comunista, passaram a desligar-lhe a campainha da cama: o leite que lhe era servido de duas em duas horas era azedo; a comida vinda da Manutenção Militar era intragável (sobretudo para quem como a minha mulher estava tão doente); durante a noite algumas enfermeiras – pavilhão novo, primeiro piso – não prestavam assistência aos doentes, por isso desligavam as campainhas; a minha mulher no dia 26 de Novembro último, poucos dias antes da sua morte, quando regressava do Pavilhão Central (1.º piso), depois de ser radiografada, transportada numa maca, foi atirada para cima da cama da doente ao lado, também quando o prof. José Conde afirma que só por duas vezes as enfermeiras viram o marido e a filha da Maria Lídia no hospital, será de perguntar ao senhor doutor, e às enfermeiras suas testemunhas, quem era que ia buscar a roupa da doente para lavar todos os dias. Aqui se prova a falta de atenção das tais profissionais que ou não têm vocação para o lugar que ocupam, ou são cegas, ou então fingiam não ver, porque o signatário e a sua filha nos longos dias em que ali estiveram nunca as viram na sala de visitas; no Instituto Português de Oncologia, não existe comida em condições, no pavilhão em que a minha mulher esteve são o eram os familiares das doentes quem levava a comida e outros géneros. Não existem sequer máquinas de lavar a roupa dos pacientes. Sendo assim, para onde vai o produto dos peditórios anuais a nível nacional, o subsídio da Fundação Gulbenkian e os subsídios do Estado. Não chegam para suprir às carências que enumerei, sr. prof. José Conde.»

E termina Álvaro Cordeiro: «Deixo este caso à vossa apreciação, em particular, e às dos leitores do «DL», em geral; para provar o que afirmo e o que me foi dado constatar do dia 2 de Junho deste ano a 29 do mesmo mês, lanço um alerta e convido, desde que tal seja facultado, a todos (ou quaisquer) dos órgãos da Comunicação Social deste País que me acompanhem numa visita ao Instituto de Oncologia de Lisboa, para que possam constatar tudo o que acabo de denunciar; no que refere, ao prof. José Conde, e para finalizar, daqui lhe lanço o desafio para que se levante da sua secretária e passe a verificar o que acontece nas enfermarias, porque ler apenas o que vem escrito no «diário» elaborado pelas enfermeiras-chefes e não só, não chega, baralha, e depois dá o resultado, de que a carta publicada no «DL» é a prova exemplar».

Círculo de Leitores

10 ANOS 1971-1981

CONCURSO 10º ANIVERSÁRIO meio milhão de sócios

RESULTADOS DO SORTEIO

1.º PRÉMIO

UM ANDAR EM LISBOA
QUINTA DE STA. CLARA
NO VALOR DE 2 018 976$
N.º 212350
Joaquim Fernando R. Monteiro
Rua 5 de Outubro
VILA CHÃ DE OURIQUE

2.º PRÉMIO

UM OPEL KADETT 1.3
CARAVAN 5 PORTAS
NO VALOR DE 515 000$
N.º 044348
Maria Cândida Matos Barbosa
Rua Monte da Giesta, 32, 3.º-E.
GIESTA - RIO TINTO

3.º PRÉMIO

UM FIAT 127
3 PORTAS
NO VALOR DE 297 000$
N.º 055067
Ana Ramos Nunes
Rua 1.º de Dezembro, 1
7230 BARRANCOS

4.º, 5.º E 6.º PRÉMIOS

TELEVISOR A CORES PHILIPS, ÉCRAN DE 51 cm VALOR 49 200$

N.º 230056
Alfredo Araújo Pereira
Rua Francisco Foreiro, 3, 2.º-E
LISBOA

N.º 116048
Almerindo José Vendas Coutinho
Rua Luís de Camões, 15, 1.º-E.
ALGÉS

N.º 025020
Maria Teresa L. Esperto
Rua Particular, H.A. 1.º-D.
Galinheiras
LISBOA

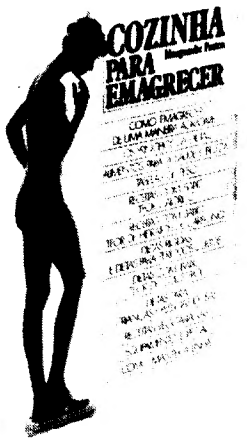
TODOS OS PREMIADOS SERÃO AVISADOS POR CARTA, NA QUAL SE INDICARÁ A FORMA DE RECEBEREM O PRÉMIO.

OS PRÉMIOS DEVEM SER RECLAMADOS ATÉ AO DIA 30-9-1981.

OS PRÉMIOS NÃO RECLAMADOS REVERTERÃO A FAVOR DE UM ESTABELECIMENTO DE ASSISTÊNCIA A INDICAR PELO GOVERNO CIVIL.

PARA SI!
que ainda não é sócio do Círculo de Leitores inscreva-se agora aproveitando estas condições excepcionais de inscrição

ADQUIRA O LIVRO
COZINHA PARA EMAGRECER ~~950$~~/450$
ISENÇÃO DE JÓIA DE INSCRIÇÃO



Muitos conselhos e receitas para, sem sacrifício, emagrecer e manter a linha.

REMETA-NOS JÁ HOJE O CUPÃO DEVIDAMENTE PREENCHIDO, UTILIZANDO PARA O EFEITO UM POSTAL DOS CTT
Queiram remeter-me a cobrança o livro COZINHA PARA EMAGRECER por apenas 450$ a fim de me inscrever como sócio do Círculo de Leitores
NOME:
MORADA:
C. POSTAL
CÍRCULO DE LEITORES
R. Eng. Paulo de Barros, 22
1599 LISBOA CODEX

Em face do "lock out" da administração

Mineiros da Panasqueira vão exigir nacionalização da empresa

Como resposta ao «lock out» ontem anunciado pela administração das Minas da Panasqueira, os trabalhadores decidiram em plenário realizado na rua, ao fim da tarde, deslocar-se a Lisboa na próxima semana, a fim de exigirem aos órgãos do poder a nacionalização da empresa.

Nas Minas da Panasqueira, exploradas pela multinacional Beralt, Tin & Wolfram, a maioria dos seus 1558 trabalhadores desencadearam há 13 semanas uma série de paralisações em apoio de um caderno reivindicativo. Entre os principais pontos do documento figuram a exigência de aumentos salariais de 10 por cento a partir de Janeiro (sobre os 10 por cento já concedidos pela empresa), o cumprimento integral de acordos já firmados com a administração sobre assistência médica, refeitório e habitação e várias regalias sociais, nomeadamente sobre diuturnidades e complemento do subsídio de doença.

A administração mandou «fechar todos os acessos à mina» e ameaçou com a instauração de processos criminais e disciplinares a quem entrar abusivamente nas instalações vedadas. E em carta entregue aos representantes dos mineiros, a Beralt, Tin & Wolfram afirma que a mina só voltará a funcionar quando os trabalhadores abandonarem as reivindicações actuais e pararem com a greve que se mantém há 13 semanas consecutivas.

Segundo um representante sindical, a resolução da administração da mina, que «caiu como uma autêntica bomba entre todos os trabalhadores», tem como objectivo pressionar os mineiros e intimidá-los.

É de referir que 20 por cento do capital da Beralt, Tin & Wolfram pertence ao Estado, o que torna ainda mais escandalosa esta situação, agora agravada com o «lock out».

Em Sesimbra

Patrão de pesqueiro em situação ilegal despede arbitrariamente 19 trabalhadores

O proprietário e mestre do pesqueiro «Graças a Deus», de Sesimbra, Augusto de Sousa Pinto Cunha, despediu 19 dos 34 pescadores que constituiam a tripulação do barco, apenas por estes não concordarem com as condições de matrícula por ele impostas unilateralmente. Entre essas condições, o patrão estabeleceu que 17 partes do pescado são para si (anteriormente ficava com 15) e uma parte para cada pescador. O documento, entregue na delegação marítima de Sesimbra, contém ainda cláusulas que não foram aceites e uma das quais contraria a legislação de trabalho em vigor, ao penalizar com despedimento «casos de agressão e falta de respeito», sem qualquer procedimento disciplinar.

Não obstante, estas condições de matrícula foram aceites pela delegação marítima de Sesimbra, onde os trabalhadores manifestaram a sua discordância.

O pessoal do «Graças a Deus» era no total constituído por 50 trabalhadores, sendo 34 da companha do mar e os restantes de terra. O proprietário resolveu matricular apenas os que se submeteram às suas condições, despedindo os restantes. E mesmo depois de estes terem reconsiderado a sua posição e de o caso ter sido objecto de uma reunião do Ministério do Trabalho, com a presença de um dirigente sindical, o patrão manteve-se intransigente, dizendo que não voltava atrás com a sua palavra.

Barco em situação ilegal

Acontece que na Capitania do porto de Setúbal e na delegação marítima de Sines, a prática é que os acordos ou condições de matrícula só são aceites se tiverem o visto do sindicato, o que neste caso, e em Sesimbra, não aconteceu. O delegado marítimo daquela área, segundo uma fonte sindical, tem afirmado aos pescadores não ser necessário tal visto, contrariando assim as normas da Capitania de que depende.

Por outro lado, o Sindicato dos Pescadores de Sesimbra apurou junto da Inspecção Geral de Navios que o «Graças a Deus» não é vistoriado há bastante tempo, pelo que a delegação marítima de Sesimbra, ao conceder-lhe licença de pesca nestas condições está a incorrer numa ilegalidade.

Ainda segundo o sindicato, os pescadores estão descontentes com a actuação daquela delegado marítimo, que se tem caracterizado por um «evidente favoritismo» em relação aos patrões, em prejuízo dos interesses dos trabalhadores.

top tours

eficiencia, rapidez, segurança ao serviço do Turismo.

FÉRIAS NA PRAIA 81

Algarve	Desde	300$00
Torremolinos	"	365$00
Benidorm	"	560$00
Funchal	"	10 970$00
Palma Maiorca	"	15 750$00
Ibisa	"	18 980$00
Canárias	"	18 800$00
Tânger	"	10 190$00
Jugoslávia	"	29 800$00
Bulgária	"	32 700$00
Roménia	"	25 900$00

RESERVAS E INFORMAÇÕES

Tribunal Judicial da Comarca de Oeiras

2.ª Publicação

No dia 2 de Outubro de 1981, pelas 11 horas, no tribunal desta comarca, nos autos de carta precatória n.º 96/81 pendente na 2.ª Secção do 3.º Juízo, vinda do 2.º Juízo Cível do Porto e extraída da execução sumária que a exequente Dismael-Sociedade Distribuidora de Malhas, Lda, com sede no Porto, move contra Rosado e Soares Lda., com sede na Rua Marques de Pombal, n.º 36, em Oeiras, hão-de ser postos em praça para se arrematarem ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no processo, 50 túnicas de seda com flores, 75 vestidos às riscas niss patch, e 20 vestidos de seda com flores.

Oeiras, 13 de Julho de 1981

O Juiz de direito,
(Jorge da Graça Ataíde Lobo)
O Escrivão de Direito,
(Joaquim Matoso Carreta)

Serviços Municipalizados de Oeiras

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE «ABASTECIMENTO DE ÁGUA E SANEAMENTO DO CASAL DA CHOCA — 1.ª FASE»

Faz-se público que em reunião do Conselho de Administração de 13-7-81, foi deliberado abrir o concurso público em referência.

As propostas deverão ser entregues no prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação do presente aviso no «Diário da República».

A abertura das propostas terá lugar no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de 30 dias, pelas 14 e 30, na sala de reuniões destes Serviços, perante a Comissão para esse fim nomeada.

O preço base é de 5 252 086$70
A caução provisória é de 131 302$20

O alvará exigido é da 3.ª subcategoria da V categoria ou V categoria e da classe correspondente ao valor da proposta.

O processo do concurso poderá ser consultado, durante as horas de expediente na Secretaria dos Serviços Municipalizados de Oeiras.

Oeiras, 13 de Julho de 1981

O Presidente do Conselho de Administração
Alfredo Carreiro Melo de Carvalho

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO

DIRECÇÃO-GERAL DA JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO

EMPRÉSTIMO SEGUR - 81

(Decreto-Lei n.º 197/81 de 9 de Julho)

ESC.: 3.000.000.000$00

(Três milhões de contos)

TAXA: 18%

Duração total: 5 anos

amortizável a partir do terceiro ano.

Totalmente subscrito pelas seguintes empresas seguradoras:

TRANQUILIDADE — SEGUROS, E.P.
MUNDIAL CONFIANÇA, E.P.
IMPÉRIO, E.P.
BONANÇA, E.P.
FIDELIDADE — GRUPO SEGURADOR, E.P.

Aliança Seguradora, E.P.
Fundo de Garantia Automóvel
Gan-Vie
Trabalho
Mútua dos Navios Bacalhoeiros
Victória
Garantia
Social
Cosec (Companhia Seguro Créditos, E.P.)
Europeia
Mútua dos Pescadores
Legal & General
Metrópole
Portugal Previdente
U.A.P. — Incendie Accidents
U.A.P. — Vie
Phoenix
Commercial Union
Assicurazioni General
Northern
Guardian
Royal Insurance
Seguro de Fronteira
Sociedade Portuguesa de Seguros
Mútua Arm. Pesca Sardinha
Portugal
Equitativa — Vida
España S.A.
Union Y El Fenix Español
Equitativa — Diversos
Gan — Incendie Accidents
Pearl
Mútua Arm. Pesca Arrasto
Royal Exchange

N. B. — Este anúncio não constitui qualquer oferta e deve ser entendido como mera informação pública.

Direcção-Geral da Junta do Crédito Público, em 22 de Julho de 1981.

O Director-Geral,
BRAZ DOS SANTOS

24 horas

INCÊNDIOS NA GRÉCIA – As autoridades gregas decretaram o estado de emergência em toda a região da península de Kassandra 164 kms para o sul de Salónica – devido às dimensões catastróficas do grave incêndio que atormenta as populações desde há dois dias.

LIBERTADA A VIÚVA DE ALI BHUTTO – As autoridades paquistanesas libertaram a viúva e a filha do antigo Primeiro-Ministro do Paquistão Ali Bhutto, anunciou hoje a agência de notícias local. Nusrat Bhutto, viúva do antigo primeiro-ministro condenado à morte e executado em Março de 1978, estava detida na prisão de Carachi e a filha, Benazir Bhutto, na prisão de Sukkur, 400 quilómetros a noroeste de Carachi. Estavam presas em consequência da lei marcial decretada em Março último, depois do desvio de um avião das linhas aéreas paquistanesas para o Afeganistão.

LUDMILA JIKOV – Um boletim médico revelou que a filha do presidente Todor Jikov, a segunda figura política da Bulgária, Ludmila Jikov, morreu devido a uma hemorragia cerebral súbita. À hemorragia seguiu-se uma «desordem irreversível do sistema respiratório e da pressão sanguínea» – adiantou o boletim que veio esclarecer as causas da morte de Ludmila anunciada sem pormenores pela agência búlgara BPA, há dois dias. O funeral da filha de Jikov está marcado para a tarde de hoje.

CHILE – Um engenho explosivo foi lançado na noite passada em Santiago do Chile, contra um imóvel onde se situa a sede do diário «Tercera Hora». O atentado causou prejuízos no tecto do edifício e provocou um princípio de incêndio. Segundo a agência «ORBE», citando fontes políticas, o atentado foi reivindicado por um «Comando Allende».

ABRAHAM KARDINER – Abraham Kardiner, um dos psicanalistas mais destacados dos Estados Unidos, faleceu ontem em Easton, no Estado de Connecticut, com 89 anos. Kardiner teve contactos com Sigmund Freud em Viena, nos anos 30, e foi também um dos co-fundadores do Instituto Psiquiátrico de Nova Iorque – refere o obituário publicado pelo «New York Times».

Suíça

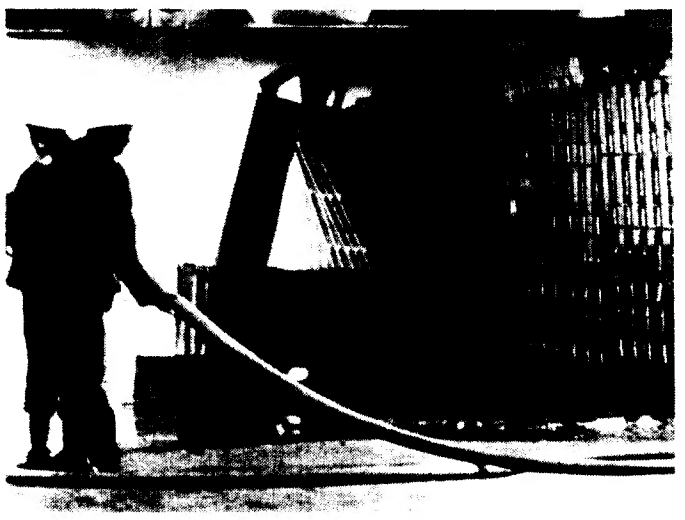
Quatro atentados nos últimos dias

A Estação Ferroviária Central de Genebra-Cornavin foi palco, na tarde de ontem, de um atentado à bomba – o quarto registado na Suíça em quatro dias – que provocou cinco feridos, dois dos quais em estado grave.

Segundo a Polícia, um dos feridos encontra-se em perigo de vida e, entre os restantes quatro, figura um americano de 21 anos.

À semelhança dos anteriores atentados, o de quarta-feira foi reivindicado pela «Organização do 9 de Junho», nome derivado da data da prisão, em Genebra, de um militante arménio que matou um funcionário do Consulado da Turquia.

A reivindicaçao foi feita, como nos restantes três casos, através de telefonema para os serviços da AFP em Genebra.



Um aspecto de uma estação de caminhos-de-ferro de Genebra depois de ontem aí ter deflagrado uma bomba (telefoto UPI/ANOP/«DL»)

Austeridade marcou comemorações dos 37 anos da Polónia socialista

A Polónia comemorou ontem, num ambiente social apaziguado depois da anulação das greves dos estivadores e dos funcionários da «Lot», o trigésimo sétimo aniversário do nascimento oficial da «República Popular», promulgada a 22 de Julho de 1944 em Lublin e em Chelm, as duas primeiras cidades libertadas do país.

Como anualmente, a festa nacional, dia feriado, foi marcada ao meio dia em Varsóvia e nas principais cidades, pelos 24 tiros de canhão tradicionais, e por várias cerimónias de colocação de flores perante monumentos à memória dos soldados polacos, mas também soviéticos, caídos pela libertação da Polónia.

Contudo, os tradicionais desfiles militares e fastos habituais nos anos anteriores, não estiveram presentes, sinal manifesto da nova política de economia e de austeridade.

Durante uma recepção ao corpo diplomático que se realizou anteontem à noite no palácio real do Wilanw (perto de Varsóvia), o primeiro-ministro aproveitou a ocasião para recordar o «carácter indissociável» da aliança e da cooperação entre a Polónia e a URSS e os países irmãos. Esses princípios, disse Jaruzelski, serão reforçados porque constituem «a garantia da existência da Polónia independente».

Preços dos alimentos vão duplicar

O preço dos géneros alimentícios na Polónia vai duplicar ou mesmo triplicar, no quadro da política de verdade dos preços que o Governo tenciona levar a bom termo para tirar o país da crise, disse, ontem, o ministro Zdzislae Krasinki, presidente da Comissão Governamental dos Preços.

Numa entrevista dada à agência PAP, o ministro não escondeu que estes aumentos eram «impopulares», mas que eram «indispensáveis» para restabelecer o equilíbrio do mercado interno, «desorganizado» por uma enorme inflação.

V

A intransigência do primeiro-ministro israelita, Menahem Begin, perante os aparentes esforços americanos para alcançar um cessar-fogo no Médio Oriente parece estar a provocar irritação contra o aliado tradicional dos Estados Unidos.

Foi o secretário para a Defesa, Caspar Weinberger, quem abriu fogo, criticando Begin, numa entrevista televisionada, por não haver assumido uma «atitude moderada».

O mais firme apoio de Israel nos Estados Unidos, o poderoso grupo de pressão pró-israelita do Congresso, ficou ele próprio abalado com as declarações do chefe do Estado judaico. Segundo uma boa fonte, a votação do auxílio militar e económico a Israel

Preso da C

A Polícia argentina deteve os oito membros do Secretariado da Confederação Geral do Trabalho (CGT) da Argentina na sequência de uma greve geral de 24 horas decretada em todo o país por aquela organização sindical.

Os primeiros a serem detidos foram José Rodriguez (mecânico) e Ricardo Perez (camionista), seguidos do secretário-geral da CGT, Saul Ubaldini.

Os cinco restantes sindicalistas apresentaram-se às autoridades e foram igualmente detidos.

O Governo argentino proibira a greve geral decretada para apoiar as exigências de aumentos salariais, reincremento do aparelho produtivo e regresso da democracia ao país.

Segundo as primeiras informações, veiculadas pela France Presse, a greve não terá sido

FILMES CASTELLO LOPES 60 apresenta

DOMINIQUE/GERALDINE
SANDA / CHAPLIN

A LIBERTAÇÃO... AS CONFIDÊNCIAS...
OS ANSEIOS DO AMOR!

Doces Fantasias

Le Voyage en Douce

ARGUMENTO E REALIZAÇÃO DE
MICHEL DEVILLE

INTERDITO A MEN. DE 13 ANOS
COLORIDO

PRODUÇÃO GAUMONT INTERNATIONAL

2.ª SEMANA quarteto

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

EDITAL N.º 55

José Martins Vieira, presidente da Câmara Municipal de Almada:

Faço saber que, fica notificada a senhora D. Lívia Júlia Soares Rocha, na qualidade de proprietária, com última residência na Rua António Nobre, número 3, nono andar direito, em Almada, que em reunião de oito de Maio de mil novecentos e oitenta e um, esta Câmara Municipal, nos termos do Artigo 166.º do Regulamento Geral de Edificações Urbanas, decidiu ocupar administrativamente o prédio e adjudicar as obras, para efeito, de executar as obras de reparação no último piso nascente, dada a existência de infiltrações através do terraço, em virtude de não ter dado cumprimento à notificação de seis de Agosto de mil novecentos e oitenta. (Processo - R/3675/77).

As despesas serão cobradas coercivamente, se não forem pagas voluntariamente pelo proprietário.

E, para constar, se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Almada, 23 de Junho de 1981

O PRESIDENTE DA CÂMARA

José Martins Vieira

Consulte as secções

de informações

Caminhos de Ferro Portugueses

República Centro-Africana

Proclamado novamente o estado de emergência

O presidente da República Centro-Africana, David Dako, proclamou o estado de emergência no país.

Numa alocução difundida pela rádio, Dako encarregou a tropa, a guarda e a Polícia de apoiarem a ordem e apelou à população para «redobrar de vigilância».

No fim da passada semana, o presidente promulgara um decreto dissolvendo dois partidos políticos – a Frente Patriótica Ubangui, Partido do Trabalho e o Movimento Centro-Africano de Libertação Nacional, suspendendo um outro – o Movimento para a Libertação do Povo Centro-Africano. Todos foram acusados de serem responsáveis pelas manifestações de desordens que ocorreram no país desde a Primavera passada.

Dako anunciou na mesma altura, a prisão dos «leaderes» desses partidos, a criação de um tribunal extraordinário e a abertura de inquérito jurídico aos apelos de insubordinação, rebelião e atentados à segurança do Estado.

É a segunda vez que o estado de emergência é decretado na República Centro-Africana, desde que, em Setembro de 1979, David Dako tomou o poder, com a ajuda de tropas francesas. A primeira vez ocorreu em Março passado, como resposta à irregularidade nas eleições que o confirmaram como Presidente.

Entretanto, em Paris, o Ministério francês da Defesa declarou que as tropas do seu país estacionadas na República Centro-Africana receberam ordem para não deixarem os seus aquartelamentos, tendo sido anuladas as férias e licenças dos 1300 militares que vivem nas bases de Bangui, a capital Buara.

O comunicado do Ministério indica que as tropas francesas só intervirão se a segurança de cidadãos franceses estiver em perigo.

Itália

"BV" vão libertar Ciro Cirillo

Restituímos-vos o carrasco Cirillo», anunciaram as «Brigadas Vermelhas» num comunicado encontrado ontem à tarde em Nápoles, e que suscita entre os observadores a esperança duma próxima libertação daquela personalidade democrata-cristã de Nápoles.

O comunicado, considerado como autêntico pela Polícia, é o décimo segundo publicado pelas «BV», desde o rapto, a 27 de Abril, de Ciro Cirillo.

Os observadores notam que a mensagem foi redigida nos mesmos termos do que a que anunciou a libertação iminente do juiz D'Urso, raptado em princípios de Dezembro e libertado em fins de Janeiro.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

vá ao FUNCHAL PARTIDAS DIÁRIAS PREÇOS DESDE 6.600$

VIAGENS HORIZONTE OPERADORES TURÍSTICOS

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

Viragem na política americana para o Médio Oriente?

poderia ser atrasada na comissão respectiva e ter que aguardar circunstâncias mais favoráveis.

Não se duvida, perante as declarações ouvidas nos círculos ligados à Casa Branca que os Estados Unidos se sentem frustados devido à sua incapacidade de persuadir Begin de que as acções militares do seu país são prejudiciais aos interesses tanto americanos como israelitas.

Segundo um «alto funcionário» americano citado pelo «Washington Pot», o aviso feito por Reagan a Begin, suspendendo a entrega dos caças «F-16», já negociados, «poderá constituir uma viragem da política americana em relação a Israel».

Pelo seu lado, o embaixador de Israel em Washington, Ephraim Evron, recebido ontem pelo secretário de Estado, Alexander Haig, declarou no final da entrevista que há presentemente um «problema» nas relações entre os dois países.

Oficialmente, o porta-voz do presidente Reagan, Larry Speakes, sublinha que Israel «continua a ser um aliado chegado dos Estados Unidos» e que nada mudou na política americana para com este país. Mas Speakes teve o cuidado de não se separar das palavras de Weinberger contra Begin. Em seu entender, o secretário da Defesa é o «porta-voz do Governo americano».

Tornou-se claro, pensam os observadores, que o primeiro-ministro israelita não poderá continuar a contar indefinidamente com o apoio incondicional dos influentes meios pró-israelitas americanos, se não der rapidamente algumas garantias de moderação.

Pela sua parte, William Clark, adjunto do secretário de Estado, acha que a atitude de Begin torna mais difícil o apoio tradicional dos Estados Unidos. «Não é a Begin que damos o nosso apoio mas ao país que representa – frisou. Israel não é o nosso único amigo na região».

Contudo, o presidente Ronald Reagan manifestou ele próprio mais compreensão para com a atitude de Israel ao regressar à Casa Branca ao fim da tarde de ontem, após uma sessão de equitação na Virgínia.

«Desejo o fim da violência de ambos os lados» – sublinhou ele a alguns jornalistas.

Não-alinhados contra a agressão

O «Burreau» de Coordenação do Movimento dos Países Não-Alinhados, reunido de urgência em Nova Iorque, na sede das Nações Unidas, condenou vigorosamente os «raids» perpetrados por Israel contra o Líbano, que fizeram centenas de mortos entre a população civil.

A declaração sublinha que os actos bárbaros de Israel, a sua táctica de «golpes preventivos» representa uma nova etapa da sua política de agressão sistemática contra os Estados árabes e de exterminação do povo palestiniano».

Eleições presidenciais no Irão

Por decisão das autoridades iranianas, ontem tornada pública, os jovens de 15 anos de idade poderão votar nas eleições presidenciais de amanhã.

A decisão foi anunciada pelo ministro do Interior, Mohmmed Reza Mahdavi-Kani, em entrevista transmitida pela rádio de Teerão.

Kani advertiu que a redução da idade eleitoral de 16 para 15 anos apenas se aplicava no caso das eleições presidenciais já que nas do Parlamento, que se efectuam em simultâneo, os votantes não poderão ter menos de 16 anos.

Apelando à «vigilância popular» para garantir «eleições pacíficas», o ministro anunciou que as forças de segurança «foram colocadas em alerta total».

Por outro lado Shegerf Nakhai, subsecretário do ministério iraniano da Educação, escapou ontem ileso de um atentado mas o seu guarda-costas foi hospitalizado com ferimentos vários, noticiou a PARS.

A agência noticiosa iraniana não especificou que arma foi utilizada no atentado, indicando apenas que este teve lugar quando Nakhai saía da sua residência em Teerão.

Execuções em Teerão

A rádio iraniana noticiou, por sua vez, a execução de 15 militantes do agrupamento clandestino «Peykar» e advertiu que quem quer que seja encontrado a tentar perturbar as eleições de sexta-feira receberá a «punição máxima».

Os membros do «Peykar» foram passados pelas armas em Teerão sob a acusação de constituírem «um grupo americano».

O procurador-geral da República, Assadollah Lajvardi, citado pela emissora oficial iraniana, avisou que as pessoas encontradas em «disputas verbais» no período eleitoral serão consideradas «corruptas» e «adversárias de Deus» pelo que lhes será aplicada a «punição máxima».

sos os dirigentes CGT argentina

muito seguida: a recusa dos Sindicatos dos Transportes, do sector público e dos empregados do comércio, principalmente, em aceitarem a ordem de greve, teria retirado grande parte da força ao movimento, que parecia estar a ser seguido principalmente na cintura industrial de Buenos Aires.

Que aconteceu com o avião?

O avião argentino considerado desaparecido no sábado passado, durante um voo entre Teerão e Larnaca (Chipre), teria sido interceptado por aviões militares soviéticos, indicou, estranhamente, o porta-voz do Ministério argentino dos Negócios Estrangeiros.

O avião teria desviado a sua rota no espaço aéreo turco e «por razões desconhecidas» ter-se-ia «dirigido para a União Soviética», indicou o porta-voz, após perguntas dos jornalistas.

Acrescentou que conhecia a informação publicada pela agência TASS segundo a qual um avião não identificado tinha penetrado em território soviético, «vindo do Irão», mas recusou-se a estabelecer uma relação directa entre as duas informações.

O avião, um quadrimotor «Canadair» da companhia «Transporte Aéreo Rioplatense», tinha sido alugado a uma sociedade para o transporte de carga, mas o director-geral da companhia recusou-se, «por razões de ética» a precisar de que sociedade se tratava e qual era a natureza da carga.

Três tripulantes argentinos e um ajudante estrangeiro encontravam-se a bordo do avião.

Ali Agca condenado a prisão perpétua

O jovem terrorista turco Mehmet Ali Agca, autor do atentado de 13 de Maio na praça de São Pedro de Roma contra o Papa João Paulo II, foi ontem condenado a prisão perpétua no termo de um julgamento que durou três dias e após mais de seis horas de deliberação.

O extremista turco, que não estava presente no tribunal no momento da leitura da sentença, foi também condenado a dez anos de prisão pelos outros delitos (porte de armas ilegal, documentos falsos).

Esta última pena é convertível numa pena de um ano de isolamento na sua prisão.

Mehmet Ali Agca rejeitara anteriormente a competência dos tribunais italianos para julgarem o seu caso.

Oposição salvadorenha: "Não é hora de eleições"

Ruben Zamora, encarregado das relações internacionais da Frente Democrática Revolucionária, ramo político da Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional de El Salvador, declarou em Washington que a oposição salvadorenha aceitaria negociar com o Governo do presidente Napoleon Duarte «desde que sejam escolhidos medianeiros pelas duas partes».

Ruben Zamora frisou, no entanto, que «esta não é hora de eleições», porque não estão dadas as condições para a sua realização. Zamora indicou que a «FDR» e a «FMLN» propoem um «processo compreensivo de negociações políticas» com o Governo salvadorenho.

Contudo, acentuou, as «negociações devem abarcar os problemas fundamentais» baseados nos temas acordados por ambas as partes.

Zamora referiu ainda que os Estados Unidos fizeram «progressos relevantes» ao reconhecerem que o conflito salvadorenho está «profundamente enraizado nos problemas socioeconómicos» daquele pequeno país da América Central.

«As liberdades civis fundamentais são inexistentes», acrescentou. «A Imprensa é submetida à censura e a maioria dos líderes da oposição foram condenados à morte».

Zamora declarou ainda que a secretaria norte-americana de Estado, que apoiou insistentemente a realização de eleições, como meio de se alcançar uma solução política, «acredita nelas, porque não deseja enfrentar os problemas fundamentais da sua política para com El Salvador».

exclusivo

Catástrofe cultural no velho Egipto

Os monumentos em completa degradação

DAS pirâmides construídas pelos faraós do Antigo Império (2778-2160) a. c. e dos imensos tesouros culturais que ficaram dessa época aos monumentos romanos, bizantinos e islâmicos – o povo egípcio pode orgulhar-se de ter um dos patrimónios históricos e artísticos mais ricos do mundo. Mas... «se os Antigos soubessem como tratamos os monumentos que nos legaram, mergulhariam em tristeza e desânimo» – escreve o jornal cairota «Al-C. mhuriyta».

A pirâmide de Keops cresce, solene, aos olhos do visitante que transita pela «Rua das Pirâmides». Daqui, as sepulturas dos faraós do segundo império e a esfinge de Gizé mostram-se em toda a sua grandiosidade e beleza. Melhor fora, porém, que nos detivéssemos, para não manchar a solenidade transmitida por esses documentos de quatro séculos de civilização. De perto, depois de atravessar um terreno juncado de latas, plásticos e papéis, o visitante verifica que o tempo não poupou obras grandiosas expostas há milénios à fúria destruidora de terramotos, tempestades de areia e saltos de temperatura.

A esfinge parece sofrer de uma

enfermidade grave. As patas do enigmático monstro estão a esboroar-se, os flancos acusam as marcas de erosão. Os trabalhos de restauro, realizados à pressa, há alguns anos, foram mais prejudiciais que úteis: o pescoço da esfinge que começara a «pelar» foi coberto de uma solução colante.

Agora essa película protectora está a cair e com ela a camada exterior de pedra.

A necessidade de um «tratamento» profundo e urgente às pirâmides e à esfinge é reconhecido por peritos locais e estrangeiros; até aqui têm-se limitado à aplicação de «cosméticos». Alguns blocos da pirâmide de Keops foram consolidados, colocadas lajes novas para proteger a esfinge das tempestades de areia.

Há projectos diversos – alguns mesmo fantásticos – para salvar as velhas construções. Um deles propõe levantar uma cúpula de vidro sobre a esfinge e um outro pretende revestir toda a superfície da pirâmide de Keops de ladrilhos. Mas os projectos ficam pelos debates e pela constituição de comissões para «um estudo rigoroso».

A destruição gradual ameaça os templos de Karnak e Luxor e o Vale dos Reis. Junto à estátua gigantesca de Ramsés II, em Menfis, um pântano devora aos poucos o que resta da capital do Antigo Egipto. «A Barca do Sol», lancha funerária de Keops, encontrada junto à pirâmide do faraó pode, em breve, ficar totalmente destruída. No pavilhão construído especialmente para a abrigar, os vidros partidos foram substituídos por placas de contraplacado também elas agora esburacadas. «A Barca», para manter o seu estado de conservação, deveria ser mantida num ambiente de humidade e temperatura constantes.

Mais calamidades

Recentemente, a Imprensa do Cairo noticiou uma outra calamidade: a inundação dos sepulcros de pedra junto à pirâmide de Keops, devido a uma avaria na canalização. Ficaram inundados frescos e pinturas com mais de 45 séculos de existência.

Os monumentos núbios de Abu Simbel sofrem igualmente a invasão das águas subterrâneas e são açoitados pelas tempestades de areia.

Os milhares de visitantes de Abu Simbel proporcionam receitas importantes. Mas, ao que parece, o Estado não as destina à conservação do património nacional. A operação de transporte dos templos de Ramsés II e de sua mulher de uma zona a irrigar, foi totalmente financiada pela UNESCO.

No Museu Nacional do Cairo os objectos estão sujos e cheios de pó. As múmias de 27 faraós, expostas numa das salas, encontram-se em estado deplorável. Os restos mortais dos outrora tão poderosos governantes do Egipto têm sofrido efeitos mais destruidores nos últimos anos do que os sofridos em milénios anteriores. As múmias estão em decomposição e – afirmam os especialistas – só poderão ser salvas se forem guardadas em depósitos herméticos, a uma temperatura e humidade constantes ou... se forem de novo sepultadas nos seus antigos túmulos. A aplicação de cuidados médicos é muito dispendiosa. O tratamento a que foi submetido Ramsés II, em 1978, em França, custou mais de um milhão de libras egípcias. Actualmente o Governo egípcio não deseja assumir tais encargos.

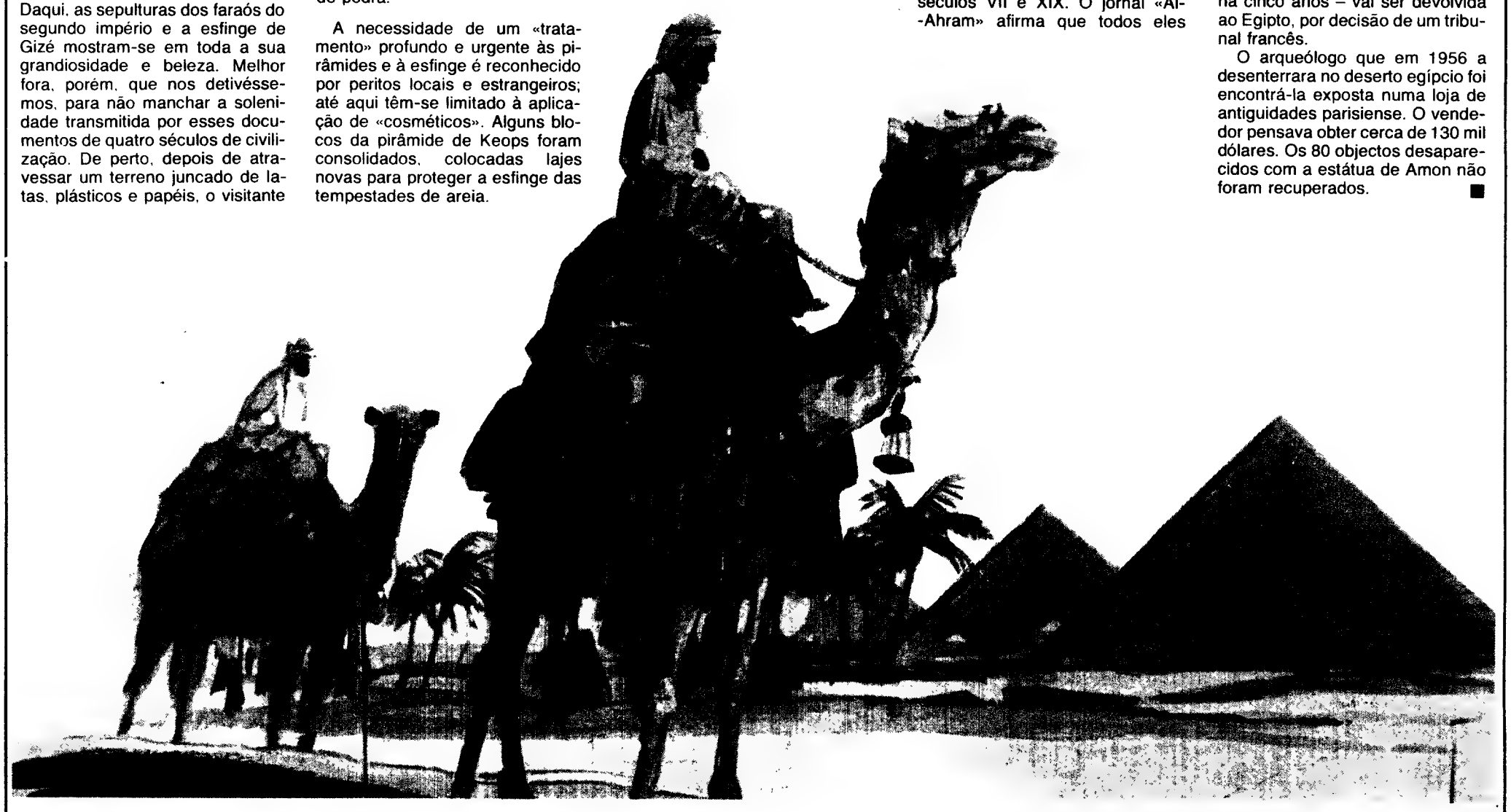
Segundo dados da UNESCO, existem no Cairo 500 monumentos muçulmanos, construídos entre os séculos VII e XIX. O jornal «Al-Ahram» afirma que todos eles podem desabar de um momento para o outro.

O Hospital Galauh, edifício do século XIII, serve de habitação a numerosas famílias. Depara-se com quadro idêntico nas nove mesquitas antigas do bairro de Al-Gamalia. Também a antiga «cidade dos mortos» se tornou hoje uma «cidade para vivos».

A todos estes problemas vão juntar-se os roubos cometidos por «isolados» ou bandos organizados. Só numa operação efectuada no bairro Faiyum, a Polícia confiscou mais de 30 objectos de arte entre os quais uma cabeça em madeira da XII dinastia. A um bando na província de Beni Suef, foram apreendidas mais de 100 moedas de ouro da época faraónica, 17 estatuetas de Tut Ank Amon e vários sarcófagos. As buscas realizadas para encontrar cerca de três mil rolos de papiro, cobertos de caracteres antigos, roubados do Instituto do Papiro, no Cairo, foram infrutíferas.

Em casa de F. Youssef, ex-director de um estúdio de cinema, segundo noticiou a Imprensa, foram encontradas diversas antiguidades: moedas, objectos de bronze e marfim e cerâmicas. Youssef adquiriu-as aos exploradores das escavações arqueológicas «por conta própria» e vendia-os a preços fabulosos aos turistas ocidentais. A estátua de Amon, deus do Egipto, foi também encontrada. Com 300 kg – desaparecida há cinco anos – vai ser devolvida ao Egipto, por decisão de um tribunal francês.

O arqueólogo que em 1956 a desenterrara no deserto egípcio foi encontrá-la exposta numa loja de antiguidades parisiense. O vendedor pensava obter cerca de 130 mil dólares. Os 80 objectos desaparecidos com a estátua de Amon não foram recuperados. ■



DESPORTO

43.ª Volta a Portugal em Bicicleta

Alexandre Ruas primeiro em Cascais

Por Neves de Sousa nosso enviado especial – Um número enorme de quedas e uma fuga empreendida por Armindo Lúcio, da Ovarense, caracterizaram esta manhã a 5.ª etapa corrida na pequena distância de 59 quilómetros, ligando Loures a Cascais, ganha por Alexandre Ruas. A fuga de Armindo Lúcio começou cedo, para só terminar a cerca de 300 metros do Alto da Pena, altura em que seria ultrapassado por Jacinto Paulinho, Luís Teixeira, Fernando Fernandes, Floriano Mendes, Alexandre Ruas e António Coelho.

Refira-se que o corredor da Ovarense (que correu isolado durante 30 quilómetros) ganhou todas as metas chegando, em plena Serra de Sintra, a ter uma vantagem de 2m 30s sobre o pelotão. Após a ultrapassagem de Lúcio, iniciar-se-ia a descida infernal da serra à média de 90 quilómetros à hora. Antes Jacinto Paulinho asseguraria a vitória na montanha seguindo-se-lhe Luís Teixeira, Fernando Fernandes, Floriano Mendes, Alexandre Ruas e António Coelho. As quedas a que aludimosvêm a verificar-se junto aos Capuchos. Entre os ciclistas mais aleijados contam-se Belmiro Silva e José Pereira, havendo, no entanto, outros que tiveram de receber, também, tratamento hospitalar. Alexandre Ruas cortaria a meta com o tempo de 1h36,20, à média de 36,747 quilómetros, seguido de Luís Teixeira, Jacinto Paulinho, Floriano Mendes, Fernando Fernandes e António Coelho. O pelotão, tendo à cabeça Carlos Santos, Benedito Ferreira, Joaquim Andrade e Marco Chagas pisaria a linha da meta com o tempo de 1h37,01.

A esperteza do «saloio»

Poderá dizer-se: está bem, está certo. O «heroizinho» da etapa voltista que ligou Barreiro a Loures foi o lousanense José Henriques, o homem que recentemente venceu o «Grande Prémio do Comércio do Porto» e ontem prometera novo êxito ao doutor Artur Lopes (clínico em Santa Maria e dirigente da turma dos refrigerantes) mas não há dúvida que Rui Azevedo foi bem levado na história que o parceiro de fuga lhe impingiu.

E que (vejam só!) experiente nesta andanças (pois aos 24 anos já defendeu as cores do Sangalhos e do Benfica, para estar hoje ao serviço dos algarvios de Campinas) Rui Azevedo acreditou naquela inesperada mas sisuda **saída** de José Henriques, que aí a uns 100 metros do risco branco conseguiu convencer o parceiro de que ainda era preciso dar uma volta ao quarteirão para (enfim) saborear o gosto do êxito. **Enrolado** pela patranha. Azevedo abrandou e Henriques ganhou. Mais novo que o campinense, o mocinho de Lousa provou que, afinal, pelas bandas de Loures os «saloios» vieram de fora, nascem por outras áreas:

Rui Azevedo, proprietário de uma oficina de automóveis em Leiria, foi na conversa do menino José Henriques mas subiu espectacularmente, entrando no quarteto de maiorais da «Volta».

Esse foi, afinal, o grande lenitivo que levou quando partiu para o duche abraçado ao treinador Manuel Luís, não sem lembrar (talvez para muito tempo) a lição de engenho que José Henriques trazia na ponta da língua para atirar no momento exacto em que viajava por entre a falange de conterraneos e dava a Loures o topo da festa apetecida no pôr de tarde ventosa que marcou a etpa 4 deste nosso «tourzinho».

Escaramuças

Mas, contemos como as coisas ocorreram, como ficará a história. Eram 66 à partida de junto à Bento Gonçalves, na laboriosa Barreiro que bem merecia a alegria de uma tirada voltista. Francisco Araújo, internacionalmente considerado como dos melhores mecânicos de bicicletas (regressado de França e de Agostinho) a dar já o seu contributo à Coelima. E, logo ao tiro, um coelima (Celestino Severino) a querer fazer das suas: oito quilómetros dura o foguete mal estoirado, porque se lhe reúnem Jacinto Paulinho, Joaquim Carvalho e Abel Coelho. Pega? Não pega? A fuga lá ía, com Vila Nova de Azeitão atravessada em primeiro lugar por Celestino, que dava o tom à velocidade do quarteto.

Subitamente, um pequeno alarido: «fura» o camisola amarela. Porém, isso não serve de grande esoerança para a concorrência, pois logo uma escolta de honra fica na estrada para o que desse e viesse. Marco Chagas, José Amaro e Fernando Fernandes ajudam Zeferino a pronta recolagem, precisamente quando Bernardo de Sousa se juntava aos homens da frente, depois de ter viajado um bocadinho na cauda do cortejo. A seu lado, aproveitando o ensejo, pedalava Jean Garde.

Saem do pelotão uns espadachins pouco convictos, que descolam na subida da Arrábida: Michel Charreard, Philippe Galvez, Gerrit Lorenz e António Castro não tinham pernas para a escalada.

E António Coelho, sangue na guelra, dá uma sapatada e logo se junta aos seis da testa, com alemães e franceses esgotados pelo calor a pedirem angustiosamente um fio de água. Gaspar Gonçalves outro arrasado, mal balbuciava para os populares que ajudavam a trepadela: **«empurra ai, pá».** E ficava-se, minuto a minuto. A subida era arrasante, Tróia lá ao fundo era miragem que saltitava nos olhares.

Toca viola de Paulinho

Na estrada, as mulheres de Joaquim Carvalho e José Amaro viam os maridos, espreitando o cronómetro. Raul Fachadas avaria a máquina mesmo em cima da meta de montanha, já então Jacinto Paulinho, Abel Coelho, Bernardo de Sousa, António Coelho e Jean Garde, adiantando-se aos demais da fuga, tinham conquistado pontos. Paulinho tirara a viola do saco e passava a torna-se um dos «leaders» da corrida.

Aumentava o avanço dos homens da dianteira quando se descia para Setúbal. Fachadas e José Pereira dividem irmamente a água que conseguem tirar de um saco de plástico estendido por uma velhinha do povo. Tudo em alta velocidade, quando Fernando Fernandes e Joaquim Andrade parecem bem capazes de ir por ali fora a caminho dos fugitivos. Todavia, o clima de agressividade amaina no pelotão e onze atrasados têm possibilidade de recolar, tal e qual como vai paradoxalmente diminuindo a vantagem dos escapados, a contas com problemas de se saber quem é que devia puxar ou ir na roda.

Os derradeiros minutos de descanso antes da partida para mais uma etapa

António Fernandes «fura»: azar que lhe sucede duas vezes em menos de um fósforo aceso. Fernando Fernandes dá-lhe o braço na recuperação. É então que Abel Coelho, Celestino Severino e António Coelho têm um lampejo, dizendo adeus aos colegas de odisseia. Estávamos em Pinhal Novo, num troço de estrada cheio de buracos onde se podia ver um letreiro de censura: «Goza-se a população ou será que a estrada fica assim?».

Senhores da Câmara de Pinhal Novo: toca ao trabalho, que os munícipedes não estão nada satisfeitos com o desleixo de quem pode dar uma voltinha na estrada.

Volta a junção de sete homens quando começa o abastecimento de água. Jão Marcelino, treinador dos sangalhenses, não está de acordo com João Duarte:

– É preciso fazer isto a sério – brada do seu carro.

Pela estrada vão ficando os menos aptos: visitantes lá das Europas capitalistas, mais Gaspar Gonçalves, Joaquim Silva e esse ratinho Castro que não é mais a imagem antiga do inconformismo e da luta pela fuga ao anonimato, com as tais escapadas que eram o enlevo da população.

«Só nós dois»

Benedito Ferreira e Manuel Oliveira cavam ao maralhal. À frente da serpente que se alonga na estrada vão os caminheiros do FC Porto, todos senhores do seu valor. O 70 (José Pereira) tenta a charneira com os fugitivos e faz a aproximação em Alcochete. Na frente, o 34 (António Coelho) perde pedalada e atrasa-se dos nove colegas de aventura. Mas o sonho destes também termina daí a pouco: antes de Porto Alto já estao no bolso dos imediatos.

Carlos Santos muda de bicicleta. José Pereira torna a tentar a evasão. Furam as máquinas de Marco Chagas e Wazlaw Krochmalny. O vento, fortíssimo, em rajadas que faziam bambolear os veículos, é mais um tormento para os ciclistas.

E na subida que o ovarense fica para trás e Rui Azevedo ganha a metazinha. Depois, a cinco quilómetros, é José Henriques quem se distancia. Mais adiante, bem, não vale a pena recordar: foi o «barrete» de todo o tamanho afivelado em torno do campinense e o homem do Lousa a sorrir da arte que ajudara a ludibriar o bem intencionado que ía a seu lado.

Quem resiste?

Conhece-se o sorteio para o controlo antidoping; e lá vão Amaro e António Fernandes na lingada dos que estavam automaticamente sujeitos a exame. Cinco homens ficavam, entretanto, dependentes do beneplácito do júri: Joaquim Silva, Gaspar Gonçalves, Maurice Bruyas, Gerrit Lorenz e Giles Carle perderam tanto tempo a chegar a Loures que mais parecia terem andado perdidos na estrada, quando (a espaços largos) vão conseguindo atingir a meta fronteira à Câmara Municipal, já o controlo encerrara com a marca de 4 horas 19 minutos e 31 segundos. Festejavam-se os vencedores, havia quem delirasse com o pleno domínio portista e quem estivesse também radiante com a interrupção na lista dos que iam triunfando. Só que, enquanto isso, cinco homens ficavam com o Credo na boca à espera do pior: dentro das coordenadas da lei vigente na corrida, somente 61 estradistas estavam com o direito a zarpar esta manhã até Cascais, sombra de Sintra e água fresca das quebradas a temperar o duplo espectáculo que marca mais um dia da Volta a Portugal.

A etapa de amanhã

Altitude		Localidades	Quilómetros Percorridos	Quilómetros A percorrer	Horário Provável
100		CALDAS DA RAINHA (E. N. 360)	0	103	15.00
40	MV	FOZ DO ARELHO (E. N. 566-1) (Cruzamento à direita)	8	95	15.12
190	PM 4.ª	Marco Geodésico	12	91	15.18
30	PQ	S. MARTINHO DO PORTO (E. N. 242) (Cruzamento à esquerda)	22	81	15.34
50		FAMALICÃO	28	75	15.44
30	MO	NAZARÉ	36	67	15.56
160	PM 4.ª	Marco 32	38	65	16 00
160		Cruzamento à esquerda antes da Placa Pataias	46	57	16.12
50	MO	S. PEDRO DE MOEL (à esquerda e à direita para Vieira)	60	43	16 34
50	MO	VIEIRA	79	24	17.04
90	MO	MONTE REAL	86	17	17.16
90		Passagem de nível	87	16	17 17
100		VÁRZEAS (Ponte da Pedra)	89	14	17.20
	MK		98	5	17.36
80		LEIRIA (Meta Av. Marq. de Pombal)	103	0	17.42

Classificações

4.ª ETAPA

Barreiro - Loures

(141 km)

	H M S
1.º José Henrique (Lousa)	3 58 06
2.º Rui Azevedo (Campinense)	m. t.
3.º José Pereira (Ovarense)	3 59 23
4.º Carlos Santos (Tavira)	3 59 44
5.º António Fernandes (F. C. Porto)	m. t.
6.º Luís Teixeira (Coelima)	m. t.
7.º Alexandre Ruas (Lousa)	m. t.
8.º Floriano Mendes (Sangalhos)	m. t.
9.º Joaquim Vale (Rodovil)	m. t.
10.º Joaquim Carvalho (F. C. Porto)	m. t.
66.º Giles Carle (St Etienne)	4 14 56

Média do vencedor: 35,531 km/h.

POR EQUIPAS

	H M S
1.º Lousa-Trinaranjus	11 57 34
2.º Campinense-Belarus	m. t.
3.º Ovarense-EFS	11 58 51
4.º F. C. Porto-UBP	11 59 12
5.º Sangalhos-Bosch	m. t.
11.º Wolfshburg	12 35 50

SAPEC
PESTICIDAS

GERAL INDIVIDUAL

	H M S
1.º Manuel Zeferino (Porto)	13 31 41
2.º António Fernandes (Porto)	13 39 06
3.º José Sousa Santos (Rodovil)	13 39 23
4.º Rui Azevedo (Campinense)	13 43 12
5.º Belmiro Silva (Porto)	13 43 53
6.º Alexandre Ruas (Lousa)	13 43 59
7.º Joaquim Sousa Santos (Rodovil)	13 44 03
8.º Adelino Teixeira (Lousa)	13 44 07
9.º Joaquim Andrade (Ovarense)	13 44 09
10.º Herculano Silva (Sangalhos)	13 44 10
11.º Francisco Miranda (Lousa)	13 44 11
12.º Marco Chagas (Porto)	13 44 11
13.º Venceslau Fernandes (Rodovil)	13 44 11
14.º Michel Charreard (St. Etienne)	13 44 14
15.º Joaquim Carvalho (Porto)	13 44 15
16.º Floriano Mendes (Sangalhos)	13 44 16
17.º Joaquim Vale (Rodovil)	13 44 16
18.º Luís Teixeira (Coelima)	13 44 18
19.º Fernando Fernandes (Porto)	13 44 18
20.º José Martins (Coelima)	13 44 19
63.º Gaspar Gonçalves (Coelima)	14 37 47

SAPEC
RAÇÕES

GERAL COLECTIVA

	H M S
1.º F. C. Porto/UBP	41 52 58
2.º Rodovil-Isuzu	42 07 05
3.º Lousa-Trinaranjus	42 11 31
4.º St. Étienne-Pélussin	42 13 24
5.º Coelima	42 13 37

GERAL «PONTOS» — 1.º, Manuel Zeferino (F. C. Porto-UBP), 16 pontos; 2.º, Alexandre Ruas (Lousa-Trinaranjus), 16; 3.º, Carlos Santos (Tavira-ITT Ideal Color), 5.

GERAL «MONTANHA» — 1.º, Jacinto Paulinho (Campinense-Belarus), 10 pontos; 2.º, Abel Coelho (Lousa-Trinaranjus), 7; 3.º, Bernardo Sousa (Rodovil-Isuzu).

GERAL «METAS-VOLANTES» — 1.º, Antonio Fernandes (F. C. Porto), 6 pontos; 2.º, Manuel Zeferino (F. C. Porto-UBP), 5; 3.º, Alexandre Ruas (Lousa-Trinaranjus), 5.

GERAL «COMBINADO» — 1.º, Manuel Zeferino (F. C. Porto-UBP), 7 pontos; 2.º, António Fernandes (Porto-UBP), 7; 3.º, Alexandre Ruas (Lousa-Trinaranjus), 8.

tintin
PRESENTE NA VOLTA
Visita a carrinha tintin no final das etapas
PRENDAS PARA TODOS!

MOTOPE
DEUTZ
TRACTORES

MANUEL RAFAEL
Trav.ª do Forno, 7-A — Tel. 371001 — LISBOA
ELECTRICIDADE

O enviado especial do «DL» na «Volta» viaja com o patrocínio de Avis e Ramos e Varela, Lda

JUNTA DE FREGUESIA DE UNHOS

EDITAL

Arlindo Martins de Almeida presidente da Junta de Freguesia de Unhos concelho de Loures

Faço saber:

Que a partir da data da publicação deste edital e durante 20 dias se encontram abertas as inscrições para o aluguer de bncadas metálicas e terrados no **Mercado de Levante em Catujal.**

As inscrições fazem-se nos locais de fncionamento desta junta de freguesia e durante as horas de expedinete.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que vão ser afixaeos nos lugares públicos do costume.

Unhos, 20 de Julho de 1981

O Presidente da Junta de Freguesia de Unhos

Arlindo Martins de Almeida

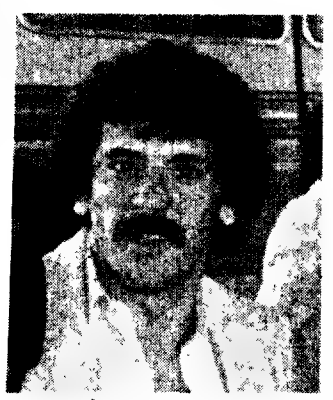
DESPORTO

Allison aos «craques»: «quando disser «go» fiquem preparados como se tivessem de ir apagar um incêndio»

Jordão: «e se não houver incêndio para apagar?»

Oliveira pensa do seu novo treinador: «ele foge ao padrão do técnico inglês»

Meszáros com saudades: uma média de cinco telefonemas por dia para a família



Nogueira «agarrou-se» demasiado a Esmoriz

Como vai o Sporting "búlgaro"

Relações com Allison correm às mil maravilhas

Malcolm Alisson deu por terminada a primeira sessão de treino com bola realizada pelos futebolistas do Sporting no seu estágio na Bulgária com a satisfação estampada no rosto e a expressão **bom trabalho.**

A sessão, que decorreu antes do almoço e durou cerca de uma hora, realizou-se num terreno perto do hotel, em Pamporovo, pois o campo de futebol mais próximo fica a cerca de 45 minutos de viagem em Autocarro.

O piso é deficiente, com mais terra do que relva. Os jogadores começaram por torcer o nariz, mas depois, contagiados pela vivacidade de Alisson, entregaram-se ao trabalho com alegria e boa disposição.

Pode dizer-se que Alisson «conquistou» os jogadores logo na primeira sessão de treino por si dirigida, pois as duas anteriores foram orientadas por Radisic, limitando-se o técnico inglês a observar.

Alisson gritou, apoiou, brincou com os jogadores e essa comunicação contagiante, com Jaime Lopes a servir de intérprete, deixou os futebolistas fortemente impressionados e optimistas quanto à sua relação futura com o treinador.

«Reconheço as más condições do piso, mas até conseguirmos melhor não podemos parar», afirmou Alisson, compreensivo, aos jogadores logo no início da sessão, acrescentando: **têm de trabalhar duro para vosso próprio benefício.**

Os futebolistas aceitaram o desafio e o exemplo mais significativo foi dado por Oliveira que, a sangrar da boca com um problema de dentes, participou no treino até ao fim, no mesmo ritmo dos seus novos companheiros.

Alisson não quer ver nenhum jogador parado e não se cansava de repetir: **Ninguém pára. Tudo a correr com bola ou sem ela.** E reforçava com um sorriso nos lábios: **Quem estiver a olhar para as árvores paga bilhete.**

A boa disposição dos jogadores aumentou quando Alisson lhes indicou que quando dissesse «go», fosse no treino fosse no hotel, deviam ficar de alerta e preparados para qualquer acção imediata **como se tivessem de ir apagar um incêndio.**

Jordão perguntaria: **e se não houver incêndio para apagar?**. Alisson explicou que assobiaria, o que provocou uma gargalhada dos futebolistas.

Marinho comentava no final do treino que com Alisson **dá gosto trabalhar** e referia a compreensão do técnico mesmo quando as coisas não saiam como ele queria, apoiando o jogador em vez de criticar.

Nos dois primeiros treinos de ontem, sessão física de manhã e bola antes do almoço, não participou o húngaro Mezzaros, devido à infecção num dente que lhe provocou um abcesso, tendo sido observado por um estomatologista local.

Também desde ontem a equipa leonina entrou num regime de três treinos diários: um às 8 horas, outro às 12.00, antes do almoço, e o último ao fim da tarde, tendo, até ao dia 24, duas sessões de preparação física e uma com bola.

Oliveira classificou o técnico Malcolm Alisson de **pessoa muito simpática e sociável, capaz de adquirir a confiança dos jogadores.**

O novo futebolista do Sporting explicou que Alisson foge ao padrão tradicional do treinador inglês no que respeita ao relacionamento humano.

«É um homem aberto, comunicativo, ri e faz rir os jogadores, o que provoca um ambiente de boa disposição que é fundamental no seio de uma equipa de futebol», acrescentou.

Oliveira disse ainda que os jogadores têm a obrigação de o ajudar nesta fase de adaptação a uma nova língua e a uma mentalidade diferente: **temos de redobrar a atenção e manifestar-lhe que estamos dispostos a colaborar com ele.**

O ex-portista pensa ser cedo para se pronunciar sobre Alisson quanto aos aspectos do treino, mas manifestou-se satisfeito com a vivacidade e a movimentação imprimida pelo técnico na sessão com bola.

Quanto à sua integração no plantel leonino, Oliveira afirmou que se está a processar gradualmente e que para já existe o factor positivo de um **excelente ambiente de grupo.**

A nível futebolístico há uma identificação total, a nível pessoal estou seguro de que essa identificação vai surgir também rapidamente, afirmou.

Oliveira considerou ainda que o estágio na Bulgária pode ser muito positivo. **O hotel não tem as condições ideais e a alimentação também não é a melhor, mas não há dúvida que o local possui requisitos excepcionais para uma preparação de início de época.**

Meszaros «a falar sozinho»

O húngaro Meszaros, a mais recente aquisição do Sporting, tem sido, no estágio, o que se pode chamar um homem isolado pelo seu idioma.

Esta situação, que para o novo guarda-redes sportinguista parece de facto não ser agradável, irá, no entanto, manter-se durante algum tempo, enquanto o novo reforço internacional do Sporting não conseguir assimilar algumas palavras portuguesas que lhe permitam um diálogo mínimo com os companheiros de equipa.

Desconhecendo qualquer outro idioma para além do húngaro, Meszaros apenas diz em Portugal «bom dia», «boa tarde» e «boa noite», para além do nome do hotel onde ficou instalado em Lisboa.

O novo guarda-redes sportinguista limita-se para já a sorrir para os companheiros de equipa, que habituados à barreira linguística aguardam, pacientemente, a total integração do futebolista na equipa.

Nada melhor do que a reacção bem humorada de Oliveira, para dar a tónica da recepção a Meszaros, neste início de actividade para a época de 1981-82.

Quando Oliveira soube terça-feira que iria ter como companheiro de quarto no motel perto de Sófia o húngaro Meszaros, afirmou: **vou ficar rouco de tanto falar com ele.**

Porém, não há dúvida que este problema linguístico de integração do jogador húngaro agudiza a sua situação. As saudades da família, na Hungria, aumentam, a julgar pelas chamadas telefónicas, nada menos do que cinco, que o guarda-redes fez para sua mulher, em Budapeste, desde que chegou à Bulgária com a comitiva do Sporting.

No entanto, as outras cinco aquisições do Sporting parecem não ter grandes problemas de integração, a qual se vai processando gradualmente. A diferença está em que enquanto Oliveira e Melo convivem de igual modo com os restantes elementos da equipa, Nogueira «agarrou-se» demasiado a Esmoriz, Virgílio privilegia os companheiros do tempo dos juniores

Governo dá milhões à FPF

Um subsídio financeiro no montante de 20 milhões de escudos foi atribuído, por despacho normativo, à Federação Portuguesa de Futebol.

Concedido em conjunto pelos ministros do Trabalho, Assuntos Sociais e Qualidade de Vida, o apoio financeiro visa fazer face aos elevados encargos da Federação na preparação da selecção nacional com vista à sua qualificação para o Mundial-82.

O despacho autoriza o Fundo de Fomento do Desporto a conceder dez milhões de escudos. A outra metade do subsídio será entregue pela gerência das Apostas Mútuas Desportivas (Totobola) como adiantamento do seu quinhão de lucros a apurar em 1982.

Dirigente da AFP suspenso por três anos

O conselho de Disciplina federativo tomou uma decisão final sobre os **«factos relacionados com o jogo Boavista-Académico»** disputado no Bessa, em 21 de Fevereiro deste ano, absolvendo o clube boavisteiro e Peres e punindo com três anos de suspensão Peres da Silva, dirigente da Associação de Futebol do Porto.

Baixas de vulto no basquete leonino

Saiem Baganha e Serra

A notícia é divulgada hoje, por um jornal desportivo: os técnicos do basquetebol leonino, Adriano Baganha e Nelson Serra, abandonam o clube. Na base da saída daqueles técnicos estará, fundamentalmente, a falta de condições de trabalho. Lembre-se que, já no início da época, Baganha e Serra estiveram perto de se demitir, tendo então sido satisfeitas as condições de trabalho que apresentaram ao Sporting. Contudo, as mesmas terão apenas sido solucionadas em parte, dando origem, agora à demissão, ao que parece com carácter definitivo, da dupla que tem levado a equipa de basquetebol dos leões aos píncaros do êxito.

Andebol

Jorge assina com suíços

Jorge, o andebolista que há três épocas representava o FC Porto, terá agora novo destino na sua carreira desportiva: parte para a Suíça a fim de jogar no A.C. Horgen, de Zurique, recebendo aí 300 contos por mês e a garantia de emprego certo para si e para a sua mulher. O contrato terá a duração de dois anos e assinala o facto de Jorge ser o primeiro andebolista português a emigrar para outro país.

Recorda-se que o conceituado jogador iniciou-se no Almada, passando pelo Sporting até chegar ao Futebol Clube do Porto.

Placard

Recorde: 221-0

Um novo recorde mundial do insólito foi batido em Osaka pela equipa feminina de basquetebol do Colégio Seijo ao vencer por 221-0 a turma do Colégio Heinan.

De acordo com o «Guiness Book of Recordes» o resultado mais volumoso até agora pertencia ao jogo efectuado em Hersey (Pensilvânia), em Março de 1962, em que o Filadélfia Warrions bateu a equipa nova-iorquina do Knickrbockers por 169-147.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNOSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 49 DE 26.AGOSTO.1981

Boa Nova, 1X2 11X 112 1X11; Cavalgada do Ritmo, 111 111 11X 1121; Rádio Totobola, 111 XX1 X11 1121; Correio de Coimbra, 111 1X1 1X2 11X2; Correio do Vouga, 111 1X1 211 1121; Diário de Lisboa, 11X 1XX 1X2 X1XX; Ecos de Cacia, 1X1 112 111 X11X; Folha do Domingo, XX1 11X 21X X21X; Gazeta das Caldas, 111 111 X11 X2X1; O Jornal de Felgueiras, X11 22X 212 1112; O Jornal da Lixa, 111 X1X 21X 211X; Jornal de Sintra, 111 2X1 212 X122; Linhas de Elvas, 111 1XX 212 X121; Litoral, 111 1XX X11 11X2; Notícias de Évora, 11X 1XX 112 1XX1; Notícias de Felgueiras, 1X1 X1X 122 1111; A Ordem, 111 221 X12 2X1X; Reconquista, 111 111 111 11X1; RDP — Secção Desportiva, 111 111 X1X 1121; A Voz das Beiras, 111 12X X2X 21X2; A Voz do Domingo, 11X 112 21X 11X1; Grafonola Ideal, X11 221 2X2 2222; O Dia, 111 1X1 1X1 21XX; O Comércio de Leixões, 11X 11X 21X 112X; Jornal de Gaia, 1X1 212 1X1 2X22; Jornal da Graça, X1X 12X X1X 1211; Manchete Desportiva, 111 1X2 X11 X111; Penalti, 111 X12 211 2111; O Primeiro de Janeiro, 111 12X 212 12X2; Quadrante Norte, 111 2X2 X12 X11X; Repórter do Dia, 1X1 121 X12 1X21; Resenha Desportiva, 1X2 122 21X 2112; A Voz dos Ridículos, 112 1X1 112 1X11; Alvo Desportivo, X12 X11 X11 2X11; Jornal de Notícias, X1X XX2 211 XX11; Rádio Alvo, 111 X21 212 1X21; Rádio Sports, 111 112 221 1111; Jornal «O Porto», 111 1X1 X12 1121; Jornal «Voz do Ave», 111 222 112 1211.

C O N C U R S O Nº 49 — 26.JULHO.81

	RESUMO 1	X	2	BOLAS 1	X	2	a)
1. WIENER - NATHANYA	33	6	0	10	2	1	
2. ST.LIEGE - DUISBURGO	32	7	0	10	2	1	
3. COPENHAGA - STURM GRAZ	29	6	4	9	2	1	
4. W.BREMEN - MALMO	25	7	7	8	2	2	
5. S.PLEVEN - ZURIQUE	15	14	10	5	4	3	
6. TITOGRAD - OESTERS	16	13	10	5	4	3	
7. AARHUS - BRNO	12	12	15	3	3	6	
8. LASK - BORLANGE	31	5	3	9	2	1	
9. MOLENBEEK - YOUNG BOYS	13	9	17	4	3	5	
10. GOTEMBURGO - GRSSHOPPERS	22	8	9	7	2	3	
11. HERTHA - BOHEMIANS	24	9	6	7	3	2	
12. MAREK - STUTTGARTER	17	10	12	5	3	4	
13. NAESTVED - ANTUERPIA	22	8	9	7	2	3	

a) - Nos termos do Artº 14º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não efectuados na data de concurso, as bolas entrarão na esfera de sorteio nas quantidades do presente mapa-.

A "CHAVE" LOGICA SERA: 111 111 212 1111

Polémica em torno de uma crítica de teatro

Fernando Gusmão e Grupo de Campolide contra Carlos Porto

A propósito de um texto de Carlos Porto sobre o espectáculo «Guerra? Não, Obrigado», por nós publicado no passado dia 13, escreveram-nos o encenador Fernando Gusmão e Joaquim Benite, em nome do Grupo de Campolide, cartas que aqui publicamos hoje. O crítico Carlos Porto responde-lhes. Com a divulgação dos três textos abrimos e encerramos a polémica. O leitor, sobretudo, se viu já o espectáculo do Campolide julgará em função do que aqui fica.

A actriz Teresa Gafeira num momento do espectáculo em questão: trata-se de uma montagem de textos de Brecht, e a cena fotografada refere-se a «TI Coragem»

Milagre talvez seja Carlos Porto continuar a escrever crítica

O «Diário de Lisboa» publicou no dia 13 de Julho um texto assinado por Carlos Porto, de «crítica» ao último espectáculo do Grupo de Campolide, «Guerra?! Não, obrigado», uma antologia de textos de Brecht, com encenação de Fernando Gusmão.

As considerações (descosidas, como é hábito; e levianas, mais do que é hábito) do crítico do «Diário de Lisboa» afectam-nos apenas na medida em que podem influenciar (e de certeza, sabe-se, influenciam) sectores de opinião de cujo apoio carecemos no nosso difícil trabalho.

Tem sido, porém, regra da casa não responder, em caso algum, às apreciações críticas. E não seria desta que a «tradição» (de dez anos) se quebraria, não fora o facto de uma passagem do texto de Carlos Porto precisar de correcção imediata, sem a qual poderia correr-se o risco de ser o silêncio interpretado como sinal de assentimento ou, ao menos, de condescendência cómoda.

Deixarei de lado (por agora) certas outras passagens do referido texto, umas sobre o espectáculo (pouquinhas) e outras a ele marginais: as muito embrulhadas considerações sobre a política da SEC, a «cândida» (e surreal) evocação de Eça de Queiroz, as mini-reflexões sobre as estruturas teatrais e as carências de actores (de críticos há fartura, mesmo sem escolas: fenómenos), a trapalhada dos sinais do Oriente, da colocação da voz e dos matizes, dos matizes e da distanciação (este homem sabe tudo – pena não ser capaz de exprimir-se com clareza...), O rock, o futebol, as preferências da juventude, etc. (etecetra que, leia-se o texto de Carlos Porto, não será o menos importante...).

Fica tudo isso para outra mais amena ocasião.

O que não pode passar sem imediata referência é a afirmação de Carlos Porto de que **se a responsabilidade do espectáculo é, de facto, de Fernando Gusmão (...) então o seu trabalho anterior com o TEUC** (que o mesmo crítico elogiou) **foi um milagre.**

Que os críticos escrevam o que lhes dá na gana – admite-se. A grosseria – não se admite. Porto refere-se a Fernando Gusmão como se de um encenador de dois espectáculos se tratasse. E proclama: se este é dele (tão mau), então o outro (tão bom) foi um milagre!

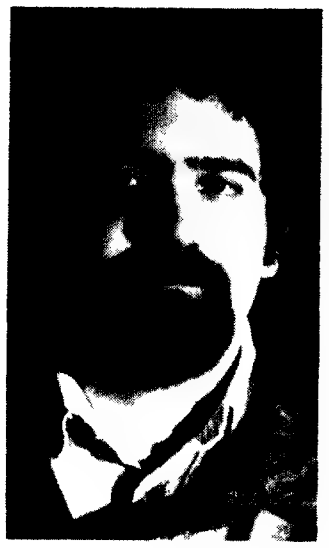
Ora Fernando Gusmão já dirigiu muitos espectáculos ao longo da sua carreira, e constitui má criação pensar-se que um espectáculo que ele assine só por milagre é bom.

Que os críticos zurzam à moda «brazburityana» (de Braz Burity, a quem Carlos Porto dedicou, significativamente, um, salvo erro, livro) os artistas e os espectáculos de que não gostam. Mas que respeitem as pessoas.

Li, recentemente, uma crítica de Carlos Porto na qual se comparava um actor (francês) a uma ourivesaria, com deliciosas considerações sobre cristais da Boémia, uns talheres, não sei se uísques. Seguidamente, li a crítica ao nosso espectáculo: não me passaria pela cabeça julgar Carlos Porto por estas duas críticas, e não diria que se ele é o autor de uma delas (à escolha), então teria a outra sido – um milagre. Sei que ambas significam, para ele um trabalho. E sei que já escreveu centenas de outras (normalmente é uma por espectáculo e tem havido espectáculos com direito a duas e mais).

Isto é: nem sempre estamos de acordo com Carlos Porto (oh! nem sempre), mas respeitamos o seu trabalho. A mesma atitude pensamos ser nosso direito exigir-lhe, quando tem de se debruçar sobre o nosso.

É que: mais milagre talvez seja



Carlos Porto continuar a escrever crítica de teatro do que Fernando Gusmão dirigir um bom espectáculo.

Para terminar: Carlos Porto aconselha-nos uma autocrítica. Devolve-se aqui a sugestão: pensamos que a altura é chegada de Carlos Porto começar a reflectir sobre os seus métodos críticos. Na realidade, um crítico, **e em especial um crítico com a responsabilidade e a experiência deste, não pode deixar de ter a noção daquilo que pode fazer,** para não cair no ridículo de escrever disparates destes:

«Basta ver como colocam a voz (os actores) – **que surge desprovida de qualquer matiz, a não ser no caso de Canto e Castro, o que até não deixa de ser contraditório, como se fosse esse um processo de distanciação possível!»**

Almada, 15 de Julho de 1981.

Pel'O Grupo de Campolide
Joaquim Benite

Crítica? Não, obrigado

No «Diário de Lisboa» de 13 do corrente o crítico (?) teatral Sr. Carlos Porto publicou uma notícia crítica (?) sobre o espectáculo «Guerra? Não obrigado» levado à cena pelo Grupo de Campolide em Almada e cuja encenação é da inteira responsabilidade do autor destas linhas.

A prosa do sr. Porto obriga-me a algumas considerações.

Existem, pelo menos, duas categorias de Crítica: dum lado, a crítica que centra a sua análise nas condições em que um dado espectáculo é produzido (condições económicas, estéticas, ideológicas, culturais, etc.) e que servindo-se de um certo rigor científico pode constituir pela sua acção judicativa um intermediário de grande importância entre o espectáculo e os espectadores. A esta classe de crítica é óbvio que o sr. Carlos Porto, apesar de se reclamar do marxismo, não pertence; do outro, uma crítica normativa que encara o espectáculo teatral como um acto mundano, um objecto de consumo, e que se transforma, também ela crítica, num objecto consumível. É uma crítica impressionista que tende a tornar-se «ditatorial», vai sempre atrás da última moda, acabando por cair no irracionalismo. Este tipo de crítica é um produto das sociedades de consumo e faz parte dos mecanismos do capitalismo. Como se diz acima, esta crítica tem tendência para ser «ditatorial» e adjectivamente comprazendo-se com afirmações do tipo: este espectáculo é mau, aquele é bom, este aqui é magistral, aquele acolá é genial. Ora **mau, bom, magistral, genial** não são juízos de valor mas tão só opiniões pessoais e subjectivas. E, como dizia Fernando Pessoa «opiniões qualquer galego de esquina as tem» – com as devidas desculpas para os naturais da Galiza, acrescento eu. É aqui, nesta categoria de crítica, que cabe em retrato de corpo inteiro o crítico (?) sr. Carlos Porto.

Depois deste arrazoado e antes de passarmos às «galeguices» e grosserias do sr. Porto, que repudio com veemência e constituem a única razão deste meu desabafo público, pois o que está em causa não é o espectáculo em questão ser bom ou mau (convenhamos até que é mau para simplificarmos as coisas) mas o «terrorismo cultural» e os métodos críticos (?) do sr. Porto, gostaria que este senhor respondesse às seguintes perguntas que a sua atabalhoada prosa me sugere:

1.ª – Que diferença há entre uma voz colocada(?), como ele diz, e uma voz desbloqueada?

2.ª – Uma voz matizada é um elemento distanciador?

3.ª – Que é um elemento distanciador?

4.ª – Que significa distanciar? E historicizar?

5.ª – Que é uma apresentação passiva de um texto?

6.ª – Que relação existe entre a estrutura semiológica do teatro oriental e a do teatro de Brecht?

7.ª – Não se poderá fazer Brecht sem canções?

8.ª – Que diferença há entre o cantar e o falar?

9.ª – Brecht será incompatível com o «rock» e o futebol?

Passemos agora à segunda parte das minhas considerações.

A má-fé do sr. Carlos Porto: Na minha nota sobre o espectáculo escrevi, humildemente, no programa que «confessamos, pois, que não estamos interessados em abordar as teorias brechtianas nessa perspectiva, antes nos propomos **começar do princípio e aprofundá-las numa prática de etapas sucessivas até aprendermos a usá-las com vista a trabalhos futuros».** Que fez o sr. Porto? Escamoteou pura e simplesmente no seu escrito esta nossa autocrítica para nos convidar a uma autocrítica!!! Engenhoso, não é verdade?

Será que o sr. Porto nos quer negar o direito à experimentação? Ou será que para o sr. Porto a experimentação não se pode fazer no sentido que quisermos, mas somente trilhando as vias de certas «vanguardas» tão do agrado do cosmopolitismo parolo do sr. Porto?

A grosseria do sr. Porto: Diz o sr. Porto a páginas tantas da sua prosa que «se a responsabilidade do espectáculo é, de facto, de Fernando Gusmão, e não foi condicionado pelo ponto 1. então o seu trabalho anterior (com o TEUC) foi um milagre».

Se o sr. Porto não fosse como é um diletante e tivesse alguma coisa a ver com o teatro, conheceria uma frase que anda na boca de todos nós; «Em teatro não há milagres.»

Como estou, porém, em maré de desabafos sempre quero dizer ao sr. Porto que eu sou muito religioso e até tenho um santo que é o único da minha devoção e se chama São Barnabum. Por ser seu devoto, o dito santo, em paga, já me fez alguns «milagres» e não só esse a que se refere o sr. Porto!

Chegados a esta altura é caso para perguntar: Que faz correr Sammy? – Perdão, enganei-me, eu queria dizer: Que faz correr o sr. Carlos Porto? Intrigado – embora compreendendo que o sr. Porto tenha que tratar da vidinha dele e, então, com esta inflação galopante! – fui ter com o meu santo São Barnabum que me disse textualmente o seguinte: «Diga da minha parte ao sr. Porto para ter calma porque talvez ele seja convidado por um dos seus amigalhaços para dramaturgista ou encenador de um qualquer grupo teatral, ou talvez eu possa fazer o «milagre» de conseguir que o Ministro da Educação o nomeie professor do Conservatório de Teatro.»

Em face do que me disse o santo fico na expectativa porque tenho a certeza que se isso acontecer todos os actores do teatro português vão a correr matricular-se no Conservatório para aprenderem com o sr. Porto as teorias e as técnicas do teatro de Brecht!

Quero desde já declarar, e para finalizar, que seja qual for a reacção do sr. Porto a este meu desabafo não entrarei num «dize-tu-direi-eu» porque ando nisto há trinta e dois anos (quero dizer no teatro), a minha vidinha é muito difícil e eu tenho mais que fazer.

Ora para o que eu estava guardado! Velha-me São Barnabum!

Fernando Gusmão

Aviso ao eventual leitor

O leitor que só agora começou a ler as minhas prosas críticas e aquele que, há mais ou menos tempo, me acompanha, merece algumas palavras de explicação a propósito das cartas publicadas no «DL». e assinadas, respectivamente, por Fernando Gusmão e Joaquim Benite. Em primeiro lugar um pedido: não deve o leitor tomar muito a sério o que nessas cartas se diz. É óbvio que elas não reflectem o que os seus autores são. Dito de outra maneira: é óbvio que os seus autores não são nem como artistas nem como cidadãos tão inferiores, ou medíocres, como parece quererem dar a entender.

Tratar-se-á talvez dum problema de modéstia. Acontece o seguinte: era preciso que houvesse um bombo de festa que permitisse uma manobra de diversão que o fiasco de «Guerra?! Não Obrigado» exigia. Arranjou-se, pois, o bombo de festa: para o caso o crítico que estava mais à mão por ser aquele que costuma dar a cara. Como se vê não tem grande importância.

Acontece ainda o seguinte: o espectáculo em questão é, de facto, uma merda. Aqueles artistas estão, porém, habituados a que os amigos lhes passem a mão pelo pêlo e lhes digam «porreiro, pá», enquanto pelas costas juram que é a tal coisa que se disse acima. O crítico, porém, é que não pode fazê-lo para não trair a sua consciência nem aquele que o lê (incluindo os responsáveis pelo espectáculo, embora eles barafustem). Já agora aproveito a oportunidade para lhes explicar que se trata de um facto corriqueiro no teatro português. Estou certo que se tivesse um irmão e que fosse obrigado a desancá-lo ele esfaquiar-me-ia. É claro que estou a falar em termos metafóricos, coisa que o leitor percebe embora possam não o perceber os meus epistológrafos. Compreenda o leitor: o teatro além de ser um ganha-pão, é um jogo de cartaz. Estes valores explicam certas reacções (e ainda por cima com este calor!). E se o leitor se perguntar a razão por que essas reacções só acontecem quando o crítico diz mal é porque só nessas alturas é que o crítico é uma besta, nas outras é bestial (esta é velha mas, infelizmente, não perdeu actualidade). Falando de outro modo: quando diz bem, o crítico ajuda o ganha-pão, o nome no cartaz.

Com aquela subtil ironia que é apanágio das pessoas inteligentes, diz o Fernando Gusmão: «Diga da minha parte ao sr. Porto para ter calma porque talvez ele seja convidado por um dos seus amigalhaços para dramaturgista ou encenador de um qualquer grupo teatral, ou talvez eu possa fazer o «milagre» de conseguir que o Ministro da Educação o nomeie professor do Conservatório de Teatro».

Ignora o Fernando Gusmão (santa ignorância) que eu até já fiz dramaturgia para um teatro nacional! Não fiquei cliente: ainda não me pagaram. Ignora também que já fui professor do Conservatório Nacional. Saí por minha livre vontade e contra a vontade dos meus alunos. É tudo uma questão de capacidade de autocrítica. Mas isto aquele artista não pode entender, tanto mais que, pelos vistos, até é amigalhaço do ministro da Educação! Quanto áquela do «que faz correr Sammy» (o leitor sabe: trata-se de uma personagem de um romance norte-americana que corre pelo cacau que se desunha), essa é a melhor das piadas. Mas essa o leitor tenha paciência – não posso explicar-lha.

Carlos Porto

P. Scr. – Vem no dicionário: Milagre... «Coisa muito extraordinária...»

Pois é, esta gente além de não ter senso de humor, não consulta os dicionários.

Tenho é que pedir desculpa aos dois artistas da RDA. A encenação do ~~espectáculo, ficamos~~ entendidos, é da inteira responsabilidade de Fernando Gusmão

Luís de Pina novo presidente do IPC

Luís de Pina será o presidente da nova Comissão Administrativa do Instituto Português de Cinema (IPC).

Dos três membros da antiga administração apenas a jornalista Helena Vaz da Silva será reconduzida, embora «provisoriamente» e «apenas para assegurar a continuidade» entre a nova e antiga direcção do IPC – disse uma fonte da Secretaria de Estado da Cultura.

Os outros dois membros, o ex-presidente da Comissão Administrativa do IPC, Miguel Sá da Bandeira e Manuel Baptista não serão reconduzidos.

A crise no Instituto Português de Cinema tornou-se pública há cerca de duas semanas quando Helena Vaz da Silva decidiu demitir-se alegando «o funcionamento irregular» da Comissão Administrativa daquele organismo.

Miguel Sá da Bandeira e Manuel Baptista foram depois convocados pelo secretário de Estado da Cultura que lhes comunicou a sua intenção de dissolver toda a Comissão Administrativa.

Em declarações à ANOP, Brás Teixeira disse na altura que aqueles dois administradores não haviam cumprido algumas directrizes que a Secretaria de Estado da Cultura definira para o IPC.

«Não se trata de uma questão de confiança política – disse então o secretário de Estado da Cultura – mas tão – só de uma questão técnica.»

"Atrás dos tempos — tempos vêm"

O grupo de teatro «A Barraca» apresenta hoje na Aula Magna da Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa, um recital com o título «Atrás dos Tempos -Tempos Vêm».

Participam todos os elementos do grupo «A Barraca», o cantor Fausto e artistas moçambicanos.

Este espectáculo constitui a estreia em Portugal do último trabalho deste grupo.

Violinista tradicional de Cabo Verde

António Travadinha está em Portugal

António Travadinha, violinista um dos mais significativos autores e intérpretes da música tradicional de Cabo Verde, está em Portugal para uma pequena série de concertos, acompanhado por cinco músicos: Armando Tito e Armindo Pires (violão), Bilocas (viola cabo-verdiana de dez cordas), Celestino Santos em cavaquinho e um quinto ainda não anunciado, que tocará reco-reco.

António Travadinha toca esta noite em Almada às 21 e 30, na Incrível. No Porto depois de amanhã, às 18 , no Carlos Alberto. E em Lisboa na segunda, às 21 e 30, no Adóque. Na terça-feira estará em Setúbal e depois seguirá provavelmente para a Covilhã, Sines, e Vila Franca de Xira.

A música popular cabo-verdiana é criação original de uma população crioula, com fortes influências africana e portuguesa. Dois ritmos principais surgiram: a morna e a coladeira.

A morna é a expressão cadenciada, dolente e sentimental, provavelmente aparentada com o fado e o samba canção, mas em que a linha melódica é geralmente mais rica e elaborada que nestes.

A coladeira, por oposição, tem um ritmo vivo, mantendo porém a caracteristíca melódica elaborada, pouco vulgar em formas similares de outras regiões de população mestiça afro-europeia, onde a melodia se limita a alguns compassos, continuamente repetidos e apoiados por uma forte secção rítmica. Na música de Cabo Verde, pelo contrário, a secção rítmica é pobre e mesmo na coladeira limita-se a um cavaquinho e a um reco-ceco, este último de introdução recente e que ainda se silencia quanto se tocam mornas.

A tradição instrumental é muito cultivada em Cabo Verde e o violino ou rabeca foi durante muito tempo o seu instrumento mais típico, mas que hoje começa a decair, cedendo a primazia ao violão (viola de seis cordas em Portugal ou guitarra, internacionalmente).

ANTONINHO TRAVADINHA é um dos músicos que continua a tradição da rabeca sendo ao mesmo tempo extraordinariamefte talentoso, ultrapassando os aspectos meramente folclóricos, quer pelo seu virtuosismo, quer pela invenção que põe nas suas interpretações em largas improvisações à maneira dos primeiros músicos de jazz de Nova Orleães. Do seu violino tanto saem roufenhos gritos lacinantes (de autêntico protesto), como doces melodias, ou verdadeiras gargalhadas de escárnio ou de alegria, isto sem nunca perder o ritmo ou a linha melódica do tema popular escolhido.

Antoninho Travadinha nasceu há 44 anos na ilha de Santo Antão (uma das ilhas rurais e mais acidentadas do arquipélago). O seu pai toca todos os instrumentos de corda tradicionais, mas nada lhe ensinou, deixando apenas que brincasse com os instrumentos e assim, aos cinco anos, já tocava cavaquinho em bailes. Tem seis irmãos, todos tocam, mas foi apenas ele que se dedicou ao violino. Autenticamente popular, nunca se profissionalizou na música e trabalha hoje como fiscal de armazém da Empresa Pública de Abastecimentos, na Ilha de S. Vicente, depois de ter sido pedreiro, carpinteiro, etc. É pai de 11 filhos, tendo uma difícil vida do ponto de vista económico. É a primeira vez que sai de Cabo Verde.

Apresentada uma antevisão do Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian

O Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian cuja antevisão foi apresentada terça-feira em Lisboa incluirá um museu, ateliers experimentais, um centro de documentação, um arquivo de arte e instalações para animação cultural.

A fundação anuncia esse espaço polivalente como um instrumento de trabalho capaz de permitir o estudo das novas formas de expressão artística do século XX sob a perspectiva de que as pesquisas plásticas actuais estão «intrinsecamente ligadas à investigação científica, às novas correntes filosóficas e literárias, às novas experiências musicais e arquitectónicas, à galopante evolução da técnica e, também, e muito especialmente, às crises económicas e políticas».

O museu propriamente dito será constituído por vastas galerias, dotadas de espaços para programas audiovisuais, de modo a que o visitante possa ter uma informação completa da evolução da arte moderna.

Oferecerá três zonas bem definidas para a pintura, o cinema experimental, a arquitectura, o design, a fotografia, a holografia, performances, intervenções e video.

O recheio já adquirido inclui obras de dezenas de pintores nacionais e estrangeiros.

No piso principal do museu ficará instalada a colecção de arte moderna portuguesa de pintura e escultura.

No piso superior pintura e escultura estrangeiras e no inferior desenho, gravura e livros.

Haverá ainda dois espaços destinados à projecção de filmes e diaporamas que documentem a evolução da arte portuguesa a partir de 1911 ou da arte moderna em geral.

A zona de ateliers experimentais abrangerá dois pisos cujo funcionamento prevê horários diferenciados ou simultâneos

O centro de documentação reunirá toda a documentação de arte portuguesa desde 1911, bem como material sobre arte estrangeira e um sistema de informação que ilustre e conserve as principais manifestações de carácter efémero, tais como performances e intervenções.

Noite de Gala no Campo Pequeno que ficará na história da tauramaquia

A Praça de Touros do Campo Pequeno vai abrir hoje vistosamente decorada, para se realizar uma corrida de touros de homenagem ao veterano empresário Alfredo Ovelha, que durante quarenta anos promoveu a festa brava, em 4 Continentes, Europa, África, Ásia e América.

Do cartaz elaborado a primor consta a abertura pela charanga a cavalo evocativa do século XVII, seguindo-se a lide de 6 preciosos touros, da já famosa ganaderia de Manuel Pontes Dias, ganaderia já triunfadora no Campo Pequeno, na noite de 25 de Junho.

A cavalo toureiam três nomes consagrados: David Ribeiro Telles, Luís Miguel da Veiga e José João Zoio.

A pé veremos três matadores bastante populares, como Mário Coelho, Ricardo Chibanga e António de Portugal.

Ressalta-se que Luís Miguel da Veiga e Mário Coelho, fazem a sua apresentação esta temporada na Monumental de Lisboa e que os matadores são os três grandes bandarilheiros da actualidade.

O Grupo de Forcados é seleccionado por Nuno Salvação Barreto, decano dos cabos e constituído por diferentes elementos.

crónica de touros

No meio do concerto, um solo de excepção

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 16 de Julho de 1981. Touros do Marquês de Rio Maior e Irmão, para David Ribeiro Telles, Emídio Pinto, forcados amadores do Aposento da Moita (cabo Pires da Costa), Ricardo Chibanga e Luís Reina.

Na calorosa noite de quinta-feira houve, no Campo Pequeno, um concerto pela Banda Artística Lisbonense. O público encheu pouco mais de meia casa, sem saber ao que ia: e o antigo bandarilheiro Damião, que provavelmente sabia, pensou que os «inteligentes» não estão ali para outra coisa, e à laia de compensação usou sua velha técnica do «música para toda a gente». E assim foi a banda repetindo as duas peças do variado reportório, tocou-as não sei quantas vezes, no estilo educativo do «hão-de tocar até aprenderem».

Mas nem os músicos aprenderam, nem o público se divertiu com o que se passava na arena, salvo aqueles simples que se divertem com ir à tourada, quanto ao resto estão por tudo. E outro remédio não tiveram, porque o resto foi uma sensaboria. Os touros do marquês de Rio Maior e de seu irmão, alguns com tipo e até fina lâmina, não se contentaram com sair mansos, quando investiam era com asperezas e dificuldades, cabeceando, aprendendo buscando, a exigirem domínio e poderio que seus toureiros não tiveram. E a excepção não pôde salvar a tarde, porque o magnífico terceiro exemplar estava a mais naquele cartaz – e o bravo e popular Ricardo, apesar da expressão que logrou nalguns lances de capote, do espectáculo dum ou doutro par de bandarilhas, e do lento correr a mão em certos passes da faena, não tem, no sentimento do seu toureio, nem a profundidade nem o aroma capazes para triunfar dum inimigo assim, tão nobre e claro, com tamanho som nas incansáveis e prontas investidas.

A apresentação em Lisboa de Luís Reina, com género pouco potável para se plantarem flores, começou e acabou na larga afarolada com que recebeu, os dois joelhos em terra, seu primeiro inimigo; o resto foram apenas bons desejos do Toureiro de Almendralejo, que muito mais não podia esperar-se, nem exigir-se, dum matador que leva três tardes toureadas – e não vai decerto ter muitas mais. E, se tiver, que não entre em jogadas de não alternar em quites, como desta vez decerto combinou com Chibanga, cada matador dava os seus lances e, em vez de convidar o companheiro a melhorá-los, fazia sinal ao «inteligente» Damião para tocar a bandarilhas: e para o Damião já vimos que tudo quanto seja música é um vê se te avias, os quites que se lixem. Menos mal que nas bandarilhas, além do Chibanga, e para compensar a actuação desastrosa do pequeno João José, vimos os quatro pares em que Laurentino Boieiro ganhou a cara com medida, e com garra cravou.

Na parte dita portuguesa, e apesar do pouco conjunto e poder nas ajudas, os aplausos maiores foram ainda para as pegas dos rapazes da Moita, rijas as do Brito e Sousa e do Miguel Balé, e com garbo apesar de três vezes repetida a do José Romão, valorizada pelo pouco que o touro se gastara no cavalo. David Telles, mesmo depois de ver o seu colhido contra as tábuas, manteve-se serenamente vulgar. Emídio Pinto, crescendo embora nos três curtos finais, não encontrou ainda o sítio que este Inverno deixou algures esquecido. No toureio a duo, os cavaleiros não conseguiram estar ao menos folclóricos, como é costume nestas lides; e tudo foi apagado e sonso, as palmas maiores foram quando antes de retirar se abraçaram, creio eu que para mútuo consolo, já que o concerto da banda nem tudo podia alegrar.

★ ★ ★

À saída dos curros, o quarto Rio Maior embatera duas vezes, com fragor, contra o burladero do sector quatro. Não fora o derrotar em tábuas, essa precisão do touro encontrar onde descarregue seu ímpeto, que ao romper praça se faz urgente e poderoso. Nada disso. Contra a madeira o fizera investir um capote, ali deixado por um qualquer peão, sem nome nem figura para usar desse capote como único engano, não para servir de cortina a esconder uma trave espessa e demolidora. Não importa se o fez por desleixo, por medo, ou talvez porque assim lho ensinaram ou mandaram: por sinal com um touro também de Rio Maior, ouvi eu, em Santarém, um matador chamado Ruiz Miguel, assustado, esquecido da própria valentia, a dizer para um seu peão «Dá-lhe lenha!». Pois boa dose de lenha levou, logo à saída, o quarto touro desta noite do Campo Pequeno. E do embate vinha naturalmente atónito, se sempre são incertas as primeiras investidas, tinham as dele que estar descompostas, pela violência com que sua força e esqueleto haviam esbarrado contra a inamovível barreira. Mas agora ali estava, a esperá-lo, um peão de brega, um toureiro, com o seu capote, que não pôs nem deixou no burladero.

Chama-se António Cipriano, o peão de brega, o toureiro. Leva anos e anos por essas arenas, nas grandes de Espanha se fez famoso, dos primeiros, lugar dos que não se ganham nem com pagrinhos, nem com sorrisos, nem com fantasias. Ali está ele, esperando o touro que nem precisa de ser chamado. Nos dois primeiros lances usa ambas as mãos: eu sei que não é como mandam os tratados, mas tão-pouco iria neles gastar o touro, alargando assim o percal, nele o levando sem esses recortes que os ignorantes aplaudem, sem o quebrantar nessas bruscas travagens e derivações donde nascem os primeiros ressábios, se consome a força de que os quartos traseiros hão-de na lide ser catapulta. São, enfim, apenas dois lances de António Cipriano, é de Coruche mas todos o conhecem por Badajoz, terra que afinal também é sua, porque os toureiros de verdade são de qualquer terra de Espanha.

Mas atenção: que depois do segundo desses lances, ao revolver-se e voltar á carza o Rio Maior, solta António Cipriano a ponta do seu capote. E só pela outra se vê o touro levado, a direito, suavemente, a torrente da sua fúria sentindo-se travada, como por magia, no deslizar da tela escarlate. Assim estendido, desde a ponta que o touro segue até à ponta que a mão do toureiro leva, extenso se faz o capote, e à sua extensão se junta a do braço que o move, despegado, sem se agarrar ao corpo em sinal de medo, mau conselheiro e o instinto de pôr o braço à frente do corpo, como escudo que ao touro ensina afinal o mau caminho.

António Cipriano arrasta pois seu capote, estendido, sem uma ruga; o braço, leve, sem uma contracção; os pés, quietos, agora que já não lhes pedem movimento para fazer largo o girar do touro; a figura, erguida, sem essa precisão de ser dobrada, quando se usam as duas mãos, para longe levar e de longe trazer o inimigo; e, mais do que erguida, figura toureira, imponente. Apetece a gente levantar-se, pôr-se a gritar: «Reparem bem, ó cambada de analfabetos, vejam lá se isto tem alguma comparação com tudo o resto que se fez esta noite no Campo Pequeno!»

Não gritei coisa nenhuma, que é preciso ter boas maneiras, além disso ser analfabeto não é culpa própria, é do sistema, no fim de contas fazemos parte da cambada, vamos a estas missas que nem sequer são aos domingos, celebram-nas às quintas-feiras, assistimos a elas mesmo sabendo que não é a sério o sacrifício. Mas a verdade é que aquele lance de capote, a uma mão, mas dado com o corpo inteiro, e o sentimento, de António Cipriano, foi o grande, o único momento que aconteceu na corrida do Campo Pequeno. Quando a beleza aparece, mesmo que depressa se apague, deixa cá dentro um rasto de luz, a alumiar a escuridão.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Leitão é mau político. Tudo o aconselhava a não aceitar este debate

Se não fosse o debate entre o tenente-coronel Vítor Alves e ominístro Morais Leitão, o programa de ontem da TV era como se não existisse.

Ao dar as «últimas», a informação mostrou um quadro desolador das senhoras e senhores relacionados não sei quê com os pensionistas, soturnamente, com cara de sétimo dia, Robin de Andrade discursava, depois qualquer coisa de Israel e Líbano, os palestinianos atacaram, mas não fizeram nem um, nem unzinho, morto e FINALMENTE!, a Volta a Portugal em Bicicleta. Carlos Quinas pede desculpa de o documentário não ser a cores, enfim, só temos contrariedades no raio da vida.

Na «Agua Viva», em maré de águas-mortas, tudo se prepara para o grande momento em que Maria Helena vai saber o que é ter pai. Sandra prepara-se para conhecer o amor, Irene andou a contribuir para o romantismo. Nelson apanhou bolada na testa. Por esta vez, a PSP está inocente: vimos quem agrediu.

O **Telejornal** (que vai passar a chamar-se, conforme consta por aí, «Diário do Governo») abriu com Pinto Balsemão a soletrar, de punhal nos dentes, um improviso, não se sabe para quem, mas esses não se sabe quem batiam palmas e apreciavam muito.

Depois houve mais governamentices oficiais e oficiosas – mais Balsemão, mais Morais Leitão, mais Vasco de Melo, mais Ferraz da Costa, mais assim, mais assado, frito e cozido, tenho dito.

O que eu sinceramente apreciei muito foi a entrevista do senhor comendador Torres Couto. Dentro da UGT, segundo nos apercebemos, anda tudo à bulha, mas a unidade é perfeita. Uma coisa é certa: depois do Verão, aquela sigla vai desencadear acções contra o Governo. Por que não agora já? – pode perguntar-se.

Por duas ordens de razões, supõe-se. Primeiro, os siglados estão em gozo de férias no Algarve. E depois, o Pacto (no forno) impõe tréguas nos meses de Verão, por causa das moscas. Mas Verão, quando o Verão acabar! Só que nesse tempo virá a chuva, o frio, o mau tempo e então recorrer-se-á a outra alínea do Pacto (estafado) a saber: tréguas para o Inverno...

Digno de interesse, pois, só o debate. Melhor dizendo: os monólogos de Morais Leitão, cassetteiro sem nenhuma imaginação, entremeados com as ajudas de Margarida e com algumas breves sugestões de Vítor Alves.

Morais Leitão era um homem desorientado, incapaz de desenvolver uma ideia, de seguir um argumento com lógica. Avançava, recuava, trocava os assuntos, lavrava «ligeiros protestos», em suma: ninguém se apercebeu do que ele pretendia.

E difícil pretender alguma coisa, com êxito quando alguém se coloca em posição falsa. Sempre em posição de desequilíbrio, não lhe pertenceu um único «assalto» apesar dos golpes baixos que lhe mereceriam cartão encarnado, se o «árbitro» tivesse um mínimo de decência. As referências às posições dos comunistas foram extremamente desagradáveis – pois é sabido que os trabalhadores bancários comunistas têm desafiado o ministro para um debate na TV sobre problemas da Banca – e ele moita, carrasco. Poderá ter razão? Até era uma boa altura para mostrar quem era bom e quem percebia da poda. Mas o ministro tem medo – tem medo da verdade e da denúncia de política escandalosa...

Provou-se, através da palavra serena de Vítor Alves, que o Conselho da Revolução agiu nos limites estritos da sua competência; que PSD e CDS são incoerentes, pois atacam hoje o que defenderam ontem; que a dinamização provocada pela Banca privada (na sua óptica) podia processar-se dentro do actual esquema; que o espírito da Constituição aponta para a transição do socialismo e não para a regressão do socialismo...

Aqui Morais Leitão foi-se abaixo das pernas. Se a Guidinha soubesse contar até dez era o KO. As manobras da AD ficavam bem à vista...

Morais Leitão passa as fronteiras do ridículo quando cita a questão bancária na óptica marxista. Admite-se que o tempo em que geriu os futebóis não lhe dessem tempo para ler Marx nem Lenine, pelo menos. O que ele sabe são umas larachas aprendidas no Tavares Rico.

A importância da Banca é um truismo. Os socialistas consideram que, se não dominarem a Banca, não poderão construir o socialismo. Marx apontava como um dos erros da Comuna de Paris o facto de não terem ocupado os bancos.

O capitalismo igualmente considera que o seu projecto não se concretiza se a Banca não for privada e posta sem entraves ao serviço da exploração dos trabalhadores, dos pequenos industriais e comerciantes. Por isso é que o Governo AD tanto deseja abrir a Banca ao capital privado. Depreender-se-á daqui que Morais Leitão seja um marxista? Céus, que tempestade!

Leitão não acertou numa. Em termos de futebol, não servia nem para as reservas do clube do meu bairro. E se os Governos de Salazar eram medíocres, a AD seguiu-lhe o exemplo. É o que se chama a continuação na mediocridade. Como se provou ontem.

Quanto à Guidinha, anunciou a suspensão da «Página 1». Regressa em Outubro. «Até lá» – disse – «muito boa noite.»

Boa noite até Outubro... Deve ser a noite em que hibernam as Marantes, os Coutos, os Soares e outros bichos de sangue congelável.

A BARRACA e ASSOCIAÇÃO Portugal-Moçambique apresentam na AULA MAGNA da Reitoria da Universidade
Ao Campo Grande
5.ª F.ª 21.30
ATRÁS DOS TEMPOS TEMPOS VÊM
RECITAL INÉDITO
ÚNICA REPRESENTAÇÃO
MÚSICA E POESIA Portuguesa e Moçambicana
direcção: Hélder Costa
A BARRACA + FAUSTO

J. MARQUES
Reparação em TV a cores ou a preto e branco.
Montagem de antenas individuais e colectivas
Tel. 573559 - 577706

Hoje

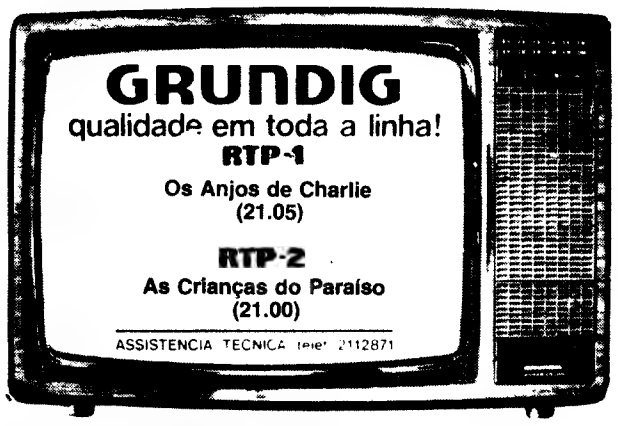
Na RTP-1 exibição de mais um episódio da série «Os Anjos de Charlie»

18.47 Sumário - Um resumo noticioso
18.52 Volta a Portugal em Bicicleta - Transmissão directa da final da etapa do dia, da Volta a Portugal em Bicicleta
19.15 Desenhos Animados
19.30 País, País - Informação regional
19.50 Res-Pública - Oleiros (Beira Baixa)
20.25 O tempo
20.30 Telejornal - As notícias do País e do estrangeiro
21.05 «Os Anjos de Charlie» - Intérpretes: Kate Jackson, Farrah Fawcett, Jacklyn Smith e David Doyle
22.00 Telenovela - «Água Viva» (episódio n.º 107)
22.50 Últimas notícias - Inclui o resumo da jornada da Volta a Portugal em Bicicleta.

Marcel Carné, realizador do filme intitulado «As Crianças do Paraíso» cuja primeira parte é esta noite exibida na RTP-2

20.30 Informação-2 - Notícias do País e do estrangeiro

21.00 «As crianças do paraíso» (1.ª Parte) - Intérpretes: Pierre Brasseur, Jean-Louis Barrault, Pierre Renoir, Arletty, Maria Casares e Paul Frankeur. Realizador: Marcel Carné.



Amanhã

18.50 Sumário; **19.00** Tempo dos mais novos; **19.30** País, País; **19.50** Grande reportagem; **20.25** O Tempo; **20.30** Telejornal; **21.05** Hollywood; **22.00** «Água Viva» episódio n.º 108; **22.45** Volta a Portugal em Bicicleta; **22.55** Últimas notícias.

20.30 Informação/2, **21.00** Magazine de Artes Plásticas; **21.30** Programa musical «Solid Gold»; **22.30** O Mundo em acção.

GRUPO DE CAMPOLIDE/ACADEMIA ALMADENSE — T. 2752175
FÉRIAS DA COMPANHIA
A SEGUIR
«A RECTA-GUARDA
de Romeu Correia SUB SEC/CMA

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 4.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação deste anúncio, citando o executado Fernando Neves para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzir por embargos a oposição que tiver na execução de sentença para prestação de facto, na qual o exequente pede que o Réu inicie e mantenha com continuidade regular, até à sua conclusão, as obras de reparação e consolidação das varandas da rectaguarda do prédio urbano sito na Rua Acácio Paiva, n.º 10-2.º andar esquerdo, em Lisboa, conforme tudo melhor consta do duplicado da petição inicial arquivado nesta Secretaria.

Execução de Sentença para Prestação de Facto, n.º 9831/A-2.ª Secção

EXEQUENTE - Carlos Viegas Pereira, residente na Avenida Oscar Monteiro Torres, n.º 48-2.º andar, em Lisboa.

EXECUTADO:- Fernando Neves, ora ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Acácio Paiva, n.º 10-2.º andar esquerdo, em Lisboa.

Lisboa, 14 de Julho de 1981

O Juiz de Direito,
a) **Vítor Manuel Lopes de Sá Pereira.**
O Escriturário,
a) **João António Martins**

Tribunal Cível da Comarca de Lisboa

15.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio respectivo. Execussão de Sentença n.º 4615/A 2.ª secção. Exequente(s) — PORTUGAL PREVIDENTE — COMPANHIA DE SEGUROS, SARL. Executado(s) — ANTÓNIO DE OLIVEIRA BOIA & IRMÃO, LD.ª, com sede em Paços de Brandão, Vila da Feira.

Lisboa, 15 de Julho de 1981

O Juiz de Direito,
Herlander Antunes Martins

Pel'O Escrivão de Direito,
Maria Teresa Pena dos Santos

roteiro cultural

CINEMA

A Cinemateca Portuguesa divulgará a partir de amanhã seis filmes do realizador alemão George-Wilhem Pabst, num ciclo marcado para uma sala do cinema «Quarteto», em Lisboa.

A maioria das películas são anteriores ao cinema sonoro e retratam a primeira fase da obra deste realizador, abrangendo a época de 1925 a 1931.

Pabst, um dos nomes mais marcantes da produção alemão da segunda metade da década de 20 e do início dos anos 30, vai ser apresentado ao público de Lisboa através de obras decisivas desse período, desde a celebérrima «Rua Sem Sol», com Greta Garbo e Nielsson, a testemunhar o abandono das tendências expressionistas em favor dum tratamento realista da crise alemã da altura, passando pela narrativa «psicanalítica» dos «Segredos de uma Alma» e pelo «amor louco» de «Jeanne Ney», até aos exemplos máximos da sua chamada trilogia «erótica» – «Lulu» e «Diário de Uma Mulher Perdida», com Louise Brook – e à não menos famosa «Ópera dos Três Vinténs», segundo Brecht e Weill.

O ciclo de cinema moderno promovido pelo ABC Cine-Clube de Lisboa prossegue amanhã, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, às 21.30, com a exibição de «Otto e Mezzo» (Fellini 8/2), realizado em 1963 por Federico Fellini, com Marcello Mastroianni, Sandra Milo, Anouk Aimé e Claudia Cardinale nos principais papéis. Aceitam-se inscrições de sócios à entrada (50$00)

Uma Retrospectiva Video

O IX Estúdio Coreográfico do Ballet Gulbenkian vai apresentar seis novos bailados de seis novos autores

Jean Rouch, organizadapela Direcção-Geral da Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, com a colaboração da Embaixada de França em Lisboa e da Sociedade Nacional de Belas Artes terá lugar de amanhã, a 31 de Julho, das 15.30 às 20 horas, na sala do 1.º andar da SNBA.

Cineasta e etnólogo, a maior parte dos filmes de Jean Rouch focam aspectos da civilização e cultura africanas. «Para mim, cineasta e etnólogo – diz o autor – não há praticamente nenhuma fronteira entre o filme documentário e o filme de ficção. O cinema, a arte do duplo, é a passagem do mundo do real ao mundo do imaginário e a etnografia, ciência dos sistemas do pensamento dos outros, é uma travessia permanente de um universo conceptual a outro». Todos os filmes apresentados nesta retrospectiva são acompanhados de uma introdução e de uma conclusão gravadas por Jean Rouch.

Ballado

O IX Estúdio Coreográfico do Ballet Gulbenkian vai apresentar seis novos bailados de seis novos autores. Após as «tournées» que acaba de realizar no Porto, Coimbra, Viseu, Leiria e Évora e na Região Autónoma da Madeira, o Ballet Gulbenkian vai regressar, amanhã e depois, ao convívio dos espectadores de Lisboa. Desta vez, porém, em espectáculos com características especiais: trata-se de apresentar ao público seis novos bailados criados pelos próprios bailarinos no IX Estúdio Coreográfico da Companhia.

Eis os respectivos títulos e autores: **Bailado em forma de fuga** (coreografia de Ana Rita Plameirim, «dedicada a Tom e Jerry», e tendo como suporte musical e «Ebony Concerto» de Stravinsky); **Bocas do mundo** (coreografia de Elisa Ferreira com música de Steve Wonder); **Três cenas da minha vida no arbusto de fantasmas** (coreografia de Edmund Strip, música de Brian Eno e David Byrne); **Última Canção** (coreografia de Lúcia Lozano, inspirada numa canção de Richard Strauss); **Abstracções** (coreografia de Olga Roriz sobre música de Debussy, Vangelis e Codona); e **Dezoito minutos de morte** (coreografia de Gagik Ismaily, com música de Alan Parsons, baseada em contos fantásticos de Edgar Alan Poe).

Este programa será integralmente apresentado em cada um dos dois espectáculos referidos, que se realizarão no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, na sexta-feira, às 18 e 30, e no sábado às 21 e 30.

Dança-Jazz. Está marcada para hoje e amanhã, às 21.30 horas e dias 25 e 26 às 16 e 21.30, no Teatro da Trindade, a apresentação do espectáculo de dança-jazz constituído por um grupo de oito bailarinos. A direcção coreográfica pertence a Ruben Marks, doutorado em História de Arte na Suécia, e actual director artístico e pedagógico do Centro de Movimento Expressivo e Artístico de Lisboa.

NOVIDADE!

Uma bebida nova feita de produtos quase tão antigos como a humanidade.

Sangriol

O melhor acompanhamento de refeições, refrescante isolado com sabor e garra, mas baixa gradução (metade da do vinho).

Convite:

No próximo sábado e domingo, das 10 às 20 horas, na **Fábrica «Vida e Fortuna», em Quinta do Anjo (Palmela),** o portador deste anúncio e mais 3 pessoas têm direito a provar e levar «Sangriol» para casa. Gratuitamente. Não há vendas.

Aproveite. Dê um passeio. Será bem recebido.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	52$00	57$00
ALEMANHA FED. (marco)	26$25	27$35
ÁUSTRIA (xelim)	3$65	3$85
BÉLGICA (franco)	1$536	1$636
BRASIL (cruzeiro)	$401	$651
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	52$80	54$80
(notas de 5 a 1000)	53$30	55$30
DINAMARCA)coroa)	8$40	8$80
ESPANHA (peseta)	$622	$722
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	64$10	66$10
(notas de 5 a 1000)	64$60	66$60
FINLÂNDIA (marka)	14$10	14$70
FRANÇA (franco)	10$90	11$60
HOLANDA (florim)	23$55	24$55
INGLATERRA (libra)	96$15	100$15
IRLANDA (libra)	120$00	124$00
ITÁLIA (lira)	$048	$058
JAPÃO (iene)	$249	$284
NORUEGA (coroa)	10$50	11$00
SUÉCIA (coroa)	12$35	12$95
SUIÇA (franco)	30$60	31$70
VENEZUELA (bolivar)	12$30	13$30

Observações:
1. – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. – **Todas as operaçoes de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena 1

16.00: Sem margem – cinema; **17.00**: Ciclo musical; **18.00**: Formas de energia; **18.45**. RDP/regiões; **20.00**: Enquanto os outros vêem TV – jazz; **21.00**: «Serões na Província», de Júlio Dinis – livre e directo; **02.00**: Madrugada na RDP/Centro; **05.30**: Programa rural.

16.00: «Que quer ouvir» «Tzigane», de Ravel, Sinfonia n.º 6 em fá maior, op 68 (Sinfonia Pastoral), de Beethoven; **17.00:** Arquivo do disco; **17.30:** Música de piano de Liszt – Suite «A Árvore de Natal»; **18.12:** Música sinfónica **19.00:** O Canto e os seus interpretes; **20.05:** Bailado; **21.00:** Emissão Estereofónica «Aspectos da musica do Brasil» **22.00:** Música de Câmara – Quinteto para cordas Kochel 614 em mi bemol maior, de Mozart pelo «Quarteto Dinamarquês»; **22.30:** 2.ª parte de um concert **23.25:** Música Sinfónica (Duas obras concertantes) –Sinfonia n.º 3 em dó menor, op 78 de Saint-Saens, pela Orquestra Filarmónica de Los Angeles – Sinfonia-/Concerto (para violoncelo e Orquestra) de Prokofief, **00.04:** Música de tecla – Parte da colectânea de peças para dois pianos «Visions de l'Amem» (Visões do ámen), de Messiaen; **01.00:** Fecho

Radio comercial (283, 290 e 397m)
15.03: Jogo de damas; **15.15: Espelho meu; 15.45:** Teatro trágico; **16.15:** A panela ao lume, **16.30:** Dizes tu, direi eu; **17.03:** Todos no top; **18.08:** Hora de ponta; **18.20:** Espaço 3 P; **20.03:** Quando o telefone toca (1.ª edição); **20.30:** Diversos; **21.03:** Quando o telefone toca (2.ª edição), **21.30:** Quando o telefone toca (3.ª edição); **22.20:** Música para meditar; **22.30:** Tempo de desporto, **23.30:** 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

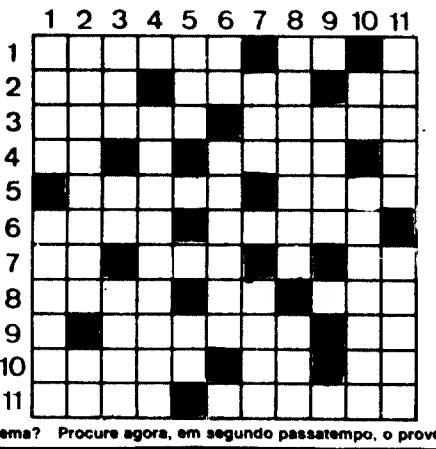
RC-FM-Estéreo (97.4 MHz)
16.03: Rock em stock; **18.03:** Circulo em FM; **19.03:** Em órbita; **20.03:** Rolls rock; **21.03:** Abandajazz; **22.03:** Café concerto. Noticiário de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
16.00: «Aqui e agora»; **17.00:** «Jornal da mulher»; **18.15:** Igreja em Notícia; **18.25:** Palavra do Dia; **18.30:** Transmissão do Terço da Basílica dos Mártires; **19.00:** «Programa da LAR»; **19.30:** Revista de Imprensa); **20.00:** «Pajú»; **21.00:** «O som da noite»; **21.30:** «Diálogo e vida», **22.00:** «Quando o telefone toca»; **22.30:** «Meta final»; **23.10:** «Programa cultural»; **23.30: Nota de Abertura; 23.55:** Meditando; **24.00:** «Meta final» (continuação), «Flaschs» informativos de hora a hora.

Tiragem média diária do mês anterior: 49.619 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13182

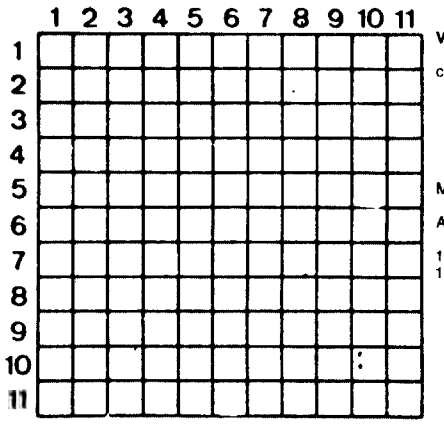


Horizontais:
1 Hemolinfa; Preposição.
2 Anel; Freguesia do concelho de Torres Vedras; Miriare.
3 Matagal; Grupo de talófitas que apresentam núcleos celulares, germes e leucitos.
4 Nesse lugar; Conquista.
5 Descarnado; Rio de Espanha.
6 Dança indígena de Cabo Verde; Argamassa composta de cal hidráulica ou cimento.
7 Zomba; Oferecei; Batráquio.
8 Pronome demonstrativo; Autores; Acrescentei
9 Rezasse; Cidade da antiga Caldeia.
10 Cingir; Suspiro; Radio (s.q.).
11 Ecoas; Cidade do Alto Egipto, nas margens do Nilo.

Verticais:
1 Bilha para maluvo, na Lunda; Dobrada.
2 Encostais; Letra grega.
3 Bêbado (Bras); Antes de Cristo; Penúria.
4 Aquelas que sabem jogar.
5 Boi selvagem; Alteza Real.
6 Pronome pessoal; Judeu da tribo de Neftali, célebre pela sua piedade pela caridade para com os correligionários durante o cativeiro.
7 Recusa; Tempo do verbo ser; Pegas.
8 Natural da Dalmácia; Aqui está.
9 Habitação ou bairro pobre de indígenas, na ex-Índia Portuguesa.
10 Ruim; Banha.
11 Cidade de Itália; Espécie de andorinha.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9042



Horizontais:
1 Bailar; Dar pios.
2 Serra de Portugal; Ena! Cobalto (s.q.).
3 Preposição; Pessoas intrigantes.
4 Acolá; Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas.
5 Nivela; Preposição; Botequim.
6 Cento e três em romano; Distar.
7 Moeda oriental; Falta de apetite.
8 Preposição latina que designa movimento; Cidade da Arábia; Rio da Suiça.
9 Observar
10 Estéril; Águas furtadas.
11 Campónio; Ave doméstica.

Verticais:
1 Capital da África Ocidental Francesa, (Senegal); Flautas.
2 Além; Venera.
3 Alcunhas; Sinal ortográfico.
4 Crómio (s.q.), Mortificado.
5 Encolerizai.
6 Pão em forma de rosca.
7 Género de palmeiras do Brasil; Miadelas.
8 Espécie de embarcação asiática; Abreviatura que se usa em música.
9 Habitador.
10 Respeitaria; Clima.
11 Corar; Avaliou.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13181

Horizontais:
1 Pá; MOLHAR; A
2 Assoma; Roda
3 Léu; Os, Roer
4 Asma; Tré.
5 Ocai; Pago
6 Ri; Moela.
7 Asaria; Ni
8 Ardor Doba
9 Cria. III; ÁS
10 Ao; Rua; Doca
11 Tais; Amor

Verticais:
1 PALAVRA; COM
2 Ases; Isara
3 SUMO; Ari.
4 Mo, Acordara.
5 Omo; Io, Ui!
6 Lastimarias
8 Arrependida.
9 Roo, Alio; Om.
10 DE, Ga, BACO
11 Aarão, Casar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9041

Horizontais:
1 Cardeal.
2 Adobaria; Ce.
3 Lamas; Tar.
4 Omar; Samora.
5 Mar; Redomas.
6 Cá; laras.
7 Ocasos; Or
8 Asa; Ás, Lu
9 IV; Rs; Coral
10 Tacas; los.
11 Aoros. Iroso.

Verticais:
1 Salomão; Ita.
2 Dama; Cavão.
3 Comarcas; Cr.
4 Abar; Asarão.
5 Ras; SSS.
6 Dr.; Seis.
7 Eirada; Açai.
8 Aa; Moroso.
9 Tomar, Rio.
10 Caras; Laos.
11 Lerás; Pulso .

Provérbio: MOLHAR A PALAVRA COM SUMO DE BACO

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A
Às 14.30-16.30-18.30-21.30 e 23.45h.
007 – SÓ SE VIVE DUAS VEZES
N. acons. men. 13 anos
c/Sean Connery
todos os domingos
manhãs infantis

SALA B
Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 18 a.
LENNY

c/ Dustin Hoffman
Realização de Bob Foss

ALVALADE B97480

Av. de Roma
14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
A ÚLTIMA VIAGEM DA ARCA DE NOÉ
com Elliott Gould, Genevieve Bujold e Ricky Schroder
4.ª Semana

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h.
Um filme de David Lynch
Technicolor
O HOMEM ELEFANTE
Int. men. 13 anos
9.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Interd. m/ 18 anos
Matavam por prazer e devoravam as suas vítimas com apetite selvagem
VIOLÊNCIA CANIBAL
(contém cenas eventualmente chocantes)

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
GENTE VULGAR
Com Donald Sutherland, Mary Tyler
Não acons. men. 13 anos
17.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
Sessões ás 14.00 16.30, 19.00, 21.30
Richard Dreyfuss / Susan Anspach / Bonnie Bedelia em
DETECIVE PRIVADO
Um filme de Jeremy Paul Kagan. Technicolor
Interdito a men. de 13 anos

CASTIL 530194

Rua Castilho

Ás 21.30 horas
Não aconselh. men. 13 anos
Uma magnífica análise dos grandes mistérios internacionais!
A SERPENTE DE OURO
Um filme de Henri Verneuil

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
às 15.15, 18, 21.30
não acons. 13 anos
AVENTURA E AVENTURA
filme de Claude e Lino Ventura
Ás 24 h.
Não acons. m. 18 anos
INVASÃO SONETO

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
DISCO SEXO MANIA
Pornográfico – Hardcore

Às 24 – Int. men. 18 a.
O REGRESSO DOS HERÓIS

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
VESTIDA PARA MATAR
c/ Michael Caine, Angie Dickinson e Nancy Allen
Às 24.00 int. men. 18 anos
CIDADE CORRUPTA

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O REGRESSO DOS 3 INDOMÁVEIS PATIFES
c/ Robert Widmark, George Arkin e Jim Gordon

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 21.30
INTRIGA EM FAMÍLIA
Ás 21.30
SALO OU OS 120 DIAS EM SODOMA
de Pier Pasolini
Interd. 18 anos

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Estreia ás 21.30
Int. men. 18 anos
AVENTURA NAS CARAÍBAS
Realização Philippe Mannier
(Colorido)

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
Ás 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A CONQUISTA DO MUNDO

Um filme de Sidney Hayers
Technicolor

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
Pela primeira vez a espantosa versão integral de
BLOW-UP
HISTÓRIA DE UM FOTÓGRAFO
5.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Les Charlots na mais endiabrada comédia
OS MALUCOS EM HONG KONG

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
Ás 21.30 horas
Não acons. a men. 13 anos
Clint Eastwood, Donald Sutherland
HERÓIS POR CONTA PRÓPRIA
–Um filme de Brian G. Hutton–

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
DAS 9 ÀS 5
c/ Jane Fonda, Lily Tomlin e Dolly Parton
3.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
ATÉ MESMO OS ANJOS COMEM FEIJÕES
Um filme de E. B. Clucher
Technicolor

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
Às 15.15 e 21.00 – N. ac. men. 13 a.
BEN-HUR
c/ Charlton Heston, Stephen Boyd e Haya Hararaet
70m
N. B. Não se realiza a habitual sessão das 18.15

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Encerrado para beneficiações
Reabre dia 24 de Julho com o filme
A FÓRMULA
de John G. Avildsen

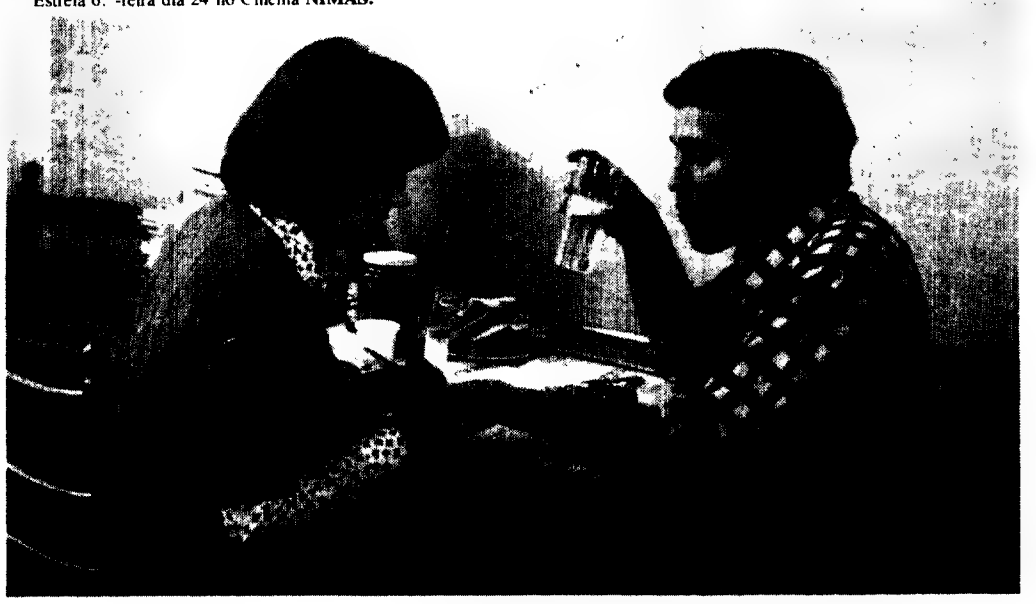
NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14.15, 16.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
CIRCUITO FECHADO
Um filme de Giuliano Montaldo
Ás 24 h
SGT. PEPPERS

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30
N. acons. men. 18 anos
A BALADA DE DJANGO
Um Western rigoroso de grande impacto e emoção
com Hunt Powers
2.ª Semana

«NOVE MESES» Um tema tratado com rara sensibilidade por MÁRTA MÉSZÁROS um dos maiores nomes da actual cinematografia europeia.
Estreia 6.ª-feira dia 24 no Cinema **NIMAS.**



PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
FÉRIAS ESCALDANTES
c/ Sasha Hehn e Margit Man
Colorido

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão
As 21.30 horas
Estreia – **O ÚLTIMO COMBOIO DO KATANGA**
c/ Rod Taylor, Yvette Mimieux e Jim Brown
Não acons. men. 18 anos

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– N. ac. men. 18 a.
DOCES FANTASIAS
Real. Michel Deville

SALA 2
Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
(Cenas event. chocantes)
CARNE PARA FRANKENSTEIN
Real: Paul Morissey

SALA 3
As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Maiores de 18 anos
Filme de qualidade
PROVIDENCE
Real: Alain Resnais

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
(Maiores de 18 anos)
TAXI DRIVER
Real: Martin Scorsese
Filme de qualidade

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém

Às 15.30 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
Um filme de intensa acção!
CHAMAM-ME DÓLARES
c/ Terence Hill, Jackie Gleason e Valerie Perrine

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Acção, imprevisto e pancada!
Uma comédia impagável que só Bud Spencer poderia interpretar
XERIFE QUEBRA OSSOS

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.

O EXPRESSO DE CHICAGO
c/ Gene Elder e Jill Clayburgh

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões, 14, 16.30, 19, 21.30
não acons. men. 13 anos

A FILHA DO MINEIRO
11.ª Semana

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. da República – (junto ao Apeadeiro da CP de Entrecampos)
Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 13 a.
007 OS DIAMENTES SÃO ETERNOS
com Sean Connery
domingo às 11.15 – Para Todos
FESTIVAL POPEYE

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O ESPIÃO MAIS PERIGOSO DO MUNDO
11.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Às 11 13 15 17 19 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
NÃO HÁ DOIS SEM TRÊS
Uma comédia notável de humor e amor
Com: Richard Dreyfuss e Marsha Mason
4.ª semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21.45
– N. ac. men. 13 a.
2001: ODISSEIA NO ESPAÇO
c/ Keir Dullea, Fary Lockwood e Stanley Kubrick
A obra-prima de Stanley Kubrick
Metrocolor

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

As 21.30 h. – Estreia
Interd. men. 13 anos
Depois do triunfal sucesso de («A Rosa»)
Bette Midler é a
DIVINA LOUCURA

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9 – P. Restauradores

Às 14.15, 16.30,19 e 21.30
Int. m. 13 anos
AL PACINO É O ESPANTALHO
Omelhor filme do Festival de Cannes 1973
– Prémio: Palma Ouro

outros cinemas

Lisboa

CAPITÓLIO – «Star Virgem», às 21.00 e 23 horas (18 anos)
PARIS – «A Força da Verdade», às 21.30 (13 anos)
EUROPA – «Morte no Nilo», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «A Puritana Sexual», sessões permanentes (18 anos)
PROMOTORA – «O Desvendar de um Mistério», às 21.30 (18 anos)
CINEARTE – «Bruce Lee Super-Star», às 21.30 (13 anos)
LUMIAR – «O Grande Golpe», às 21.30 (18 anos)
ROYAL – «Júlia», às 21.30 (13 anos)
2000 – «Duelo de Fogo entre Djana e Sartana», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «Travões avariados, carros estampados» às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Superpolícia» às 21.15 (13 anos)
LARANJEIRO – Instrução e Recreio – «As asas da águia» às 21.15 (13 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Colégio de jovens» às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «O Homem da rua» às 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Tess» às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-cine – «A Fúria de um herói» às 21.15 (13 anos)
PAREDE – Royal-cine «O Círculo vermelho» às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «American Graffiti – 2.ª parte» às 17 e 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «Sybil» às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «Blue Boy e C.ª» às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cine Plaza – «A Terra das mil aventuras» às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Par ou Ímpar?» às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine Estúdio – «Asfalto» às 21.30 (13 anos)
CACEM – Estúdio Flores – «O Fantasma» às 21.30 (18 anos)
MEM MARTINS – Cine Chaby – «Plano Armagedão» às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Amigos para sempre» às 21.30 (13 anos)
SACAVÉM – S. José – «Saias acima já» às 21.30 (18 anos)
MOSCAVIDE – Stop – «Trunfo na manga» às 21.30 (13 anos)

Porto

TERÇO – «Sargento Bompigiani», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO – «O Cão», às 21.30 (18 anos)
COLISEU – «Doutor Jivago», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «Yakuza», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «Música no Coração», às 21.30 (6 anos)
BATALHA – «A Fúria da Razão», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-A – «Oxalá», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «Festival 007», às 21.45 (13 anos)
CHARLOT – «Desforra Apache», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Sexo no Colégio», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Um Homem a Mais», às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS – «O Clã dos Sicilianos», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «A Grande Corrida à Volta do Mundo», às 21.30 (6 anos)
VALE FORMOSO – «Sexo Louco das Loiras», às 21.30 (18 anos)
ÁGUIA – «O Vingador da Cidade», às 21.30 (18 anos)
S. JOÃO – «A Última Viagem da Arca de Noé», às 21.30 (6 anos)
FOCO – «Um Crime no Expresso do Oriente», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «A Cidade das Mulheres», às 21.30 (18 anos)
PEDRO CEM – «A Louca Meia-Idade», às 21.45 (13 anos)

Coimbra

AVENIDA – «As Supermulheres», às 21.30 (18 anos)
SOUSA BASTOS – «Os Rebeldes», às 21.30 (13 anos)
TIVOLI – «O Contra-Ataque do Dragão», às 21.30 (13 anos)
S. TEOTÓNIO – «Os Saqueadores», às 21.30 (13 anos)

SANOFI BLANC

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

JOÃO XXI – Av. João XXI, 16-A. Telef. 886462; **SIMÕES PIRES** – Rua da Prata, 115. Telef. 362350; **UNIÃO** – Est. Benfica, 592-594. Telef. 700042; **COMBRO** – Cç. Combro, 78-82. Telef. 326059; **DOURO** – Alm. Linhas Torres, 93-AB. Telef. 791131; **HONIL** – Rua Rodrigo da Fonseca, 153. Telef. 683438; **DALVA** – Av. Duque d'Ávila, 125. Telef. 545225; **LISBONENSE** – Rua Leão d'Oliveira, 2-B. Telef. 637020; **EUROPA** – Av. General Roçadas, 27-AB. Telef. 843880; **DIAS E SARAIVA** – Rua Major Afonso Pala, 19. Telef. 2114487; **CORREIA** – Est. Principal, lote 172. Telef. 993148; **AMARAL** – Rua Antero Quental, 8-8-A. Telef. 925455.

teatros

ABC – «O Escabeche», às 20.30 e 23 horas (18 anos)
VARIEDADES – «Há Petróleo no Beato», às 21.30 (13 anos)
ADÓQUE – «Paga as Favas», às 21.30 (18 anos)
MARIA MATOS – «A Tragédia da Rua das Flores», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «Sopa de Pedra», às 21.30 (13 anos)
SÃO LUIZ – Festival de Teatro Amador «O Doido e a Morte», às 21.30 (13 anos)
ACADEMIA ALMADENSE – GRUPO DE CAMPOLIDE – «Guerra? Não Obrigado!», às 21.30 (13 anos)

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

REFORÇO

RIO DE JANEIRO – Av. Rio de Janeiro, 4-C. Telef. 881409; **SEPOL** – Cç. da Boa Hora, 94-A. Telef. 631958; **ELMA** – Rua D. Maria Pia, 358-A. Telef. 666176; **ALIANÇA** – Av. Almirante Reis, 145-BC. Telef. 570487; **SANTA MARIA** – Av. 5 de Outubro, 283-A. Telef. 763016; **MONTE** – Rua Senhora do Monte, 30-AB. Telef. 867842; **SÃO JOÃO** – Est. da Luz, 124-A. Telef. 783179; **BRANCO** – Av. Duque Loulé, 61-65 e Cç. da Picheleira, 140-BC. Telef. 880703; **MARLUZ** – Rua Prof. Mira Fernandes, MAF. Telef. 880703; **CONCEIÇÃO** – Cç. D. Gastão, 30-32. Telef. 381279; **VAZ MARTINS** – Rua António Ferro, 6-A. Telef. 970660; **NOVA** – Rua Açores, 11-A. Telef. 910305; **PONTINHA** – Est. St. Eloi, 4 lote SE. Telef. 990220; **MATOS** – Tv. Prioras (Viv. Morgadinho). Telef. 2519939.

Linha de Cascais

TIRES – **Guimarães** – L. Duartes, Lote A-r/c (Tel.2441616) Até às 21 horas; **ALCABIDECHE – Carvalho** – B. João P. Corr.ª, 40-B (Tel. 2690383) Até às 21 horas; **PORTO SALVO – Ferreira Bastos** – R. D. Firmino Reb.º (Tel. 2421015) Até às 21 horas; **CARCAVELOS – Central** – R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CARCAVELOS – Vilar** – Av. M.ª Conce.ª, Lote 8 (Tel. 2470777) Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. Sabóia, 29-B (Tel. 260085) Até às 21 horas; **MALVEIRA DA SERRA – Luz** – Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS – Pargana** – Av. eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147) Até às 22 horas; **OEIRAS – Oeiras** – L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485) Até às 24 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS – Leal** – Quinta das Palmeiras, lote 24r/c (Tel. 2478737) Até às 21 horas; **PARAEDE – Brandão** – Av. da República, 77-C (Tel. 2471054) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE** – Junqueiro Mendes – até às 21 horas, **S. PEDRO DO ESTORIL – S. Pedro** – R. 9 de Abril, 24 (Tel. 2683052) Até às 21 horas; **AMOREIRA – Amoreira** – (Tel. 262313/267314) Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL – Lopes** – R. Hangar, 3 (Tel. 260008) Até às 21 horas; **CASCAIS – A. Costa** – R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214) Até às 21 horas; **Cordeiro**– Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170) Até às 24 e das 0 às 9 horas;

Linha de Sintra

AMADORA – S. Jorge – R. Pedro del Negro, 5 – Reboleira (Tel. 938703) Permanente; **Campos** – R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072) Até às 22 horas; **DAMAIA – Damaia** – P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523) Permanente; **QUELUZ – Serra & Pinto** – Av. D. António C. Sá, 50-GE (Tel. 957619); **CAMARATE – Batalha** – R. Avelino S. Oliv.ª. (Tel. 2518669); **MEM MARTINS – Química** – Est. Mem Martins, 285 (Tel.2910012) Permanente; **MERCÊS – Claro Russo** – R. Abade Faria, 2-A (Tel. 2915275) Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO** – Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194) Das 9 às 23 horas; **S. PEDRO DE SINTRA – Valentim** – (Tel. 960456) Permanente; **COLARES – Abreja** – (Tel. 299088);

Outra Banda

ALMADA – Macedo Henriques – R. Bernardo Francisco Costa, Lote 1 (Tel. 2751297); **COVA DA PIEDADE – Cerqueira Afonso** – P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 2750254); **LARANJEIRO – Baptista Marques; COSTA DA CAPARICA – Higiénica** – Av. da República, 23 (Tel. 240002); **SESIMBRA – Leão** – Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471); **BARREIRO – Avenida** – Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2073212); **AMORA – Nova Amorense** – Av Mang. Silva Gomes, 80) Tel. 2210042), **SEIXAL – Godinho** – L. Igreja, 51 (Tel. 2218580); **MONTIJO – Diogo** – R. Almirante Reis, 50 (Tel. 2310031); **MOITA – União Moitense** – Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025); **ALHOS VEDROS – Gusmão** – R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020); **ALCOCHETE – Gameiro** – L. António Santos Jorge, 15 (Tel. 234100);
SETÚBAL: Costa, R. da Misericórdia, 48; **Brasil**, P. do Brasil, 14.

LOURES: Sálvia, Av. da Repúb ica, 29 (T. 2531240). Permanente; **MOSCAVIDE: Banha**, Av. Moscavide, 22 (T. 2518518). Permanente; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

COSTA CABRAL, R. Costa Cabral, 1832 (T. 48078); **FONTE DA MOURA**, R. de Tânger, 1463 (T. 081444); **BARROS**, R. do Bonjardim, 1292 (T. 487032); **FÁTIMA**, R. de Oliveira Monteiro, 475 (T. 65406); **GARANTIA**, R. Fernandes Tomás, 696 (T. 24645); **SÁ**, R. Vale Formoso, 181 (T. 480427); **SARABANDO**, L. dos Lóios, 36 (T. 21701); **DINIS**, R. Matias de Albuquerque, 247.

DE DIA E TODA A NOITE

BATALHA, P. da Batalha, 26 (T. 29524); **CAMPO**, P. da República, 118 (T. 25116); **INVICTA**, R. do Binfim,. 330 (T. 51212); **MIRA PAULO**, R. do Castelo de Numão, 37 (T. 64658).

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

RODRIGUES DA SILVA, R. Ferreira Borges, 32 (T. 24348).

PORTE PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º – 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.16	3,6 m	1.39	1,1 m
20.36	3,7 m	13.59	1,3 m
Dia 24			
9.13	3,5 m	2.37	1,2 m
21.38	3,6 m	15.04	1,4 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	19°
BRAGANÇA	16°
VILA REAL	17°
PORTO	18°
P. DOURADAS	12°
COIMBRA	17°
C. CARVOEIRO	16°
PORTALEGRE	17°
LISBOA	19°
ÉVORA	18°
SINES	–
BEJA	17°
SAGRES	18°
FARO	23°
P. DELGADA	19°
FUNCHAL	20°

últimas

O ESTADO VAI MUDAR de roupa através da «implantação» de novas fardas aos seus funcionários, segundo revela um diploma hoje publicado na folha oficial. Apenas alguns exemplos: na presidência da República, em actos de gala e de cerimónia, irão aparecer os jaquetões de tafetá, os coletes de sarjão e as luvas brancas de pelica. Quanto aos botões «vagueiam» entre o dourado e o prateado, conforme a categoria dos seus «donos». Quanto a sapatos, enquanto na PR e no Ministério dos Negócios Estrangeiros serão obrigatoriamente de verniz, na Assembleia da República poderão ser simplesmente pretos e em calfe.

O PEDREIRO PORTUGUÊS José Gomes Fernandes, de 28 anos, emigrado em França, matou a mulher, na casa que habitava em Montabau. O caso ocorreu na última segunda-feira, mas José só telefonou à Polícia, a contar o sucedido, dois dias depois. Os «gendarmes» telefonaram para a residência indicada sendo atendidos pelo filho do casal, uma criança de quatro anos, que lhes respondeu: «A mamã não pode falar. Está a dormir. Sangra muito.» Os «gendarmes» avisaram imediatamente a Polícia de Montabau para que fosse a casa do pedreiro português. A criança aguardava calmamente, numa dependência da habitação, junto do corpo da mãe, morta com um tiro de caçadeira. Estava ali. havia dois dias sem ter compreendido o que se passara. José Fernandes acabaria por se entregar às autoridades já próximo da fronteira espanhola.

OS ESTUDANTES COLOCADOS NA UNIVERSIDADE através do miniconcurso a que se refere a Portaria n.º 559/80, por despacho do secretário de Estado, deverão proceder à matrícula, até 31 do corrente, na universidade ou estabelecimento de Ensino Superior em que tiverem sido colocados.

A tragédia nas matas

Labaredas começam a diminuir

Apesar do abrandamento considerável que se registou nas últimas 24 horas nos incêndios que têm devastado, em especial, as áreas florestais, muitos são ainda os focos que continuam a lavrar com intensidade.

Ao fim da tarde de ontem, o fogo da serra de Odeceixe estava em vias de ficar controlado, se bem que os bombeiros de Odemira não o pudessem ainda considerar extinto. Em Viana do Castelo, também continuava a evoluir favoravelmente, com a situação no Monte de Santa Luzia praticamente dominada.

Entretanto, cerca das 16 horas de ontem, registou-se um incêndio no Parque Palmela, no Estoril, que atingiu algumas moradias (entre as quais a do ministro dos Negócios Estrangeiros) e viaturas, mas os bombeiros deram-no como extinto um pouco depois das 17 horas.

Em relação à região de Coimbra, onde as chamas destruíram nos últimos dias uma vasta área de pinhais e eucaliptais nos concelhos de Coimbra, Miranda do Corvo e Lousã, também os bombeiros consideraram a situação sob controlo. Doze corporações da região e avionetas dos Serviços Florestais combateram os diversos focos de incêndio, mas entretanto reactivaram-se vários focos na região de Oleiros, Castelo Branco e na barragem de Santa Luzia, próximo de Coimbra.

Ainda em relação ao incêndio na serra de Odeceixe, onde chegaram a intervir helicópteros a fim de evacuar populações ameaçadas, as labaredas, depois de controladas nas frentes iniciais, alastraram em direcção à serra de Monchique. A mata agora a arder está situada perto do Vale de Água da Serra, local de onde já foram evacuadas várias habitações que corriam perigo. O sinistro está a ser combatido pelas coorporações de Odemira, Ourique, Beja, Almodôvar, Aljezur, Aljustrel, Ferreira do Alentejo, Moura, Monchique, Sines, Lagos, Portimão, Mértola, Albufeira e Santiago de Cacém, com apoio de helicópteros da Base Aérea do Montijo.

Avião espanhol dá uma ajuda

Um avião espanhol de combate a incêndios está a operar em Portugal, anunciou o ministro português da Agricultura em declarações à Emissora Antena Um, de Lisboa.

Cardoso e Cunha adiantou que estão a ser desenvolvidos esforços a nível diplomático por forma a conseguir auxílio internacional para o combate aos incêndios que assolam o país.

Dentro de dias, devem chegar a Portugal mais alguns aviões espanhóis.

Outros fogos

Noutros pontos do país, como são os casos da Guarda, onde um grande incêncido (considerado de origem criminosa) que foi dado por extinto na madrugada de hoje e consumiu mais de 50 quilómetros quadrados de mata e também no Barreiro e em Celorico da Beira, os fogos continuam a atormentar as populações e a causar estragos irreparáveis no nosso património florestal.

Em Celorico da Beira, as chamas estendem-se por uma frente de 8 quilómetros e ameaçam as localidades de Vale de Azar, Ratoeira e Lajeosa, suspeitando-se que as causas sejam de origem criminosa.

No Barreiro, onde diariamente estão a ser solicitados os serviços das duas corporações de bombeiros, registou-se ontem um incêndio na mata nacional da Machada, próximo do quartel dos Fuzileiros de Vale do Zebro. O sinistro, que chegou a atingir grandes proporções (500 mil metros quadrados de pinheiros devorados pelas labaredas), foi combatido pelas corporações locais, no que foram auxiliados pelos fuzileiros navais. Mas receia-se que alguns focos venham a ser reactivados. Suspeita-se que a origem criminosa – uma vez mais – esteja na base deste fogo.

Debates televisivos

Continuação da pág. 1

entre Conselho da Revolução e Governo. Frente a frente o tenente-coronel Vítor Alves e o dr. João Morais Leitão. Para o clima de guerra atiçado em declarações de políticos e comentários de jornais, o debate foi urbano. Embora, a impecável serenidade e contenção verbal de Vítor Alves, tenham deixado sem réplica algumas vivacidades de Morais Leitão.

Não sabemos se o debate esclareceu a opinião pública. O tenente-coronel Vítor Alves evidenciou que a Constituição tinha uma leitura obrigatória e fácil; o dr. João Morais Leitão afirmou que as conjunturas alteram-se com a evolução e que o sistema bancário é uma coisa complicada. Quanto ao fluxo dos investimentos privados e à emergência da iniciativa privada, ficámos na nossa dúvida e com a memória que se apoia na experiência histórica do capitalismo português.

Foi decepcionante que o ministro Morais Leitão não tenha respondido directa e esclarecedoramente a Margarida Marante. Com efeito, depois de carta tão solene, tão severa, tão definitiva, do Primeiro-Ministro ao Presidente da República, o que nós não sabemos é — como perguntou Margarida Marante — por que se não demite o Governo.

Morais Leitão não disse porque. Indicou somente que o Governo — mesmo sem a «Lei imprescindível» — vai continuar.

Governar SERÁ aguentar?

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL.

1.º PRÉMIO – 20.277 – 24.000 CONTOS
2.º PRÉMIO – 44.104 – 4.800 CONTOS
3.º PRÉMIO – 39.408 – 1.800 CONTOS

O 2.º e 3.º Prémio foram vendidos aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETUBAL - FARO

APROXIMAÇÕES AO 1º PRÉMIO

20.276 – 321.900$00
20.278 – 321.900$00

PRÉMIOS DE 60 CONTOS

2.310; 3.717; 8.800; 13.231; 18.777; 19.436; 20.447; 21.521 21.742; 24.114; 28.033; 31.421; 32.541; 35.981; 37.416; 37.501 37.919; 41.100; 41.489; 44.444; 45.364; 48.245; 48.563; 48.639 50.627; 52.785; 54.380; 54.947; 57.957; 60.716; 61.800; 64.080 64.515; 64.749; 67.535; 68.276; 70.597; 72.227; 74.130e 74.344

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

12.000$00 – 070; 214; 287; 303; 359; 506; 754 e 999
6.000$00 – 104; 277 e 408
3.600$00 – 38 e 67
1.800$00 – 7 (terminação)

PRÉMIOS DE 3.000$00 (CENTENAS)

20.201 a 20.300; 39.401 a 39.500 e 44.101 a 44.200

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 25 / 01 / 82

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Restaurante de Monsanto continua em "maré de azar"

Dois candidatos apresentaram-se ontem ao concurso público abero pela Câmara Municipal de Lisboa para exploração do restaurante de Monsanto, mas nenhum foi «aceite» por falta de documentação pedida. No entanto, ao que apurámos, junto do gabinete de Krus Abecasis, o concurso poderá não necessitar de ser repetido, se uma Comissão que vai agora ser indicada, vier a considerar que os documentos que faltam não são imprescindíveis para a apreciação das propostas.

O restaurante, que continua em «maré de azar», foi construído em 1967, mas nunca chegou a estar aberto ao público, funcionando para recepções oficiais esporádicas. Também por concurso público, a sua exploração foi cedida ao industrial Amadeu Dias em 1968, começando então um diferendo entre a CML e o adjudicatário, que fez com que o empreendimento acabasse por ficar todos estes anos fechado.

DL ler/escrever

N.º 20 ● 23 de Julho de 1981

Suplemento Literário

EÇA DE QUEIROZ TRADUZIDO PARA ALEMÃO

por José Coùtinho

A editora **Rütten & Loening**, de Berlim-/R.D.A., pôs recentemente à disposição do seu público uma cuidada edição de «O Mandarim», de Eça de Queiroz, dando assim continuidade a uma tradição honrosa para as nossas letras: a de manter viva a popularidade da obra de Eça de Queiroz na R.D.A. Traduzida já grande parte dos seus romances, Eça é hoje, naquele país, um dos escritores estrangeiros mais lidos e conhecidos, a ponto de se ter tornado um «clássico» entre os leitores. Várias pessoas colaboraram nesta versão alemã da fábula de Eça. Comecemos pela tradutora, dedicando às nossas letras, traduziu já para alemão autores como Fernando Namora, José Cardoso Pires, Urbano Tavares Rodrigues, Jorge Reis; o seu labor em prol da difusão de obras da literatura portuguesa, em língua alemã, é um dos mais meritórios e dignos de entre o dos estrangeiros que, por amor à nossa cultura, têm contribuído para o melhor conhecimento da literatura portuguesa nos seus países de origem. As gravuras de Harry Jurgens que enriquecem este «Mandarim», dado agora à estampa em Berlim, sublinham com um traço ora sombrio ora leve, as atribulações do amanuense Teodoro numa China vista

Gudrun Hohl, a quem se deve a recriação clara e rigorosa que consegue dar nos planos semântico e sintáctico da língua alemã, uma versão fidedigna da ironia e da forma tensa que caracterizam o texto queiroziano. A romanista Gudrun Hohl, profunda conhecedora da língua e da literatura portuguesas e que, de há longo tempo se vem pelos olhos decadentes e burgueses de uma certa Lisboa dos finais do século passado e mostram a simbiose de real e de grotesco com que Eça de Queiroz criticou aspectos muito concretos da sociedade do seu tempo. Mas esta edição chega às mãos dos leitores alemães com um não menor motivo de interesse: o posfácio de Óscar Lopes que, traduzido por Horst Schulz, informa da importância da novela na obra de Eça de Queiroz, relaciona o autor com o seu tempo histórico e sociocultural, europeu em geral e português em particular e estabelece a génese da novela, quer nos seus aspectos míticos e fabulosos, quer na crítica realista que nela está contida. Óscar Lopes chama. a este propósito, a atenção para «a descrição do rosto físico e social de uma China decadente, semicolonizada pelo capitalismo internacional, com o seu colorido oriental e os costumes estrangeiros (Teodoro, como burguês, fala com desprezo da 'arraia-miúda') e a corrupção abjecta do poderio dos Mandarins». A China convencional onde o autor faz desenrolar a ascensão e queda (as «ilusões perdidas», segundo Balzac, depois de havidas) do amanuense Teodoro, é o pano de fundo contra o qual se recorta com a maior nitidez, a crítica a um país decadente e servil em que, como Óscar Lopes enuncia, «o secretário se curva diante do Director do Ministério, o caixa do Banco diante do milionário, o cocheiro diante do passageiro rico, o funcionário chinês diante do Chefe, o próprio imperador da China diante de um embaixador fardado de general.» À guisa de apresentação, a editora resume assim o conteúdo da narração: «Poderes secretos e diabólicos fazem com que o amanuense Teodoro, de Lisboa, assassine um Mandarim do longínquo Reino do Meio e põem-lhe nas mãos uma fortuna fabulosa. A partir de então, o amanuense pode levar uma vida que anteriormente lhe parecia impossível. De um momento para o outro trans-

Continua na pág 4

José Maria Eça de Queiroz

Der Mandarin

R&L

Sobre "Desconcerto" de Jaime Salazar Sampaio

Jaime Salazar Sampaio

A peça de Jaime Salazar Sampaio, intitulada «Desconcerto», não é uma peça sobre Luís de Camões, embora os fragmentos de textos camonianos nela inseridos, assim como o próprio título, pudessem levar a pensar isso.

Mas se afirmamos não ser uma peça rigorosamente **sobre** Camões, o mesmo não podemos fazer quanto a não haver quaisquer contactos com a problemática camoniana. Para já, o título parece ser inferido das «Oitavas ao Desconcerto do Mundo» de Camões, e os fragmentos escolhidos pelo dramaturgo «encaixam-se» no texto – num processo de intertextualidade – de um modo profundo a nível da significação da peça e nunca como meros versos «recitados» por uma personagem à maneira de ilustração de um determinado assunto. É isso que vamos tentar evidenciar nos pontos seguites:

1. **Os extractos camonianos da peça**

Não é por acaso que só na parte final da peça surge uma personagem, enigmática porque nem nome tem, **O Mendigo**, e que é esta personagem que «recita» versos de Camões sobre o «desconcerto» do homem e do mundo. Também não é por acaso a sequência em que nos aparecem os fragmentos. **O Mendigo** pode ser visto como uma personagem autobiográfica, e, assim, será o «eu», o sujeito poético a expor toda a sua interioridade no plano do dizer. Daí a sua identificação possível com o sujeito camonian-

Continua na pág 4

"COLÓQUIO/LETRAS"

Uma carta inédita de Cecília Meireles

«Colóquio/Letras», n.º 61, nas bancas. Importante: uma carta inédita de Cecília Meireles, com comentários do poeta, ensaísta e investigador açoriano João Afonso. Trata-se de um importante documento através do qual se revela a alta inteligência e grande cultura de Cecília Meireles, que esteve em Portugal algumas vezes, grande amiga que foi de Diogo de Macedo, José Osório de Oliveira e muitas outras personalidades ligadas aos meios culturais e artísticos portugueses. A carta insere ainda a gravura da assinatura da grande poetisa brasileira, falecida em Novembro de 1964.

Cecília Meireles, **desenho de Arpad Szens**

Resumo do sumário da revista: **Ensaio** – «Proposições sobre mito», por Autran Dourado; «Dostoiewsky e a peste nacional», por Agustina Bessa Luís; «Ortodoxia e heterodoxia nos sermões de Vieira», por Francisco Maciel Silveira; e «A palavra e o silêncio na poesia de António Ramos Rosa», por Maria Graciette Besse. **Ficção** – «Mulher dormindo», por Teolibda Gersão. **Poesia** – poemas de José Bento, António Luís Moita, Fernando Mendonça, João Camilo e Nicolau Saião. **Notas e Comentários** – «Óscar Lopes sobre Eugénio de Andrade», por Eduardo Prado Coelho: «Uma claridade de sombras e de luzes: a 'Obra Poética' de David Mourão-Ferreira», por Eugénio Lisboa: e «Luandino», por Alfredo Margarido.

E ainda: crítica de livros e um longo texto sobre o Ano de Camões. ●

OS CADERNOS DO 40 CONTINUAM

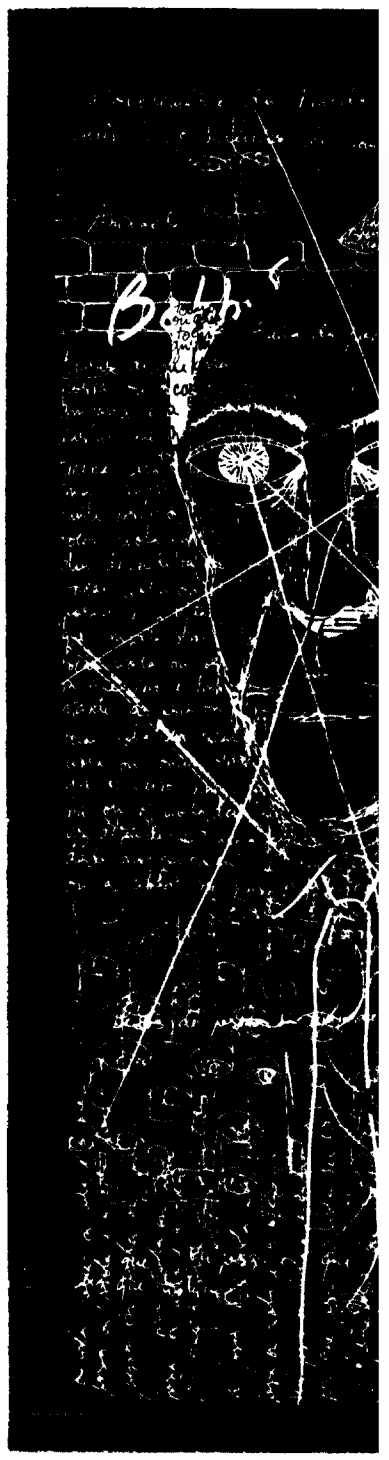
Os «Cadernos do 40», provenientes de um fenómeno de reunião de estudantes e não estudantes universitários que, em Coimbra, decidiram viver duma forma diferente a escrita e a poesia, fazem-nos registar agora o seu segundo número.

Depois de um período de sessões, quase-públicas, quase-íntimas, no n.º 40 de uma rua da Alta coimbrã, em que os artesãos (como gostam de ser considerados os participantes) liam os seus poemas inéditos, desejavam ou tocavam as suas novas músicas, havia saído, como noticiámos na altura, o primeiro número, algo tímido ainda, a 25 de Abril.

Tal como aconteceu nesse primeiro número e é referido agora no prólogo do segundo volume, **a palavra escrita foi a palavra dita.** Neste segundo número vêm palavras suas em letra de forma Zé Daniel Ribeiro e Manuel Silva (poesia) e Rasouli ben Rachid (pseudónimo para alguns textos de humor em prosa (?)). O volume inclui ainda a divulgação de alguns poemas de Cristiana Vieira, gravuras de Flora e Delfim Sardo e pautas musicais de Viriato. As fotografias de Bessa ficam por ver, dada a má impressão, mas registam-se como convém e, aliás, foi assinalado na «tábua».

Sem querer entrar em valorações literárias, que obviamente não cabem no corpo da notícia, pode-se desde já observar uma clara evolução nos aspectos gráficos e na ilustração e arrumação dos poemas.

Entretanto, as pessoas que, aos sábados, depois das onze, têm feito transbordar a velha sala do 40 em sentido físico e em calor humano, poesia, música, discussão, convívio e alguns copos, vão ter de esperar por Setembro para o recomeço. Depois da sessão de apresentação do n.º 2, no passado sábado, e prevendo a desertificação coimbrã dos meses de férias, as sessões foram suspensas. Em Novembro o n.º 3 estará à venda. Até lá muitos dos co-participantes do movimento (e são já muitas dezenas) preparam leituras, oficinam escritas e músicas e parecem, assim, garantir a prossecução de um movimento que tem ajudado a combater a apatia cultural coimbrã dos últimos tempos. ●



«Uma noite no 40» é o título deste desenho de Delfim Sardo incluído no segundo volume dos «Cadernos do 40»

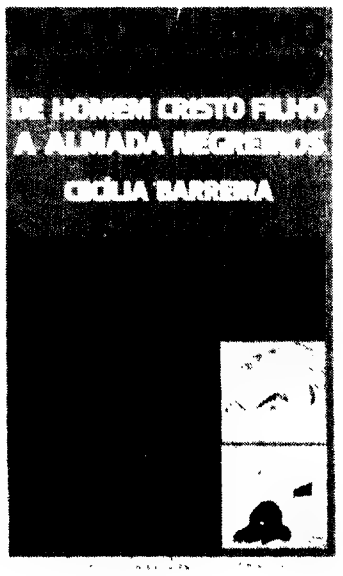
DE HOMEM CRISTO FILHO A ALMADA NEGREIROS • Um estudo de Cecília Barreira

Com o título **NACIONALISMO E MODERNISMO,** e o subtítulo «De Homem Cristo Filho a Almada Negreiros», publicou Cecília Barreira um estudo que vem revelar aspectos desconhecidos, ou totalmente ignorados das relações entre os dois homens e do seu percurso ideológico-político.

A revista «A Ideia Nacional», bissemanário político, viria a ser o ponto de encontro do tradicionalismo e do modernismo, dos doutrinários integralistas, dos organizadores e conspiradores monárquicos, dos restauracionistas e dos inovadores que, como Almada, compatibilizavam a apologia ideológica da «Direcção Única» com a pesquisa estética pluriforme e inconformista. Almada Negreiros é «capista» e ilustrador de «A Ideia Nacional», mas é o companheiro de António Soares, de Amadeo de Sousa-Cardoso, de José Pacheco. É – doutrinário e artista – o leitor de Marinetti, o declamador do «Ultimatum Futurista» (4 de Abril de 1917, no Teatro República).

Homem Cristo Filho e Almada Negreiros representam as faces cosmopolita e de revolucionarismo estético-literário de um movimento que degenerará, mesmo antes da submissão a Oliveira Salazar, num tradicionalismo banal e romanticizado. Sem a audácia cabotina de Homem Cristo Filho, sem a audácia inovadora e irreverente de Almada Negreiros, como escreve Cecília Barreira: «As palavras traíam pavores retrógrados, girando concêntricamente sobre as mesmas obsessões – Ordem, Tradição, Realeza; a estética procurava caminhos de crítica, de transgressão do espaço gráfico pela mensagem intrínseca ou extrínseca.»

Quadros explicativos, bibliográficos e gravuras completam e valorizam o volume. Edição «Assírio e Alvim», Lisboa, 1981. ●



CIÊNCIA, FILOSOFIA E R SEGUNDO ALEXANDRE

EMBORA tendo morrido em 1964, o filósofo Alexandre Koyré nem por isso desapareceu do nosso horizonte. Os seus trabalhos sobre a formação da física moderna continuam a ser de grande importância; a sua concepção das relações entre filosofia e ciência continua a ser uma das principais referências do pensamento contemporâneo. Faltava, em todo o caso, um trabalho de conjunto que nos fizesse compreender ao mesmo tempo a génese do trabalho de Koyré e as preocupações de ordem metafísica nele subentendidas. O livro que Gérard Jorland acaba de escrever, obra a um tempo clara e minuciosa, preencehu essa lacuna (1).

Nascido em Tiflis, na Rússia, em 1892, numa família judaica da burguesia, Alexandre Koyré entrou muito jovem – ainda estava no colégio – para o movimento revolucionário saído dos acontecimento de 1905. Foi mesmo preso e teve de terminar os estudos secundários na prisão. Foi aí, diz-se, que leu as **Investigações lógicas,** de Husserl. A Primeira Guerra Mundial surpreende-o na Suiça, como a tantos outros exilados. Alista-se então no Exército francês, depois regressa à Rússia para participar na revolução de Fevereiro de 1917. A de Outubro lança-o para as fileiras dos socialistas revolucionários contrários a Lenine.

Em 1919 abandona definitivamente a terra natal para se instalar em Paris, onde se torna professor na Escola Prática de Altos Estudos. Foi aí que até ao fim da vida, ensinou o essencial, à excepção de algumas estadas no estrangeiro, em particular no Egipto, e do período da Segunda Guerra Mundial, que passou nos Estados Unidos. Durante esse período contribuiu para a manutenção da presença francesa na América através da Escola Livre de Altos Estudos fundada em Nova Iorque por vários universitários no exílio.

Alexandre Koyré foi pois um homem intimamente ligado aos acontecimentos do seu tempo; todos os problemas sociais o apaixonavam. A sua tese complementar, defendida em 1927 tratava, de resto, de **a Filosofia e o problema nacional na Rússia, no princípio do século dezanove.** Um pouco mais tarde, na altura em que o nazismo parecia prestes a triunfar na Europa, mergulha de novo na filosofia política. Democrata convicto, tenta compreender as razões que parecem levar a Europa a mergulhar no totalitarismo.

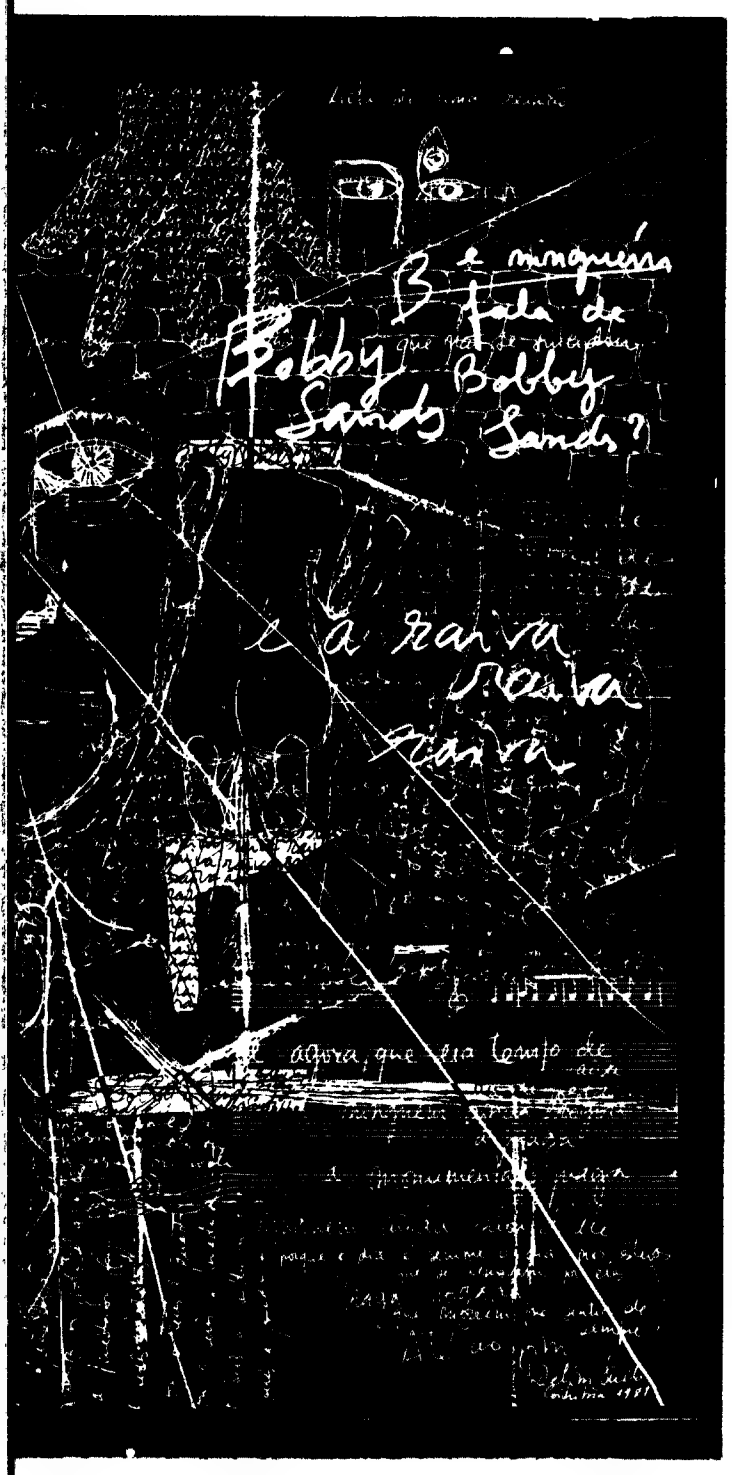
Mas Koyré, sempre atento às correntes intelectuais que o cercavam, viveu a sua época de um modo diferente: contribuiu largamente para fazer circular as teorias e as ideias dos seus amigos e correspondentes. Em 1932 funda uma revista intitulada **Recherches Philosophiques,** onde já se encontram, de Sartre a Klossowski, a maior parte dos nomes que vão contar após a Libertação. Foi também ele que, em Nova Iorque, precipitou o encontro – de onde sairia o estruturalismo – entre Claude Levi-Strauss e Roman Jacobson (que Koyré conhecia desde a época do Círculo de Praga, isto é, desde os anos 20).

Por fim Koyré teve um papel de charneira, que Gerard Jorland valoriza muito bem, entre três grandes pensamentos: os de Husserl e de Bergson, que conheceu pessoalmente e que o influenciaram, e o de Hegel para cuja descoberta por filósofos mais jovens, Jean Hyppolyte e Alexandre Kojeve, que seriam os seus primeiros traductores e comentadores em França, muito contribuiu.

A mística especulativa

Concebe-se bastante bem como Koyré pôde retirar do ensinamento de Husserl, um certo número de temas que depois constituíram os traços principais da sua própria concepção da ciência: recusa do psicologismo e do relativismo, definição do trabalho científico como trabalho conceitual articulado sobre experimentações que devem inscrever-se num quadro teórico, abandono do empirismo, valorização da história como dimensão constitutiva de todo o pensamento em marcha para a verdade. Mas Gerard Jorland tem o mérito de recordar que Koyré também se interessou muito, já nos anos 20, pela «mística especulativa» – essa forma de pensamento que une religião e filosofia e que nasce em Santo Agostinho, depois se expande em mestre Eckart e Jacob Boehme, antes de encontrar o seu prolongamento no romantismo e no idealismo alemães.

Com efeito, Alexandre Koyré considerou sempre a ciência, a filosofia e a religião como figuras do pensamento estreitamente imbricadas uma na outra, entrecuzando-se muitas vezes e até interpenetrando-se em dado momento ou nesta ou naquela obra de um modo indissolúvel. É assim que, para ele, a mística de Boehme é rigorosamente indecifrável sem referência à nova cosmologia criada por Copér-

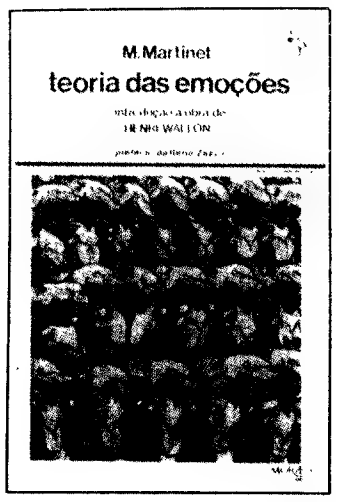


NOTÍCIAS NOTÍCIAS • NOTÍCIAS • NO

CIRCUNSTANCIAIS, de A. Herculano de Carvalho é o último título lançado pela «O Oiro do Dia» na sua colecção homónima de poesia. Tanto ao leitor mais ou menos dado às letras como ao comum dos leitores inevitavelmente familiarizado com o que lê e ouve quotidianamente, o nome de Herculano de Carvalho há-de dizer por certo alguma coisa. No primeiro caso, porém, tire daí o sentido: não se trata do catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e professor de filologia e linguística, autor duma «Teoria da Linguagem», entre outras obras. No segundo caso, sim, é mesmo aquele professor Herculano de Carvalho que subscreve a análise de certas águas minerais e de mesa. Mas isto é uma curiosidade, e não mais. Saiba-se no entanto que António Herculano de Carvalho, hoje reformado, foi professor e director do Instituto Superior Técnico e reitor da Universidade de Lisboa, dirigiu o Instituto Português de Combustíveis e a Comissão de Estudos de Energia Nuclear, e publicou mesmo trabalhos no âmbito da sua especialização (engenharia químico-industrial). Como poeta é certamente muito menos conhecido. Os dois livros pessoais que publicou, «Romaria das Curvas», e «No Domínio dos Símbolos», datam de há mais de seis décadas: com exactidão, saíram em 1918 e 1920. Menos afastado no tempo, uma colectânea de poemas de autores estrangeiros vertidos para português: «Musa de Quatro Idiomas», em 145. «Circunstanciais» reune treze poemas e, em extratexto, um desenho de Goya.

EDIÇÕES BERTRAND – Entre os novos lançamentos da Bertrand podem referir-se: «Reflexões sobre a vida depois da vida», pelo dr. dr. Raymond A. Moodey Jr. (colecção Enigmas de Todos os Tempos); «A nova desordem amorosa», por Pascal Bruckner e Alain Finkielkrant; e «A vida secreta dos animais nos lagos e nos rios», por Michel Cuisin, com ilustrações de Carl Brenders – livro ilustrado didáctico para crianças.

O TROVÃO ENTRE AS FOLHAS, de Augusto Roa Bastos. Com livros em forma de romance, Roa Bastos é essencialmente um narrador. Actualmente professor-convidado da Universidade da Toulouse, há muitos anos já que se encontra exilado do seu país – o Paraguai – por motivos políticos. Todos os contos desta obra reflectem a mesma tragédia – a de uma comunidade natural, no Paraguai, em que a primitiva ordem mágica das coisas e da vida é destruída pela chegada da civilização europeia com os seus frutos amargos: a violência, a degradação e a escravatura (lançamento Edições 70).



TEORIA DAS EMOCÕES, de M. Martinet. Na sua secção de psicologia, a «Moraes» lançou uma introdução à obra de Henri Wallon, a «Teoria das Emoções», de Madame Martini. Diz René Zazzo, no prefácio: «Em dez anos, várias dezenas de estudos foram consagradas aos diversos aspectos do pensamento de Wallon, a recolha dos seus artigos atingiu em França uma tiragem de 30 000 exemplares, várias das suas obras foram traduzidas em italiano, em espanhol, em português, em russo, em polaco e em húngaro».

OS NOVOS CONTOS DE AMADOU KOUMBA – Tal como em «Contos de Amadou Koumba», já publicado entre nós (Edições 70), uma das características do autor, Birago Diop, senegalês, reside na capacidade de nos transmitir a riqueza de ensinamentos da vida contada nas tradições populares africanas. O presente volume inclui o conto «A Colher Suja», que inspirou o bailado «Coumba», apresentado pela Escola de Dança «Mudra-Afrique», criado por Maurice Béjart, em Outubro de 1979, na Fundação Gulbenkian.

«PROSAS» DE ARNALDO SANTOS – Na colecção Autores Angolanos das Edições 70, acaba de sair uma reedição deste volume de contos e crónicas de Arnaldo Santos, membro fundador da União dos Escritores Angolanos, colaborador de várias publicações literárias, representado em numerosas antologias, publicadas não só em Angola como em Portugal, Argélia, Itália, Suécia, Quénia, União Soviética, Brasil, RDA e Inglaterra.

A mesma editora, na colecção «À Descoberta da Realidade», publicou também «Como Começaram as Coisas», um livro escrito por Mary Jean McNeil e ilustrado por Colin King, dedicado às crianças e aos jovens, que vem na sequência de dois álbuns anteriores publicados na mesma colecção: «Como Funcionam as Máquinas» e «Como Funciona o Corpo Humano» e, tal como estes, elaborado sob a orientação de um consultor educacional. ●

RELIGIÃO E KOYRÉ

nico, ao passo que os problemas e os limites da astronomia kepleriana não podem compreender-se se não forem colocados no quadro da visão religiosa do mundo, toda impregnada de astrologia e de magia, que era a de Kepler.

Esse modo de aproximar a história do saber mesmo que deva muito aos trabalhos de Duhem, e sobre tudo aos de Meyerson, ainda é relativamente inovadora no momento em que Koyré a formula. Ela constitui o aspecto mais original dos seus trabalhos, que se tornaram clássicos, sobre Galileu e sobre Descartes (2). Com estas duas obras, pensa Koyré, não assistimos somente a um progresso na ordem do conhecimento, nem mesmo ao nascimento de uma disciplina nova, mas a uma mudança radical de perspectiva sobre o homem e sobre o mundo. Com a formulação da lei da queda dos corpos, com a organização de uma física matemática baseada na geometria euclidiana, segundo a qual a estrutra do espaço é uniformemente a mesma, é toda a visão clássica de um cosmos hierarquizado em regiões qualitativamente distintas que rui, enquanto se instala uma nova visão, a de um universo infinito, homogéneo e rigorosamente mensurável. A partir daí são possíveis muitas consequências científicas e técnicas que vão permitir que o homem se torne «mestre e senhor da natureza», à sociedade europeia assegurar a sua expansão a outros continentes, à humanidade racionalista e positivista declarar o mundo não habitado por Deus.

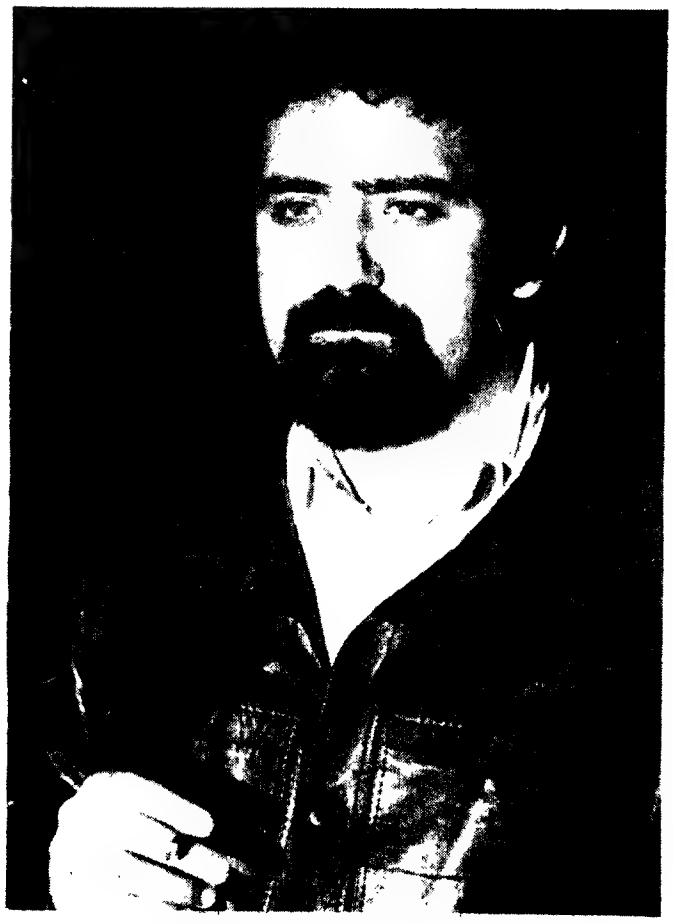
Conhecemos hoje bem a sequência dessa aventura intelectual, graças a Bachelard, claro está, mas também aos trabalhos mais recentes de Michel Foucault e Thomas Kuhn sobre a noção de «ruptura» em história das ideias. Mas nem por isso Koyré deixou de ter, neste domínio, um papel pioneiro. Ao seguirmos Gerard Jorland na leitura que ele faz só podemos ter pena de Koyré ter morrido antes de ter desenvolvido os trabalhos que iniciara sobre a última grande «ruptura» aberta ao nosso universo mental: aquela de que é testemunho a física einsteiniana, e cujas consequências o nosso século ainda não acabou de viver.

Christian Delacampagne

(1) Gérard Jorland, La science dans la philosophie, Gallimard.
(2) Entre outros os «Etudes galiléennes» (Hermann, 1966) e «Du monde à l'univers infini» (Gallimard, col. «idées» n.° 301).

UM POEMA INÉDITO
de Joaquim Benite
MEMÓRIAS

Das, entre novas frentes,
ilusões que a memória
mastiga
assim fizera
meu passo de sair
e delas, mal bordado,
um tal silencio
que em gritos todo
se exercia.
Assim pensava acontecer
na, interna em mim,
imagem quase minha (e sê-lo-ia não fora
a fluidez que encerra a vida).
Perdidos, porém, os frutos que pereceram
ou jamais, alados, se elevaram
e outra vez chamados
outros já eram, ou novos
ou diferentes se mostravam,
entre as frentes, que a memória
não impede, novas, despontava
uma tal ausência
que não era mais
que partir dela e dela ser
Bordara esse vazio minha
útil mão inútil. Assim
nas pedras acontece.



JOSÉ GOMES FERREIRA

"A Poesia Continua"

Para José Gomes Ferreira a poesia continua... E é precisamente agora que, na «Moraes», saiu o volume «A Poesia Continua – velhas e novas circunstâncias», 1981. Do índice fazem parte: Três poemas inéditos à mão nas primeiras edições especiais de «Poesia I» e «Poesia II», Dedicatória a um poeta que se vai tornando maior de século para século; Duas «poesias de parede»; Outras «poesias de parede» interiores; Bairro da Ferrugem e Termidor errado.

Reproduzimos a última página dedicada a Catarina:

Catarina,
Senhora de Baleizão,
quando morreste,
a morte deixou de ser apenas tua
– solidão
de um cipreste
desenhado na lua.

Sim, Catarina,
a morte deixou de ser apenas tua.
Mas, nossa também, com a tua sina
de ser multidão
a cheirar a luz e a trigo
num altar.

Sim, Catarina. Queremos morrer contigo.
E ver a Revolução
ressuscitar.

XX

(Se Catarina tivesse morrido antes de eu escrever o meu «Longe» aos 20 anos, quando então a mim-mesmo me considerava «saudosista do Futuro», com certeza te chamaria, à boa maneira simbolista, Nossa Senhora de Baleição. Hoje continuo apenas a ter Saudades do Futuro).

Sobre "Desconcerto" de Jaime Salazar Sampaio

Continuação da pág. 1

dos versos que ele «recita». Vejamos o percurso temático e metafórico de tais versos: do nível amoroso, do nível do sentimento, (É tudo quanto **sinto,** um desconcerto), passamos para o nível do social, em que o «eu» **se espanta** perante a distribuição desigual da fortuna: os «bons» passam «tormentos» e os «maus» vivem «em amar de contentamento». Mas a fusão do amoroso com o social dá-se precisamente, no último extracto, um fragmento **interrogativo,** cuja significação parece ser quanto a nós, um **espanto de todo o ser,** perante o «desconcerto do mundo» e um convite à acção, uma inquietude que não pode permitir que se fique «quieto» ao «notar do mundo» o «desconcerto».

Estes versos, ditos pelo Mendigo, na sequência da aparição em cena do groom, do soldado, de **Alexandre,** parecem querer justificar a errância dessa personagem masculina fantasmática que ocupa a memória, os sonhos, o pensamento, e até, o ventre, dessa outra, permissiva, quieta, mas **revolvendo-se** no seu cadeirão, chamada emblematicamente **Helena.** Logo tais versos **encaixam-se** perfeitamente na problemática da peça e na sua «acção».

Mas o que nos interessa é expor, se possível, os fios que ligam a peça de Salazar Sampaio ao universo camoniano, na perspectiva da temática «O desconcerto do mundo». Para isso debrucemo-nos um pouco sobre o que é em Camões **o desconcerto.**

2. O «desconcerto» em Camões

Os textos de Camões da peça são, respectivamente, a primeira quadra de um soneto de carácter amoroso, um poema completo em redondilha, e um fragmento das «Oitavas ao Desconcerto do Mundo». Assim reunidos misturam o sentimento individual com o sentimento colectivo, o que é propósito de toda a peça. Ora, há em Camões, a par de uma crença em valores idealizados e épicos, que boa parte de «Os Lusíadas» expõe, uma outra linha, de antagonismo com o mundo em que vive. Um mundo de egoísmo, ambição, abuso do poder e exploração. Este cepticismo está prefigurado na figura do Velho do Restelo que chega a condenar a ousadia de acreditar na possibilidade do triunfo humano.

O fracasso das esperanças, o sofrimento do homem, a injustiça são temas das «Oitavas ao Desconcerto do Mundo» em que, das desordens sociais e morais «vistas» pelo sujeito nasce um **espanto revoltado** que põe esse sujeito em conflito com o mundo em que vive. Esse conflito é interiorizado e verifica-se na própria «experiência do Amor». O Amor, sempre eivado de «destino», priva o «eu» da sua liberdade e lança-o na irracionalidade da paixão e do desejo.

Há em Camões o confronto entre o absurdo (desejar o desvario do amor) e a lucidez (tentar tudo compreender):

«Oh! quão caro me custa o
entender-te,/molesto amor»
(soneto)

Por um lado, o «eu» entrega-se ao amor, por outro lado revolta-se contra ele. Daí nasce a instabilidade psicológica de que a primeira quadra do soneto inserida na peça de Salazar Sampaio é exemplo. Nesta linha podemos também analisar o comportamento de personagens como Alexandre e Helena, que alternam sempre entre a submissão e a revolta.

Há um conflito entre a teoria e a experiência, mas apesar da decepção dos resultados, o desejo de viver e de ser feliz impera e leva o sujeito a procurar uma alternativa, a quietude, apesar de se saber que tudo é um absurdo, que nada tem sentido:

«Que segredo tão árduo e
tão profundo:/ nascer para viver, e para a vida/ faltar-me
quanto o mundo tem para ela!
(Canção «Vinde cá...»)

Não existirá tudo isto na peça «Desconcerto»?

3. «Desconcerto» de Jaime Salazar Sampaio

A personagem, a única, desta peça é Helena. Tudo o resto são sonhos, desvarios, fantasmas, ficções que a sua solidão, o seu desamparo, a sua inércia inventam. A certa altura, esta mulher de branco, grávida sem se saber ao certo de quem, entregue aos meandros da sua memória, melhor dizendo, da memória do seu corpo, faz lembrar uma outra, bem recuada no tempo da literatura, de um autor que também tratou o tema do desconcerto no sentido do absurdo e da crueldade do mundo – Shakespeare. E essa personagem feminina é **Julieta,** que esperando por um Romeu já **exilado,** se deplora: «eu, eu, que fico virgem, morrerei em viuvez virginal». É um pouco o que parece acontecer a esta Helena que espera o amante, o filho, a morte, sabe-se lá o quê. Espera, é tudo.

É que, de certo modo, **O Desconcerto** de Jaime Salazar Sampaio é uma peça sobre o **exílio,** real e imaginário.

As personagens são ou sentem-se desterradas devido a circunstâncias exteriores que as condicionam – o mundo em que vivem – mas também devido à ineficácia da comunicabilidade humana.

A peça de Jaime Salazar Sampaio é uma peça de contrastes, de oposições que não se excluem mas que se combinam, cuja nota predominante, porém, é a discordância entre o ser e o mundo, ou e o tu: a desarmonia. As contradições que convivem nesta peça são várias. Enumeramos apenas algumas, sem as desenvolver, como pontos de referência: A Guerra e a Paz, a Virgindade e a Viuvez, a Luz e a Penumbra, a Vitalidade e a Debilidade, a Presença e a Ausência, a Gravidez e a Esterilidade, o Momento e a Eternidade, a Esperança e o Desespero, a Fala e o Silêncio, o Encontro e a Separação, a Solidariedade e a Solidão, a Sensatez e a Loucura, etc. Tudo isto confluindo para os grandes parâmetros: a Harmonia e a Desarmonia.

As últimas palavras da peça são significativas da impossibilidade de contacto humano duradoiro, apesar da peça se encerrar com um grito triunfante de recém-nascido:

Helena «Estás a olhar este ventre. (Pausa). Eu olho esses farrapos. (Pausa). Escondes as mãos. (Longa Pausa). E calamo-nos os dois...»

Assim, o silêncio, a separação, a incomunicabilidade prevalecem. O **Concerto** entre dois seres, ou entre o ser e o mundo é sempre fugaz e ilusório; o bem é sempre passado.

Aqui temos Camões e o seu cepticismo. Aqui temos Jaime Salazar Sampaio e a sua enraizada visão do mundo como deserto, e para cúmulo, um deserto cruel e absurdo.

Mais uma vez, esta peça não foge à regra das outras do mesmo autor: o teatro da desintegração, o teatro da crueldade – muitas vezes grotesca – das relações humanas.

É na dúvida e no cepticismo relativamente aos valores humanos e sociais, é no **espanto revoltado** perante a desordem e o desconcerto do mundo, que Jaime Salazar Sampaio glosa um tema camoniano de modo bem amargo, mas sem deixar de existir uma centelha de luz no meio da «experiência desenganadora».

Desconcerto não é pois uma peça sobre Camões, mas é uma peça que dialoga com Camões.

Isabel Pascoal Melo

NOTA: Os elementos referentes a Camões foram colhidos em «A Lírica de Camões» – textos escolhidos. Maria Vitalina Leal de Matos. Col. «Textos Literários da «Seara Nova» – Lisboa 1979.

EÇA DE QUEIROZ
traduzido para alemão

Continuação da pág. 1

forma-se num homem requestado, semideus das mulheres. Tem o mundo a seus pés, dignitários de Estado e da Igreja tudo fazem para obter o seu favor, a pompa e a grandeza rodeiam-no. Mas, o fantasma terrível de um Manel darim morto vem atormentá-lo à noite. A fim de tranquilizar a consciência, tenta tudo para invalidar a sua má acção. Vê-se envolvido em intrigas e aventuras que, em breve, lhe deixam entrever a inutilidade dos seus esforços. Pouco antes de morrer reconhece que 'só sabe bem o pão que dia a dia ganham as nossas mãos'.»

Com esta tradução, a literatura portuguesa alcança maior divulgação entre o público de língua alemã, da R.D.A. que, de há muito aprecia Eça de Queiroz e é receptivo à sua obra. A prová-lo está o facto de a edição de «Os Maias» estar para breve, igualmente sob a chancela de uma das mais prestigiadas casas editoras de Berlim. Apraz registar como as editoras da R.D.A. têm dedicado – e continuam a dedicar – uma atenção, que se rege por critérios de qualidade, à cultura portuguesa que, através de obras das mais representativas da nossa literatura, vai sendo mais conhecida em língua alemã.

SUPLEMENTO ESPECIAL

QUINTA-FEIRA, 23 DE JULHO DE 1981

CUBA

Uma ilha diferente a 100 milhas dos EUA

Acompanhando uma delegação de comerciantes e industriais portugueses, o «DL», através do seu redactor Ribeiro Cardoso, deslocou-se recentemente a Cuba, onde permaneceu duas semanas

Na primeira, seguiu a par e passo a actividade dos nossos compatriotas, que vieram de Havana muito optimistas, mas esperam agora, com alguma preocupação, a decisão política do Governo AD sobre a renovação do convénio do açúcar com Cuba, chave de todo o desenvolvimento do comércio entre os dois países. Disso damos conta, naturalmente, nas páginas interiores deste suplemento.

Na segunda semana o «DL» visitou diversos pontos de Havana e da ilha, numa tentativa de conhecer melhor a realidade cubana e a maneira de ser do seu povo. Por isso mesmo uma certa vida nocturna que se faz na bela e cálida Havana, a casa-museu de Ernest Hemingway, uma entrevista com o vice-ministro das Relações Exteriores, um apontamento sobre o ex-embaixador cubano em Lisboa e o relato de uma visita ao local histórico de Playa Giron, cujo XX aniversário toda a ilha comemora actualmente, são alguns dos temas que, por vezes com a ajuda de elementos fornecidos por gente amiga da Prensa Latina, mas sempre com base na experiência vivida pelo nosso enviado, dão corpo e vida a este suplemento.

CUBA

Ricardo Alarcon, vice-ministro das Relações

Já não somos, na Amé a única revolução

● Futuro das relações

«As relações bilaterais entre Portugal e Cuba devem continuar por um caminho construtivo como, de resto, corresponde ao interesse dos dois países, abrindo possibilidades muito importantes de colaboração sobretudo nos terrenos comercial e cultural. São relações que têm a sua própria tradição e provam ser capazes de se desenvolver dentro e apesar das diferenças que existem nos regimes sociais e políticos de ambos os governos» – disse ao «DL» Ricardo Alarcon de Quesada, vice-ministro das Relações Exteriores de Cuba e membro suplente do Comité Central do PCC, durante uma entrevista que decorreu no seu Ministério, em Havana.

Alarcon de Quesada, que falou ao enviado do «DL» no momento em que em Cuba se encontrava a maior delegação de industriais e comerciantes portugueses jamais organizada no nosso país, abordou os avanços da revolução cubana, sublinhou o significado de Playa Giron 20 anos depois, referiu-se com pormenor à política dos EUA na região das Caraíbas e na América Central e, lembrando que a situação actual se parece muito com a da década de 60, concluiu: «Desgraçadamente os EUA não assimilam as lições da História».

Voltando às relações com Portugal, tema que nos interessava particularmente e Alarcon de Quesada abordou com muita diplomacia; «Realmente» – disse «não houve razão no passado recente para que as relações entre ambos os Estados fossem afectadas. Temos aliás a certeza de que no futuro imediato essas relações poderão incrementar-se no plano diplomático, como é o desejo da parte cubana, que o expressou e reiterou várias vezes e que nos parece corresponder também à disposição da parte portuguesa. Por isto cremos que o futuro destas relações é favorável e promissor».

A solidez da revolução

Este ano Cuba comemora o 20.º aniversário da Invasão da Baía dos Porcos. Lembra, de uma forma didáctica que Playa Giron foi há 20 anos. E por todo o lado – nas ruas, nos jornais, na rádio, na televisão em exposições – são recordados esses momentos históricos e a tremenda resposta que todo um povo deu aos americanos invasores. Alarcon de Quesada falou do significado de Playa Giron e da sua influência no desenvolvimento do processo revolucionário cubano:

«É interessante, na verdade, analisar, 20 anos depois, a importância de Playa Giron. A mim parece-me que o seu significado maior é, em parte, ter decorrido todo este período de tempo após a agressão directa do imperialismo e a realidade cubana ser aquilo que é. Isso é a prova cocludente da solidez da nossa revolução, do seu carácter irreversível, e do fracasso da política de agressão que os EUA têm aplicado durante 22 anos».

«Têm aplicado e parece que vão continuar até com mais força» – atalhamos.

«Com efeito o aniversário de Giron celebra-se numa conjuntura que em certa medida recorda esses dias de há 20 anos. Actualmente o imperialismo tenta reforçar a sua política de isolamento e bloqueio a Cuba, tenta promover a rotura das relações diplomáticas entre os países da América Latina e Cuba, e renova os seus esforços para que outras nações capitalistas sigam a sua política de bloqueamento. Temos muitas provas disso.

A NOSSA LUTA É A LUTA DO POVO

FIDEL CASTRO

Num estilo vibrante e entusiástico,
Fidel Castro
evoca nestes seus discursos
alguns dos momentos mais gloriosos
da história de Cuba
e algumas das questões
mais importantes
da construção do socialismo
na Ilha da Liberdade.

edições Avante! Colecção «PAZ E SOCIALISMO»

PRECIX

PRECIX

Fabricantes de fixações elásticas para os carris das novas vias férreas cubanas do plano quinquenal 1981-85

(700 000 unidades em 1981)

QUINTA DE SANTA ROSA — CAMARATE
2685 SACAVÉM
ENDEREÇO POSTAL — APARTADO 5061 LISBOA CODEX
TELEFS: 2 514 461 -2 514 411
TELEX - 16 227 -PRECIX P

CUBA

Exteriores de Cuba

rica Latina, no poder

com Portugal é promissor

Isto por um lado. Além disso, no entanto, têm aparecido declarações agressivas de dirigentes norte-americanos em que se renova um pouco o ambiente daqueles tempos, em que se supunham capazes de destruir a revolução cubana. O que é lamentável, pois creio que a nossa experiência deveria servir duplamente de lição para os EUA: para se convencerem da impossibilidade física de destruir a nossa revolução seja por que meio for – económico, político ou militar; e para aprenderem que essa sua política fracassou e foi um dos factores que contribuiu para quebrar o prestígio dos EUA no mundo».

O mundo mudou muito

O mundo, porém, não se compadece com a visão que os dirigentes norte-americanos dele têm ou querem fazer acreditar que têm. E avança.

«Claro que nestes 20 anos Cuba avançou em muitos aspectos. Ou melhor, em todos. Tantos que seria impossível resumi-los no tempo de uma entrevista» – continuou Alarcon de Quesada Direi tão somente que nos efeitos de confrontação com o imperialismo o nosso país é hoje muito mais sólido, está muito mais organizado, do ponto de vista de consciência, de capacidade, de disposição do seu povo para resistir nos planos político e militar.»

«Mas não é só» – disse logo de seguida. «O mundo mudou muito nestes 20 anos. A revolução socialista é uma realidade que está presente em todos os continentes e o processo de descolonização avançou quase até à sua etapa final em África. Nunca devemos esquecer esses factos.

Por outro lado, a força dos movimentos progressistas é muito maior, indiscutivelmente, na América Latina e Cuba já não é a única revolução no poder. Não somos o único país contra o qual o imperialismo elabora projectos agressivos e as forças que lutam contra o imperialismo, pela paz, são cada vez mais poderosas. Ora, neste mundo em movimento também a revolução cubana se consolidou e avançou: não somos um pequeno país isolado e débil. Aumentamos as nossas relações diplomáticas, mantemos estreitos vínculos com a imensa maioria das nações do planeta, independentemente do seu regime, e contamos com o apoio e simpatia dos mais avançados membros da comunidade internacional. Cuba é quem preside actualmente ao Movimento dos Países não Alinhados, o grupo de Estados mais numeroso que existe (95) e que joga um papel muito activo neste momento.»

Produção e defesa

«Produção e defesa» é a palavra de ordem que se vê e respira por todo o lado em Cuba. Nas ruas, nas escolas, nas fábricas, nos discursos dos dirigentes. Isto 22 anos após o triunfo da revolução. Alarcon de Quesada falou-nos do porquê dessa palavra de ordem.

«Essa plavra de ordem, como lhe chama, resume de uma forma breve as tarefas centrais do nosso povo neste momento, já que se trata, por um lado, de continuar o esforço para consolidar o que logramos no terreno produtivo e avançar mais ainda; e por outro, de manter bem alto a nossa capacidade de defesa para assim podermos preservar as conquistas do nosso povo e impedir qualquer ataque do inimigo.»

Alarcon lembrou então o «desafio muito sério» que Cuba enfrenta. «O meu país» – disse – «é subdesenvolvido e pobre. Quero dizer: não possui recursos naturais de valor excepcional, nomeadamente no campo energético, como sucede com outros países. Dependemos, pois, basicamente, da agricultura e da exportação de produtos que estão afectados pelo intercâmbio desigual existente entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos. No fundo o mesmo e severo problema de todos os países subdesenvolvidos. Só que nós temos ainda mais o bloqueio, a hostilidade política, as ameaças directas do imperialismo e até as sabotagens e provocações que se mantiveram com regularidade ao longo destes últimos 20 anos.»

E a concluir este tema:

«Creio que sem exagerar e sem pretensões imodestas não conheço outro país em vias de desenvolvimento que enfrentasse situação semelhante, com uma particularidade que é tipicamente nossa: a tremenda proximidade física de quem decidiu ser o nosso adversário principal e uma distância geográfica evidente em relação aos países que são nossos amigos.

Ora, para poder enfrentar esta situação o nosso povo teve e tem que realizar esta tarefa heróica: esforço acima do comum no terreno da produção, por um lado, e assegurar a própria defesa, por outro.

Aí tem a explicação para o que chamou palavra de ordem...

As profundas raízes

As ameaças dos yankees – sente-o facilmente quem está atento à realidade internacional – não se dirigem apenas contra Cuba. Alarmados com as movimentações populares que se vivem um pouco por toda a zona, os americanos, de novo e sempre pensando-se polícias do mundo, estão particularmente virados para as Caraíbas e América Central. E 20 anos depois de Playa Giron reforçam o bloqueio a Cuba, procedem do mesmo modo em relação a Nicarágua, actuam em El Salvador, interferem em Grenada. O vice-ministro das Relações Exteriores, homem profundamente conhecedor da política internacional – 12 anos como embaixador na ONU dão um cabedal importante de conhecimentos dos bastidores da política – debruçou-se sobre esta questão.

«Desgraçadamente os EUA não assimilam as lições da História. Em relação a Cuba o menos que poderei dizer é que a renovação da política do bloqueio se poderá traduzir numa derrota dos EUA ainda superior à que sofreu há 20 anos. Não podemos esquecer a mudança que se produziu no mundo e especialmente no seio dos Não Alinhados. É absolutamente impensável, em termos racionais, a possibilidade de voltar sequer à situação que existia nos começos dos anos 60, em que, de resto, tão-pouco triunfou a tentativa de isolar Cuba.

Apesar disso, contudo, há um problema a ter em conta e que deve servir de alerta à opinião pública internacional, a outros governos, aos Não Alinhados e a outros sectores: nos EUA há sectores responsáveis que vêm actuando mediante mecanismos mentais típicos dos grupos mais reaccionários, cuja forma de pensar é caracterizada pela incapacidade de assimilar e entender as mudanças que se produziram no mundo, por um lado, e pela incapacidade de promover uma política que parta de uma observação objectiva da realidade, por outro.»

Alarcon de Quesada referiu depois os círculos da direita norte-americana, que «deram muitas provas desse desajustamento de interpretação do mundo» o que se vê muito claramente – disse – «em algumas posições em relação à América Central e Caraíbas na actualidade.»

Continua na pág 4

Alarcon: um revolucionário de sempre

Ricardo Alarcon de Quesada é vice-ministro das Relações Exteriores de Cuba desde Abril de 1978, data em que deixou o cargo de embaixador permanente do seu país nas Nações Unidas, em Nova Iorque, que ocupou desde 1966.

Ricardo Alarcon, figura muito popular em Cuba, nasceu em Havana no dia 21 de Maio de 1937 e filiou-se no Partido Comunista em 1971, tendo sido eleito membro suplente do seu Comité Central no II Congresso, que decorreu no ano passado.

Começou as suas actividades revolucionárias a partir do golpe de Estado de 10 de Março de 1952, no Instituto do Ensino Secundário de La Víbora. Entrou para o M-26-7 em 1955 e colaborou nas actividades organizativas do seu Directório Revolucionário. Participou nas lutas universitárias desde 1954 até ao encerramento da Universidade em 1956. Foi coordenador provincial em Havana da secção estudantil do M-26-7, criada para agrupar os estudantes desse Movimento. Participou nas greves estudantis de 1958 e nessa altura foi obrigado a passar à clandestinidade. Foi fundador da Milícias Universitárias e da Juventude Cívica Unida. De 1962 a 1966 ocupou o cargo de director do pelouro da América Latina do Ministério das Relações Exteriores.

Recentemente o seu nome foi muito falado nos jornais portugueses – Ricardo Alarcon foi quem convocou todo o corpo diplomático acreditado em Havana para revelar a participação activa do tristemente célebre diplomata português Mascarenhas na organização do assalto à Embaixada do Equador, realizada por marginais manipulados pela CIA.

Alarcon, que não quis falar sobre esta questão, que considerou encerrada, deixou bem claro, mais uma vez, que o Governo do seu país nunca envolveu o nome de Portugal nas acusações que fez a Mascarenhas. Este, apesar de encarregado de Negócios de Lisboa em Havana, actuou sempre a título individual e, segundo a convicção de Alarcon, à revelia do Governo Português.

CUBA

Continuação da pág. 3

«Quando se pretende ignorar as profundas raízes nacionais que tem o movimento guerrilheiros em Salvador ou Guatemala, ou a força da reivindicação pela independência dos países da América Latina e Caraíbas, bom, uma velha concepção reaccionária leva sempre alguma gente a atribuir a luta popular para realizar transformações a causas que não são reais. Pretendem que essa luta, esses movimentos, surgem como desígnio malévolo de algumas forças hostis aos EUA. Mas isso não é mais que uma quimera reaccionária. Se assim fora, a situação do imperialismo seria muito mais simples. Mas, lamentavelmente para eles, não é assim. Não se pode eliminar o desenvolvimento destes movimentos revolucionários simplesmente ignorando a sua autenticidade, a sua autoridade, a sua força. E continuar a desenvolver essa política, essa concepção, é repetir o caminho que levou aos principais erros da política norte-americana no passado.»

Síndroma do Vietname continua vivo

Chegado aqui Ricardo Alarcon lembrou que enquanto os EUA não mudarem «essa concepção profudamente errónea e reaccionária da realidade mundial» não poderão evitar cair em problemas e dificuladades que golpearam e golpeiam a sua economia desde meados da década de 60, nem tão-pouco restaurar o prestígio na comunidade internacional.

«Veja-se toda a campanha desencadeada contra El Salvador. Os EUA utilizaram uma grande ofensiva diplomática na Europa, na América Latina e até na América do Norte. Mas não produziu os efeitos que pretendiam. Pelo contrário: serviu para comprovar as reservas e dúvidas que inclusivamente em muitos dos seus aliados provoca o temor de uma conduta mais abertamente intervencionista na área centro-americana.»

Isto, obviamente, tem um significado, como sublinhou o dirigente cubano: inclusivamente dentro dos seus próprios aliados há vozes que aconselham cautela e moderação e expressam preocupação perante esta política que os EUA parece quererem continuar.

«Tudo isto sem falar de outros aspectos que nunca devem ser esquecidos, como é o caso do que pensa o próprio povo norte-americano» – comentou Ricardo Alarcon, que falou depois do «síndroma do Vietname, que, contrariamente ao que pensavam muitos governantes norte-americanos, «não desapareceu, está vivo e tem uma grande força.»

No entanto, Washington continua «a seguir a mesma política do Vietname, enviando para El Salvador conselheiros e assessores e construindo aldeias estratégicas». Como lembrou depois, «tudo irá bem até que comecem a regressar caixões com soldados americanos...»

Alarcon falou ainda da tremenda ameaça para a paz mundial que constitui o orçamento militar dos EUA, pois «algo se fará um dia com as armas acumuladas e que não se transformam em pão.» Por isso mesmo – alertou – é preciso continuar as negociações para pôr fim à corrida dos armamentos uma vez que o caminho a seguir é exactamente o contrário ao que tem sido seguido. E deu então o exemplo dos EUA, onde, para se continuar a política belicista foi necessário reduzir os gastos federais em matéria de segurança social, aumentando em contrapartida as verbas para gastos militares.

«Até quando a opinião pública norte-americana vai aceitar essa lógica que prejudica o bem-estar do cidadão, das crianças dos velhos, das mulheres, dos negros?» – perguntou. Pergunta que subscrevemos.

COTESI

COMPANHIA DE TÊXTEIS SINTÉTICOS, S.A.R.L.

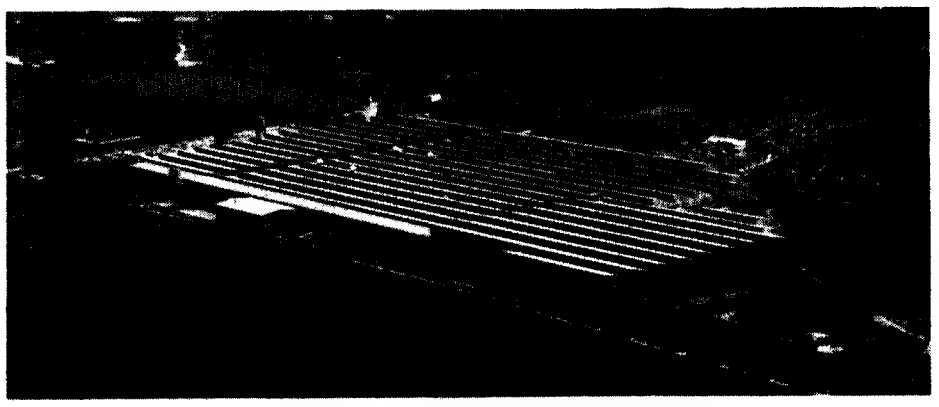
GRIJÓ – V.N. DE GAIA – 4415 CARVALHOS

TELEFONE: 9640351 – TELEX: 22572 COTESI P 22677 CORFI P
TELEGRAMAS, COTESI – APARTADO 3

UM DOS MAIORES PRODUTORES MUNDIAIS DE

- CABOS E AMARRAS
- CORDAS E FIOS AGRÍCOLAS
- TELAS E SACOS DE RÁFIA PARA OS MAIS VARIADOS FINS
- TOLDOS, PANOS PARA AZEITONA E ENCERADOS
- REDES DE PESCA E DESPORTO

- FUNDADA EM 1967, SENDO HOJE A MAIOR EMPRESA NACIONAL E UMA DAS MAIORES DA EUROPA NOS SEUS RAMOS DE ACTIVIDADE.
- UM DOS CASOS MAIS EXTRAORDINÁRIOS DE RÁPIDA EXPANSÃO INDUSTRIAL NO NOSSO PAÍS.
- A PRIMEIRA EMPRESA NACIONAL A FABRICAR SACOS E TELAS DE RÁFIA SINTÉTICA E TAMBÉM FIOS AGRÍCOLAS SINTÉTICOS.
- VIRADA PARA A EXPORTAÇÃO, COLOCA 80% DA SUA PRODUÇÃO NOS MERCADOS EXTERNOS (SUPERIOR A UM MILHÃO DE CONTOS).
- A EXCELENTE QUALIDADE DOS SEUS PRODUTOS, FOI JÁ, RECONHECIDA INTERNACIONALMENTE PELA ATRIBUIÇÃO DE DIVERSOS PRÉMIOS E MENÇÕES HONROSAS.



— Galardoada com o troféu internacional de qualidade em 1976, 1977 e 1978.

TROFEO INTERNACIONAL A LA CALIDAD

AGENTES DE NAVEGAÇÃO
— TRANSITÁRIOS — TIR/TIF
— CARGA AÉREA — ESTIVADORES

OREY

UMA ORGANIZAÇÃO AO SEU DISPOR DESDE 1886

Orey, Antunes – Transportes e Navegação, Lda.
Rua dos Remolares, 12-1.º – 1200 LISBOA – Portugal
Telefs. 36 22 66/36 60 56
Apartado 2233 – 1106 LISBOA CODEX
End. Teleg. ANTUNITA
Telex 12181 OREY P

CUBA

Estevez Perez, um homem tranquilo

Manuel Estevez Perez, ex-embaixador de Cuba em Lisboa, é um homem tranquilo. Sempre ao serviço do seu país e da revolução, empenhado que está no mais íntimo de si mesmo na construção de um mundo melhor, Estevez Perez trabalha agora em Havana, no MINREX (Ministério das Relações Exteriores) como trabalhava em Lisboa na embaixada que dirigia.

Fala de Portugal como de alguém a quem se ama. Mas a sua voz e o seu olhar não conseguem disfarçar uma certa mágoa por ter deixado o nosso país do modo como o obrigaram a deixar. «Persona non grata», disseram-lhe um dia, numa atitude vergonhosa e sem precedentes, cobrindo o comportamento de um homem medíocre e irresponsável que chegou a ser, em Havana, o representante máximo do Governo de Lisboa.

Discreto, mas atento, Estevez Perez apareceu uma manhã no átrio do hotel onde estava instalada a delegação de comerciantes e industriais portugueses que foi a Cuba tratar de negócios. Muitos deles eram seus velhos conhecidos. E amigos também, que Estevez Perez sabia fazer amigos. Trocaram abraços, recordaram momentos vividos em conjunto, falaram do futuro.

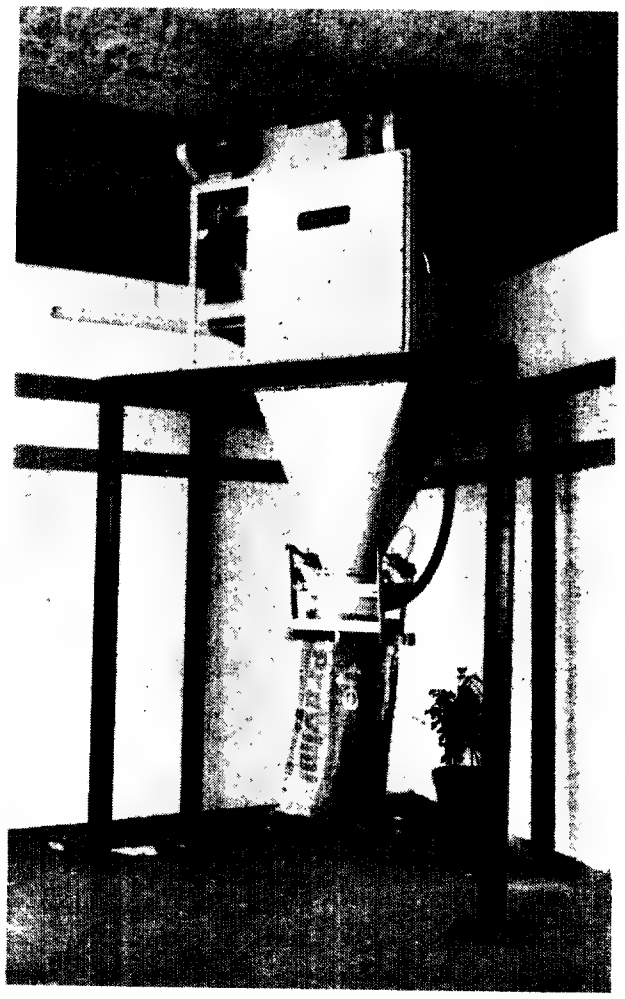
Como aconteceu com este repórter do «DL», que no dia seguinte falou durante horas, fraternalmente, com aquele homem tranquilo, Estevez Perez recusou pronunciar uma palavra que fosse sobre os acontecimentos tristes que o levaram de Lisboa e aos quais é completamente alheio. Como recusou, delicadamente, falar, através das páginas do «DL», da sua passagem por Lisboa e do futuro das relações entre os dois países. «O que se passou comigo não conta. Há que trabalhar apenas pelo que mais interessa aos dois países» — disse-me, e sei que o repetiu aos industriais e comerciantes portugueses.

Foi bom e reconfortante ter reencontrado esse homem tranquilo que um dia foi embaixador de Cuba em Portugal.

PUB.

CACHAPUZ

TROFÉU INTERNACIONAL DE QUALIDADE MADRID 1979 MADRID 1980



ÚNICO EXPORTADOR PORTUGUÊS DE BENS DE EQUIPAMENTO PARA A REPÚBLICA DE CUBA

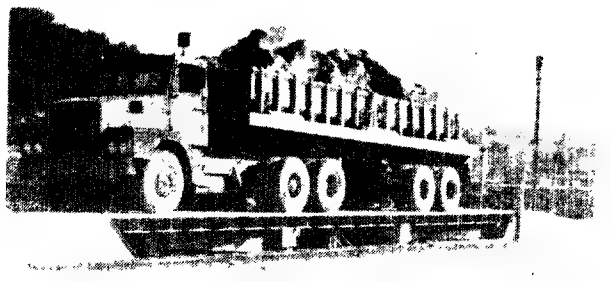
O MAIOR FABRICANTE E EXPORTADOR NACIONAL DE BÁSCULAS E BALANÇAS DE TODOS OS TIPOS PARA:

- INDÚSTRIA
- AGRICULTURA
- PECUÁRIA
- COMÉRCIO
- PESCAS

BALANÇAS PARA TODOS OS FINS

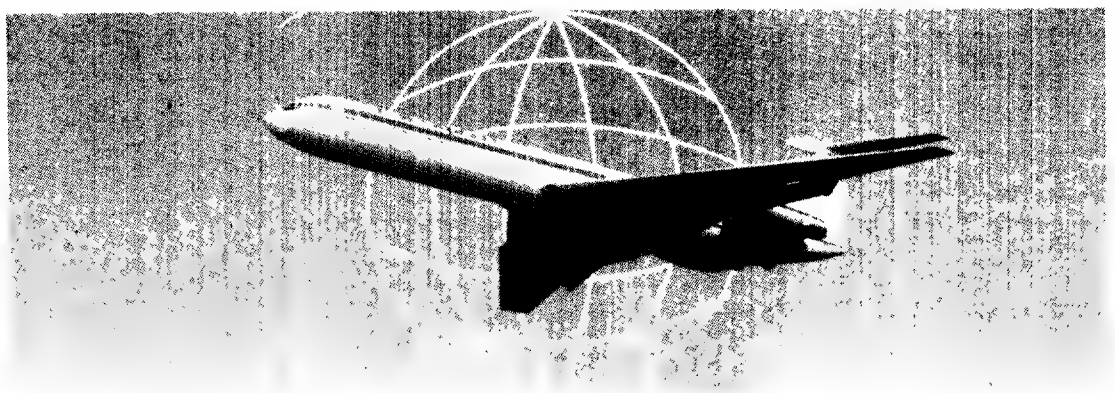
JOSÉ DUARTE RODRIGUES, Ld.ª

APARTADO 12 — TELEX 32125
TELEFONE PPCA 22468 E 25347
4701 BRAGA CODEX — PORTUGAL



CUBA

LISBOA — HAVANA
SÓ AEROFLOT TEM VOOS DIRECTOS



MOSCOVO — PORTUGAL — CUBA

SU 331	SU 335	SU 337	SU	SU 338	SU 336	SU 332
4	1	2	PART.	2	3	6
21.00	17.00	09.00	MOSCOVO, Sheremetyvo	21.20	22.05	20.20
22.15 (c)	18.15	—		—	17.00	15.15
23.35 (p)	19.35		FRANKFURT			
5						
01.40	21.35	11.40	LISBOA, Portela		15.20	13.50
03.20	23.20	—			11.30	10.50 (p)
					10.30	08.05 (c)
	2				3	6
07.40	03.40	—	HAVANA, José Marti	—	20.40	19.00
	05.40					
—	10.00	—	LIMA, Jorge Chavez		18.20	
—	—	—		—	12.00	—
5	1	2	CHEG.	2	2	5

TODOS OS TEMPOS EXPRESSOS EM HORAS LOCAIS

(1) — Segunda-feira (4) — Quinta-feira
(2) — Terça-feira (5) — Sexta-feira
(3) — Quinta-feira (6) — Sábado
(7) — Domingo

АЭРОФЛОТ

Avenida António Augusto Aguiar, 24 — 3.º — Esq.º
Telefs. 56 12 96 * 56 12 87 * LISBOA * PORTUGAL

RESUMO HISTÓRICO DA QUATRUM

Quatrum

EMPRESA NACIONAL DE QUÍMICA ORGÂNICA, S. A. R. L.

A QUATRUM foi fundada em Novembro de 1972 por um grupo de profissionais da indústria dos «fine-chemicals» que decidiram associar-se e reger o seu próprio destino.

Este grupo inicial de accionistas inclui homens de larga experiência em administração, finanças, processamento químico e vendas. Eles inculcaram um grande dinamismo à Firma e são os principais responsáveis pelo extraordinário sucesso industrial de uma tão pequena unidade que, não obstante, está reencontrando Portugal na tradição da indústria das matérias-primas, a que tem direito desde os tempos do «Diálogo das Drogas e dos Simples», em que a tradição judaico-portuguesa da farmácia nos tornou famosos no mundo civilizado de então.

Com o decorrer do tempo, o núcleo inicial de 12 pessoas foi aumentado para mais de 50 colaboradores em 1980, dos quais 35% têm preparação universitária ou grau equivalente.

A QUATRUM tem vindo a desenvolver um grande esforço tecnológico de modo a ficar equipada com os métodos de produção que lhe permitam alargar a sua limitada linha de fabrico que até agora constituía o seu catálogo inicial, sem qualquer ónus de «royalties» ou infringimento de patentes. Consequentemente, este tem vindo a ser sucessivamente complementado com novos produtos e inclui actualmente uma muito interessante diversidade de hormonas esteróides, as quais são da maior importância para a indústria farmacêutica, e que só se ficará a dever a esforço próprio e apoio da Universidade Portuguesa.

Paralelamente, a tecnologia assim adquirida tem permitido à Empresa, numa primeira fase, passar da utilização de matérias-primas avançadas para a utilização de matérias-primas iniciais nas suas produções e, finalmente, ao controlo de matérias-primas básicas, como a Hecogenina que, hoje em dia, é uma das principais matérias iniciais da linha de produção da QUATRUM, proveniente da sua unidade industrial em Ping-Tong - Taiwan.

Relativamente ao equipamento industrial, a capacidade da QUATRUM tem sido também sucessivamente aumentada ao longo destes 9 anos de actividade, tendo atingido em 1980 uma capacidade média de produção de 1000 kg de esteróides por ano.

Logo que os projectos de expansão ainda em curso, estejam concluídos, os quais também incluem a construção de uma nova unidade fabril de grande capacidade, a QUATRUM verá essa capacidade média aumentada de cerca de 3000 kg, o que se espera ser atingido em 1982.

Quanto à qualidade dos produtos QUATRUM, a Empresa tem sempre seguido uma norma de intransigente respeito pelos standards adoptados, os quais, com o correr dos tempos, tornaram-se internacionalmente reconhecidos: todas as suas produções estão aprovadas pela «UNITED STATES FOOD AND DRUG ADMINISTRATION», o que lhe permitiu a entrada e conquista de zonas económicas como os EUA, Japão, Suíça, Alemanha, Países Nórdicos e zonas do COMECON.

Esta particularidade, contudo, não surpreende aqueles que conhecem a QUATRUM e que também sabem que o Controlo de Qualidade está sempre presente em todas as operações realizadas nas instalações da Empresa, dentro do lema: «qualidade é futuro».

Av. João XXI, 10, 6.º DT.º1000 LISBOA // Tels. 896970 - 884389 -887944 // telex 13335 - QUATRO P // Teleg. QUATRUM // Apartado (P.O. BOX) 1952 // 1000 LISBOA PORTUGAL

CUBA

Playa Giron foi há 20 anos

O amanhecer do socialismo na América

«Despues de Girón, todos los pueblos de America fueron un poco más libres»

Fidel Castro

Conhecia esta frase há longo tempo. E tinha lido muita coisa sobre a invasão da Baía dos Porcos, no ano longínquo de 1961. Giron, para mim, era um símbolo que eu não conseguia definir, algo que desde sempre quis conhecer no concreto, um local que sabia ser sagrado para os cubanos e que eu queria pisar com olhos de ver.

Tive agora essa oportunidade ao acompanhar a Cuba uma delegação de comerciantes e industriais portugueses.

Numa manhã de uma quarta-feira quente deixei Havana e os meus compatriotas. Acompanhado por um amigo certo – Jacques Brouté, francês de nascimento mas cubano de coração, que vive em La Habana há 25 anos, onde casou com uma cubana de quem tem três filhos – parti para Playa Giron, cabelos ao vento nessa corrida louca que foi a viagem de quase 300 quilómetros por entre vegetação tropical atravessada em grande parte por uma magnífica auto-estrada.

Há 20 anos a zona escolhida para a invasão pelos americanos e pelos mercenários ao seu serviço era a mais pobre e isolada de toda a ilha.

Região pantanosa, «La Cienaga de Zapata» quase não tinha ligação com o resto do país. Apenas uma velha linha de comboio permitia o contacto da sua miserável população com o exterior. E esse foi um dos motivos que levou os yankees, desesperados com os êxitos da revolução, a tentarem entrar no país pela baía dos Porcos, ali situada.

O esquema era simples: depois de recrutados e treinados centenas de cubanos que haviam fugido com a revolução, os invasores, fortemente apoiados por meios aéreos e navais, instalar-se-iam naquela zona isolada e dali poderia ser anunciado a criação de um Governo anticastrista e pedido auxílio aos americanos...

Só que J. F. Kennedy – foi ele quem deu a luz verde para a operação, cujo nome de código era «Pluto» – não imaginava a resposta que ia ter. Em menos de 72 horas os cinco batalhões de infantaria, um de pára-quedistas, outro de armas pesadas e um grupo de sabotagem submarina, num total de 1 500 homens, foram completa e totalmente destroçados: 200 mercenários foram mortos, muitos feridos e 1 197 capturados por todo um povo em armas. Um povo que perdeu também 150 dos seus melhores filhos e que jamais os esquecerá.

Um gigantesco museu

Hoje, quando Cuba comemora o XX Aniversário de Giron, os cubanos criaram um gigantesco museu em todo o território de operações.

A zona do museu começa na fábrica de açúcar, cujas oficinas albergaram Fidel Castro, à frente do Comando Geral do Exército Cubano, e termina em Playa Giron, cerca de 60 quilómetros a sudoeste.

Ao longo do trajecto até Playa Giron – hoje uma zona servida de estradas, com todas as casas

Fidel em Playa Giron falando com membros das milícias

dotadas de luz e água, e onde se desenvolveram diversos centros turísticos que são procurados por milhares de cubanos e até estrangeiros – ao longo do trajecto, dizia, existem lápides em todos os lugares onde caíram combatentes cubanos e grandes murais informam os visitantes sobre diversos aspectos da agressão e da vitória cubana.

À entrada da povoação um dos cartazes que bordeja a estrada dá uma ideia exacta da composição da brigada invasora 2506 (era esse o seu número de código) e das razões da hostilidade contra a revolução cubana. Aí se lê, em letras garrafais, que 800 dos mercenários feitos prisionei-

Continua na pág. 8

Nome de código: "Operação Pluto"

Na invasão da Baía dos Porcos – uma baía extremamente bela com as suas águas quentes e azuis, onde ficam Paya Giron e Playa Larga – participaram, juntamente com mercenários de origem cubana, pilotos e outros especialistas das forças armadas norte-americanas.

Segundo foi oficialmente admitido em Washington, o plano de invasão de Cuba, denominado «Operação Pluto», foi preparado pela CIA sob a direcção de Dwight Eisenhower e executado pelo seu sucessor JF.Kennedy.

O custo da operação foi de 45 milhões de dólares e os equipamentos de guerra utilizados foram uma companhia de tanques, 16 aviões B-26 e 14 outros tipos, uma frota de cinco barcos com artilharia, três barcaças para transporte e desembarque de equipamentos pesados e quatro para transporte de pessoal. Os membros da chamada Brigada 2506 foram treinados em 13 acampamentos situados na Guatemala, Nicarágua, Estados Unidos e em bases militares norte-americanas em Porto Rico e na zona do Canal do Panamá.

Os barcos que foram utilizados na operação saíram de Puerto Cabezas, na Nicarágua, onde se haviam reunido, e os aviões saíram de Opaloka, na Florida, voaram para a Guatemala, sobrevoaram as Honduras e chegaram também a Puerto Cabezas. Tudo autorizado pelos respectivos governos... Nas vésperas da invasão sucederam-se as sabotagens em território cubano, sendo o mais espectacular e grave o ataque que aviões B-26, provenientes da Guatemala, efectuaram de surpresa contra as três bases da Força Aérea Cubana em três pontos diferentes do país, tentando destruir em terras os aviões cubanos.

O governo norte-americano procurou inicialmente apresentar o bombardeamento de 15 de Àbril como uma sublevação de elementos da Força Aérea Cubana, mas essa manobra foi convincentemente desmascarada.

J.F.Kennedy, alguns dias depois de ter negado qualquer implicação do seu Governo nesse ataque acabou por declarar: «Assumo toda a responsabilidade»...

Mercenários no final da brevíssima operação Pluto

intexang

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, LDA.

PLANEAMENTO E REALIZAÇÃO DE OBRAS

ENGENHARIA CIVIL - TOPOGRAFIA - ARQUITECTURA

A SUA CASA PRONTA A HABITAR

CONDACO

CASAS PRÉ-FABRICADAS

REPRESENTANTES PARA ÁFRICA

intexang

LISBOA – AV. JÚLIO DINIZ, 10-3.º-G-I – TELEX. 13715 GEOCOMP – TEL. 76 84 39/76 32 24
LUANDA – AV. 4 DE FEVEREIRO, 52-B – TELEX. 3117 – INTEXAN-AN – TELEF. 7 05 38/7 05 48

CUBA

Avião revolucionário combatente em Giron funciona como símbolo à entrada do museu

Playa Giron

Continuação da pág. 7

ros e suas famílias tinham possuído 370 628 hectares de terra, 9 066 casas e edifícios, 70 indústrias, 10 fábricas de açúcar, cinco minas e dois bancos... Além disso entre eles havia ainda 135 ex-militares do regime de Fulgêncio Baptista e 65 delinquentes, três dos quais conhecidos assassinos e torturadores.

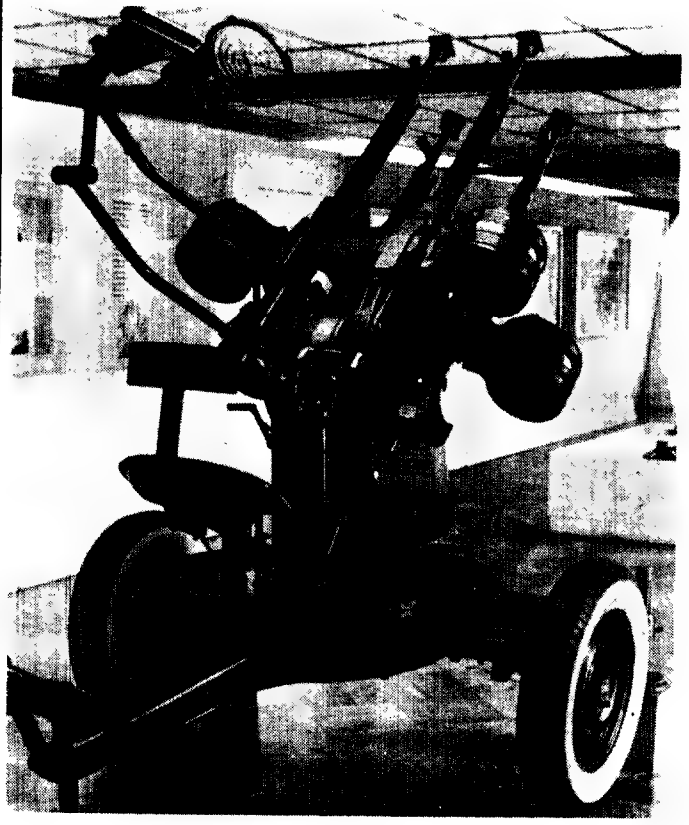
Todos esses mercenários capturados, que foram julgados publicamente e condenados, foram entregues quase três anos depois ao Governo norte-americano a troco de tractores e medicamentos para a população cubana...

Rolando Garcia

Em Playa Giron, povoação de pescadores que a revolução transformou numa bela zona residencial, existe uma casa-museu, que agora visitei pormenorizadamente, que oferece um inventário completo das acções militares, das suas repercussões nacionais e internacionais, e das características da zona na época em que ocorreu a invasão.

À entrada, completamente conservado como na altura em que actuou, está um avião da Força Aérea Revolucionária cubana, um «Sea Fury» que combateu valentemente os invasores. Ao lado, um pedaço do motor de um dos 16 aviões B-26 que faziam parte da força mercenária e foi derrubado por uma peça de artilharia antiaérea instalada no ponto mais alto da fábrica de açúcar «Austrália», manejada por um artilheiro de apenas 15 anos de idade.

Ns diversas dependências do museu estão depois expostas algumas armas e equipamentos capturados aos mercenários, que traziam uma quantidade enorme de instrumentos de guerra em comparação com o número de homens (tanques, lanchas de desembarque, pára-quedas, uma metralhadora Browning modelo M-2 calibre 50, um canhão antitanque sem recuo de 75 mm e um morteiro

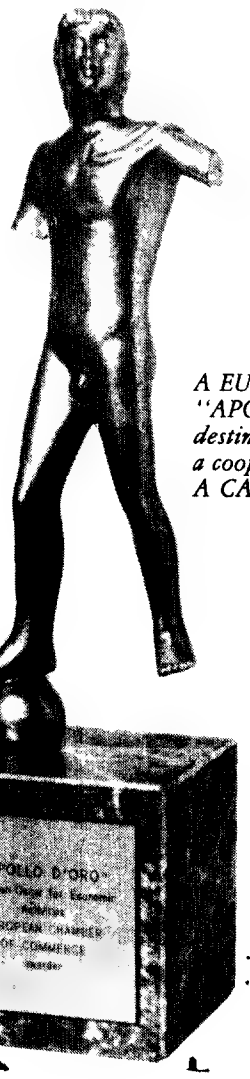


Bateria antiaérea utilizada na defesa de Giron. Eram miúdos cubanos de 14-15 quem as manejava

CESAR PRECISOU DA PROTECÇÃO DE APOLO PARA CONQUISTAR A EUROPA.

NÓS NÃO NECESSITÁMOS DE NINGUÉM PARA VENCER NA EUROPA E CONQUISTAR O APOLO.

Hipólito



A EUROPEAN CHAMBER OF COMMERCE criou o "APOLLO D'ORO" — óscar para as actividades económicas destinado a galardoar o desenvolvimento produtivo e a cooperação internacional.
A CASA HIPÓLITO SARL conquistou-o!

A+D designers

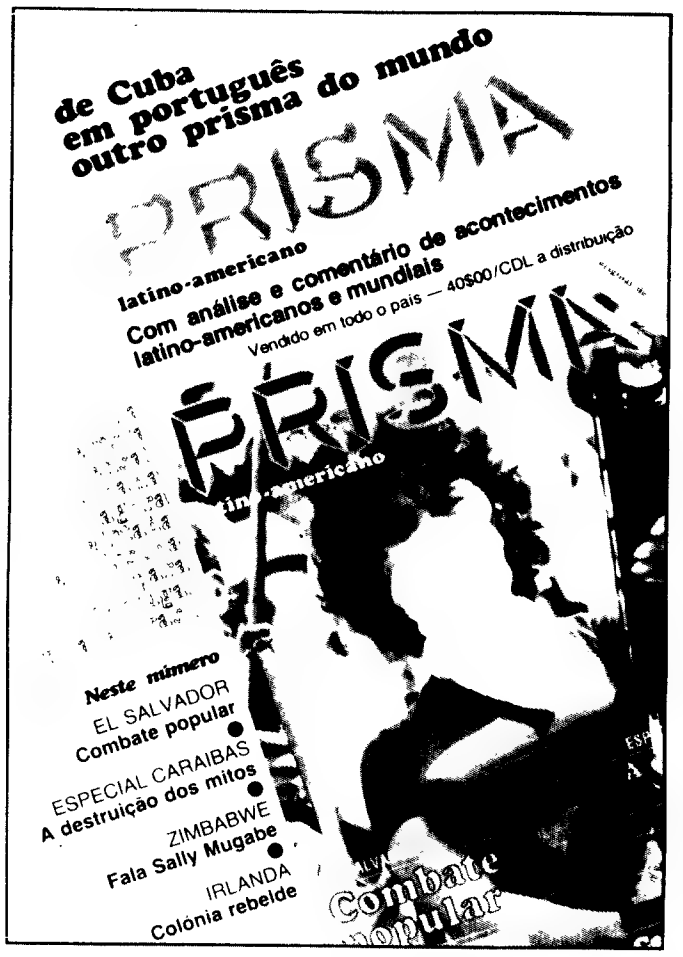
de Cuba em português outro prisma do mundo

PRISMA

latino-americano

Com análise e comentário de acontecimentos latino-americanos e mundiais

Vendido em todo o país — 40$00/CDL a distribuição



Neste número
EL SALVADOR
Combate popular
ESPECIAL CARAIBAS
A destruição dos mitos
ZIMBABWE
Fala Sally Mugabe
IRLANDA
Colónia rebelde

CUBA

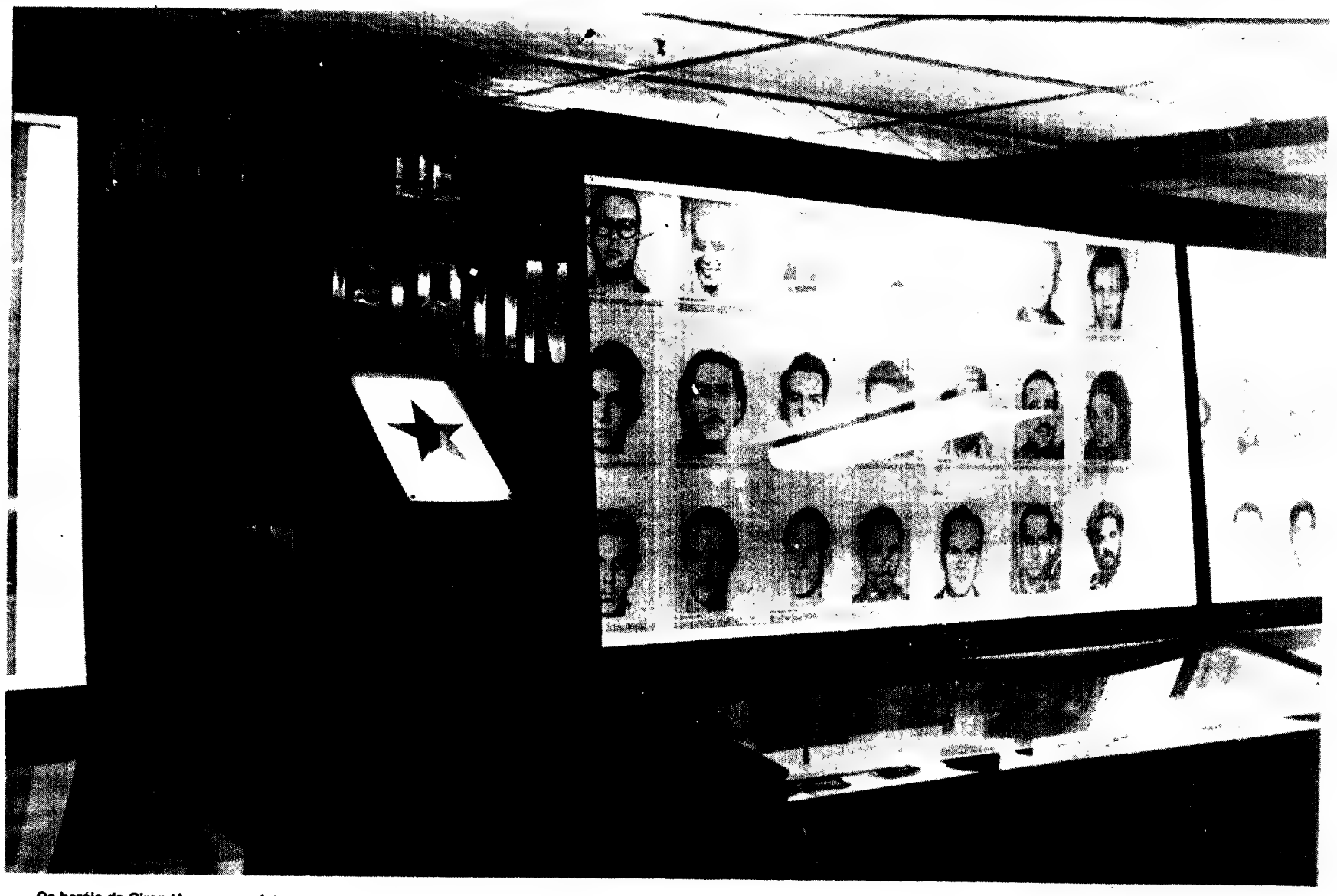
foi há 20 anos

M-30 de 4,2 polegadas).

Obviamente seria fastidioso enumerar tudo o que está no museu e dá uma visão bastante pormenorizada do que foram esses dias heróicos de Giron. Desde as fotocópias das comunicações de guerra e das ordens do comandante Fidel Castro, nos mapas com os detalhes das operações e recortes de jornais da época.

Mas o que não poderei deixar de vos dizer é que me emocionei fortemente ao ver o carinho com que foram recolhidos os objectos pessoais dos cubanos caídos em combate e que, debaixo das respectivas fotografias, estão agora expostos em vitrinas tal como foram encontrados, alguns deles ainda com o sangue, que brotou dos seus corpos, bem visível.

Lenços, chaves, cintos, camisas, cartões diversos – tudo ali permanece, para que o visitante saiba que cubanos deram a vida pela Pátria e pela Revolução. Ali está, numa homenagem comevedora, por exemplo, um cartão do Sindicato dos Empregados e Obreros de Omnibus Aliados, meio queimado, com a seguinte legenda: «Levava consigo, ao morrer, Rolando Garcia, miliciano do batalhão 123». E junto a esses restos do cartão sindical estão ainda um porta-moedas com 5 pesos, um par de peúgas, um pente, um colar, uma escova de dentes e um relógio. Tudo pertencia ao miliciano Garcia, um dos heróis de Giron, essa terra que, como se pode ler num enorme cartaz, foi o «amanhecer do socialismo na América».



Os heróis de Giron têm as suas fotos no museu – e por baixo estão expostos muitos dos objectos que levavam consigo quando foram mortos ao defenderem a Pátria

IT COMÉRCIO INTERNACIONAL, SARL

UM APOIO FIRME
AO PRODUTOR

EXPORTAMOS:

- TÊXTEIS
- CONFECÇÕES
- COMPONENTES DE CALÇADO

IT Comércio Internacional, SARL

Um passo seguro do calçado português

Rua de Passos Manuel, 223-4.ª Telef. 319916 PPCA
Teleg. IMPORLESTE Telex 22140 IMESTE P
4000 PORTO PORTUGAL

JOMAR

INDÚSTRIAS
JOMAR-MADEIRAS
E DERIVADOS S.A.R.L.

FABRICANTE E EXPORTADORES DE:

- CONTRAPLACADOS
- AGLOMERADOS DE MADEIRA
- AGLOMERADOS FOLHEADOS
- AGLOMERADOS LAMINADOS
- Portas JOMAR-OCAL
- FOLHAS DE MADEIRA

SEDE: LAMEIRA DE CIMA
48 Tel. 55 71 51
4300 PORTO - PORTUGAL

CUBA

O açucar pode trazer-

Comércio com C

•Comerciantes que foram a Havana vieram optimistas, ma

No mês passado uma delegação de industriais e comerciantes portugueses esteve em Cuba com a finalidade de estabelecer contactos e ver da possibilidade de exportar produtos nacionais para aquele país.

Como o «DL» pôde comprovar – fomos o único órgão de informação português a acompanhar a delegação – as autoridades cubanas receberam de uma forma que ultrapassou todas as expectativas dos nossos compatriotas.

O programa começou com uma reunião com a a Câmara de Comércio de Cuba, tendo o seu presidente acompanhado, a partir daí,e em todos os momentos, a missão portuguesa. Nessa sessão inicial esteve também presente o vice-ministro do Comércio Externo de Cuba, Amadeo Blanco, que apareceria igualmente noutros momentos. E nesse primeiro dia, à noite, a Câmara de Comércio ofereceu uma recepção no magnífico Palácio das Convenções, tendo os industriais e comerciantes portugueses sido surpreendidos – agradavelmente – pela presença do próprio ministro do Comércio, Ricardo Cabrisas, que estava acompanhado de Amadeo Blanco e de um outro vice-ministro da sua pasta. Manuel Estefânia.

A tudo isto resta ainda acrescentar que o próprio vice-presidente dos Conselhos de Estado e de Ministros, Carlos Rafael Rodriguez, o número 3 da hierarquia do Estado cubano, recebeu também uma delegação de 12 comerciantes e industriais, num gesto de inegável alcance político e bem demonstrativo do interesse que os cubanos depositam nas relações com Portugal, não só no campo económico mas também no político.

De resto, no final da visita a satisfação era evidente em todos os homens de negócios do nosso país que se tinham deslocado a Havana. Uma satisfação que, todavia, não era total, pois todos eles sabiam – e disseram-no ao «DL» – que as perspectivas abertas, sendo muito boas dependiam afinal da atitude, política, que os nossos governantes viessem a tomar quanto à renovação do convénio do açúcar.

«Nós temos que comprar açúcar em algum lado. Se o comprarmos a Cuba não tenho dúvidas que estão criadas condições para que as compras de Cuba a Portugal aumentem em flecha. Em 1980 compraram-nos 17 milhões de dólares de produtos portugueses. Julgo que não arrisco muito se disser que em breve, este ano mesmo, poderemos chegar aos 30-40 milhões e com perspectivas de aumentar consideravelmente no futuro próximo. E lembro que Cuba é o país socialista que tem uma linha de compras mais vasta e diversificada a Portugal, englobando sectores em que predomina a pequena e média empresa» – disse ao «DL» o industrial Américo Amorim, um conhecido empresário do Norte do país, ligado ao sector da cortiça, que emprega 1400 operários e exportou para Cuba, no ano passado, cerca de 700 000 dólares dos seus produtos.

Que fez o Governo?

O que nos foi dito por Américo Amorim foi corroborado por muitos outros empresários. Todos afirmaram que quando chegassem a Portugal iriam expor aos nossos governantes o que se havia passado, tentando sensibiliza-los, uns, e pressioná-los, outros – uma questão de linguagem... – para que eles na altura própria pudessem actuar acertadamente.

É que, sabia-se – e não era difícil advinhá-lo depois da expulsão dó embaixador Estevez Perez e do súbito e inexplicável adiamento da viagem a Cuba do ministro do Comércio português – que na Gomes Teixeira e nas Necessidades se tinha instalado uma forte tendência que soprava de Washington e levava directamente ao desejo de isolar Cuba... E isso era «coisa» que os empresários portugueses, independentemente das suas convicções políticas – e nós sabemos bem que eles na sua maioria se situam na área representada pelo actual governo – não compreendiam nem aceitavam. Citamos de novo Américo Amorim, insuspeito nesta matéria:

«Penso que a área económica tem que ser uma área demarcada da área política. O nosso objectivo é exportar para todos os países seja qual for a sua ideologia. Um país pequeno como o nosso tem que ter essa filosofia. Tenho uma experiência de 22 anos de comércio com os países so-

Na primeira reunião que os empresários portugueses tiveram em Cuba a mesa era presidida pelo vice-ministro do Comércio de Cuba. Amadeo Blanco, que se encontrava ladeado pelo novo encarregado de negócios de Portugal em Havana (de gravata) e pelo presidente da Câmara de Comércio de Cuba.

COMISMAR

Sociedade Portuguesa de Superintendência e Peritagens, S.A.R.L.

Rua Nova do Almada, 36, 3.º – Esq. — Telefs. 32 85 11 - 36 88 96 — Telex 18516 COSMAR P — 1200 LISBOA — PORTUGAL

☐ INSPECÇÃO DE QUALIDADE DE MERCADORIAS. TESTES LABORATORIAIS.

☐ CONTROLOS DE QUANTIDADE E PESO.

☐ INSPECÇÃO DE EMBALAGENS.

☐ CONTROLOS DE CARGA/DESCARGA E ESTIVA DE MERCADORIAS.

☐ PERITAGENS EM NAVIOS E MERCADORIAS.

COMISMAR, a mais antiga empresa portuguesa de supervisão ao serviço de importadores e exportadores em Portugal e no Mundo.

O ministro do Comércio cubano, Ricardo Cabrisas, cumprimenta um membr
Cuba ofereceu no Palá

CUBA

er-nos amargos de boca

Cuba, que futuro?

mas tudo depende de uma decisão, política, do governo AD

cialistas e tenho verificado um incremento constante dos nossos negócios nessa área. É o caminho a seguir».

Pois bem: que foi feito pelo Governo português nesta matéria? Os empresários portugueses que foram a Havana puderam ir porque os serviços comerciais da embaixada de Cuba em Lisboa, ao verem o desinteresse e a apatia dos organismos portugueses, tomaram a iniciativa, deitaram mãos à obra e em pouco tempo conseguiram 65 firmas interessadas em deslocar-se ao país de Fidel. Por outro lado, ninguém sabia ao certo porque razão não havia sido cumprido o que Portugal e Cuba haviam acordado em 11 de Fevereiro de 1981, durante a visita a Lisboa do vice-ministro do Comércio cubano, Amadeo Blanco, e consta de um documento assinado por Walter Marques, secretário de Estado do Comércio, e é do seguinte teor: **«Ambas as partes acordaram reunir-se a nível de ministros na cidade de Havana em Abril do presente ano, para efeito de revisão do compromisso de compras recíprocas 1978-/1981».** A agravar mais a situação o Fundo do Fomento e Exportação fez-se representar nesta deslocação a Cuba apenas à última hora, enviando um funcionário qualificado – com grande aceitação junto dos comerciantes e industriais, de resto – mas apenas para não perder o comboio e para «empresário ver»...

Isso foi o que o governo português fez. No entanto, passado que foi um mês sobre a deslocação ao estrangeiro da maior delegação de sempre de empresários portugueses, o que é que se passou?

As mesmas dúvidas

Bom, o que se passou é estranho. Em contactos estabelecidos nestes últimos dias com alguns dos empresários que estiveram em Cuba, o «DL» soube que a preocupação era a tónica dominante entre eles. No Norte, por exemplo, há até uma certa movimentação para que a situação se clarifique, uma vez que se aproxima a passos largos o momento da renovação do convénio do açúcar – deve acontecer lá para Setembro/Outubro – e os rumores não são muito encorajantes. Ou melhor: sabe-se mesmo que o ministro dos Negócios Estrangeiros, em declarações recentes aos correspondentes da imprensa estrangeira acreditada em Lisboa, disse taxativamente que Portugal não renovaria o acordo do açúcar com Cuba. Falou nos excedentes de açúcar na CEE, lembrou que o nosso país estava para entrar para essa organização e, daqui para o futuro nada de acordos com Cuba. Quando fosse a altura de comprar logo se veria... Estas declarações foram publicadas em Londres, isso chegou ao conhecimento dos empresários portugueses, que ficaram alarmados e, ao que parece, há já um certo recuo dos governantes portugueses nessa matéria. Curiosamente, um industrial do norte do país com quem contactamos mostrou-se bastante calmo e garantiu estar convencido que o dr. Gonçalves Pereira provavelmente teria dito o que disse porque não dominava o assunto e julgava que aquela era a melhor forma de defender os interesses dos comerciantes e industriais portugueses.

Aspecto parcial da delegação portuguesa na primeira sessão de trabalho

membro da delegação portuguesa, na recepção que a Câmara de Comércio de no Palácio das Convenções

«Quando ele estiver devidamente informado – e penso que agora já está – verá sem dificuldade que a questão é mais complicada e vai rever as afirmações» – disse-nos ainda o nosso interlocutor.

Pusemos a questão ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. Relatámos o que sabíamos, referimos o que a imprensa londrina havia dito, perguntámos ao sr. ministro se era verdade que Portugal não renovaria os acordos de compra de açúcar a Cuba. Um porta-voz, extremamente correcto, deu a resposta passados alguns minutos.

«Portugal está o mais aberto possível às relações políticas com Cuba, como o prova, por exemplo, o facto de termos já nomeado e pedido o «agreement» para um novo embaixador de Portugal em Havana. Estamos também extremamente interessados nas trocas comerciais com Cuba. A questão do açucar é um problema económico e como tal será tratado por Portugal. Compraremos o açucar que precisarmos onde e melhor nos convier. É, pois, um facto económico e não político». E por aqui se ficou o amável porta-voz do MNE. E nós, como certamente os comerciantes e industriais interessados, ficamos também com as mesmas dúvidas que tínhamos antes: qual vai ser a atitude dos governantes portugueses face ao açúcar cubano?

Bom-senso?

Jeremias Neves, administrador da firma nortenha Jomar – o maior exportador para Cuba, tendo vendido a Havana, em 1980, três milhões de dólares, com perspectiva de aumentar substancialmente o volume de vendas este ano – falou-nos igualmente nesta questão.

Em Havana, onde o enviado

Continua na pág. 12

Os Serviços Comerciais de Cuba em Lisboa e as Empresas de Comércio Externo Cubanas, saúdam os industriais e comerciantes portugueses que visitaram recentemente o nosso país e afirmam o seu desejo de incrementar as relações comerciais tanto com eles como com todos os demais exportadores e importadores que assim o desejem.

Serv. Comercial de Cuba em Lisboa — Pero da Covilhã, 14
Restelo. Telef: 61-5317 Telex 12167 — EMCUBA

EMPRESAS DE COMÉRCIO EXTERNO DA REPÚBLICA DE CUBA

EXPORTADORAS

CUBAZUCAR (açúcar e meles de cana)
CUBAINDUSTRIA (prod. ind.)
CUBATABACO (tabaco em rama e elaborado)
EDICIONES CUBANAS (publicações)
CUBAFRUTAS (frutas trop. conservas e sumos)
CUBANIQUEL (minerais e metais)
UNECA (construções no exterior)
EMP. CUBANA ACUÑACIONES (numismática)

IMPORTADORAS-EXPORTADORAS

COSUMIMPORT (art. de consumo)
CUBATEX (texteis, confecções e calçado)
MARPESCA (barcos, eq. e ac. para navegação e pesca)
EGREM (discos, cassettes)
CARIBEX (peixes e mariscos)
TRANSIMPORT (eq. transp. aut-pesados, ac. e peças)
CUBAMETALES (metais minerais e combust.)
FECUIMPORT (mat. y eq. ferroviário)
MEDICUBA (medicamentos, material e eq. médico)
ICAIC (películas imp. curta e longa durac.)
COPREFIL (filatelia)
TRACTOIMPORT (eq. e máq. agrícola)

IMPORTADORAS

ALIMPORT (alimentos e bebidas)
MAPRIMTER (mat. primas)
MAQUIMPORT (eq. elect. ind. maq. ind. componentes elect.)
ENERGOIMPORT (eq. e peças para a indústria eléctrica)
TECNOIMPORT (art. técnicos)
ECIMETAL (plantas e eq. ind. metalomecânica)
ECIQUIM (plantas e eq. para indústria química)
FERRIMPORT (art. ferreteria)
AUTOIMPORT (automóveis — peças e ac.)
QUIMIMPORT (prod. químicos e fertilizantes)
IMEXPAL (plantas e eq. ind. alimentícia)
ECIMAT (plantas e eq. para la construção)
IMEXIM (infraestruct.)

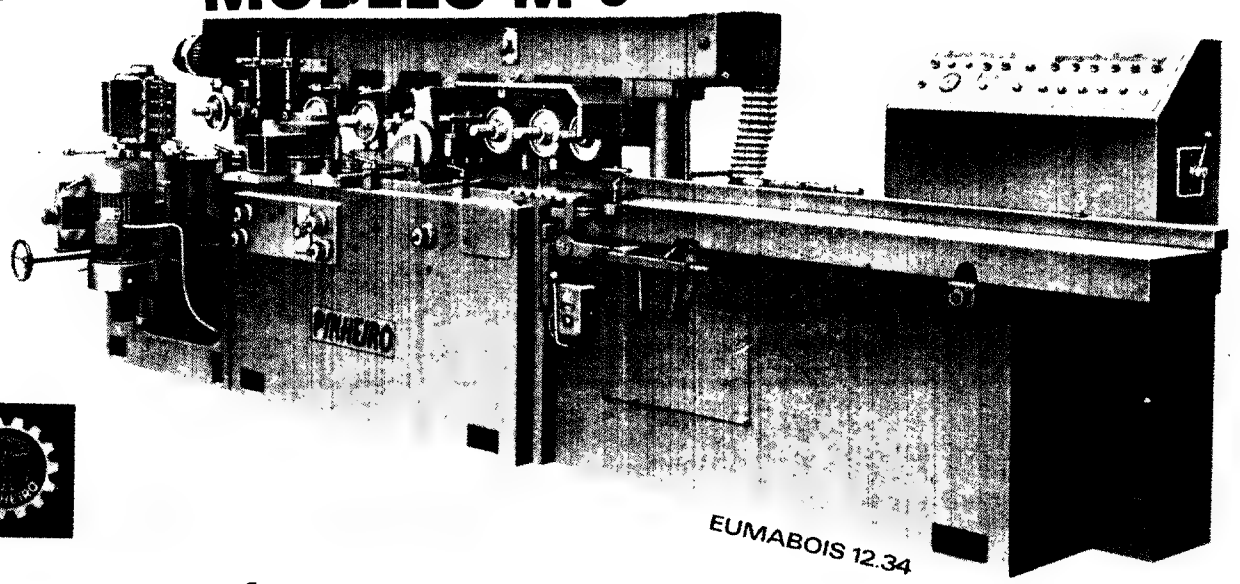
CUBA

No salão «Lalo Carrasco», no Hotel Habana Libre, decorreram durante dias os contactos entre os empresários portugueses e os representantes das firmas cubanas. Nas fotos vêem-se os responsáveis das firmas Sincal – Sociedade Industrial e Comercial de Abrasivos (à esquerda) e «CD-Comércio e Distribuição de Produtos e Equipamentos Agro-Pecuários» (à direita) em plena actividade

SEDE E FÁBRICA: — RUA D. PEDRO V APARTADO 1 — TROFA
4783 SANTO TIRSO CODEX TELEFONES 42813/4/5/6/7
FILIAIS:— 1300 LISBOA— RUA FILINTO ELÍSIO, 15-C TEL 632178/641533
8500 PORTIMÃO — RUA INF. D. HENRIQUE, 194 TELEF. 23498

MOLDURADORA AUTOMÁTICA
MODELO M-6

Paris Janeiro 81



A MAIOR FÁBRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA
DE MÁQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Bazofi acessórios de automóveis, Lda.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
EM PORTUGAL

GRUPOS GERADORES

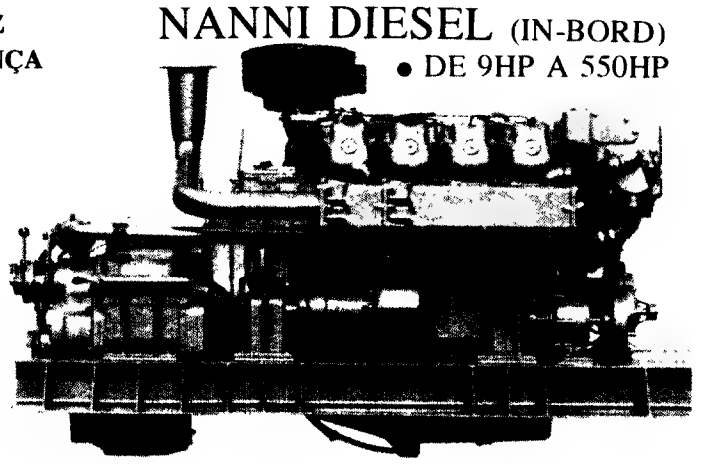
STAMEGNA
• 2,5 KVA A 1000KVA

MOTORES
OUT-BOARD
SELVA

• ECONOMIA
• ROBUSTEZ
• SEGURANÇA

GAMA
COMPLETA
• 4HP A 80HP
• 6HP DIESEL

NANNI DIESEL (IN-BORD)
• DE 9HP A 550HP



SEDE: RUA BRAAMCAMP, 84, 1.º ESQ., LISBOA
ARMAZÉNS: AV. INFANTE D. HENRIQUE, LOTE E, LISBOA
TEL: 385047/385052/385057 TLX: 14756 BAZOFI P

Continuação da pág. 11

do «DL» teve oportunidade de almoçar um dia com o encarregado de negócios de Portugal e alguns dos empresários portugueses, entre eles Jeremias Neves, a questão já havia sido ventilada. O representante da Jomar, com a sua calma proverbial, desde sempre disse que tudo se resolveria pelo melhor.

«O bom-senso vai impor-se» – comentou na altura. E agora, posto ao corrente das afirmações do MNE, disse para o «DL»:

«Penso que há uma certa especulação. Pelos dados de que disponho não há nada de concreto que possa pôr em dúvida que vamos renovar a compra de açucar a Cuba. Pedi uma entrevista ao ministro dos Negócios Estrangeiros, mas na altura o sr. ministro não me podia receber e falei então com o director-geral dos Negócios Económicos do MNE. Descansou-me e disse-me que não está nada decidido. Portanto tudo continua na mesma e eu por mim penso voltar a Cuba em Setembro-Outubro para fechar contratos. De qualquer modo nós aqui na Jomar fizemos uma exposição ao MNE pedindo para que seja definida de uma forma muito clara qual vai ser a política que vamos seguir. Só assim se pode trabalhar. E como nós pensam muitos outros industriais».

Esta, pois, a situação de fundo. A expectativa é grande e o tempo urge. Quantos dos empresários portugueses voltarão a Havana no Outono próximo para fecharem contratos? E que acontecerá à representação comercial cubana actualmente a funcionar em Lisboa se deixarmos de comprar açucar a Cuba (ao fim e ao cabo a única coisa que compramos)? O mais provável, há quem o diga, é que nessas circunstâncias não se justifica uma representação comercial cubana no nosso país. O que, se se verificasse, traria sérios problemas ao comércio entre os dois países, prejudicando os interesses dos empresários portugueses.

Para o ano que vem...

Voltando à visita que a delegação portuguesa fez a Havana. **Houve um industrial que perguntou** ao Presidente da Câmara de Comércio de Cuba se o seu organismo tinha relações com a Câmara de Comércio Portuguesa.

«Não» – respondeu-lhe. **«Mas há que estudar essa questão, pois temos muitas e frutuosas relações com diversas outras Câmaras de Comércio de países de economia de mercado. Estamos na disposição de estreitar o mais possível as relações com essas organizações, a portuguesa incluída, mas isso não depende apenas de nós. E queremos continuar as relações que temos com o Fundo de Fomento e Exportação».**

(Por falar em FFE – muitos dos empresários portugueses queixaram-se de que há muito pediram ao governo para que o FFE abrisse uma delegação em Havana, o que facilitaria as coisas. Até agora, porém, nada. E o FFE tem delegações abertas em locais onde nem de perto nem de longe há o volume de trocas comerciais como o que existe com Cuba...)

Aliás, para quem, como nós, acompanhou esta visita sem nunca antes ter conhecido de perto o mundo do comércio, o que ressalta é a sensação, estranha e dolorosa, de incapacidade dos organismos oficiais portugueses do sector apoiarem os nossos comerciantes.

Vasco Parreira, proprietário da Casa Hipólito – a firma que há mais tempo mantém negócios com Cuba, sendo uma personalidade altamente respeitada pelos governantes da ilha – dizia-nos, por exemplo, não perceber porque é que o Ministério do Comércio português não se tinha feito representar. E acrescentava naquela sua voz pausada de quem já viu muito mundo:

«É uma vergonha. Não está bem. O que se passa aqui não pode permitir o alheamento de quem, em Portugal, é responsavel pelo comércio».

E o pioneiro das relações comerciais de Portugal com Cuba (Vasco Parreira, numa das visitas que fez a Havana, no tempo da «outra senhora», que fechava os olhos a essas coisas, chegou a ser apresentado a Che Guevara, que encontrou no restaurante «A Torre», trazendo ainda a pistola à cintura, como nos relatou sorrindo) lembrou então, um pouco desencantado, que **«se não fosse a iniciativa dos próprios industriais portugueses e dos cubanos nada se fazia».**

«Para o ano que vem» – revelou – **«vamos tentar fazer aqui em Havana uma exposição de artigos portugueses. Esta é uma iniciativa que deveria caber às autoridades. Mas nós vamos deitar mão a isto. E vou também propor ao governo português que reconheça publicamente o trabalho que o sr. Mário Rodriguez, dos serviços comerciais da Embaixada de Cuba, tem feito em prol da economia portuguesa. Se não fosse o trabalho dele esta viagem, por exemplo, não se teria realizado».**

Mas a verdade é que se realizou e tanto quanto julgamos, vai ter resultados bem positivos, apesar de todos os acidentes de percurso que possam vir a acontecer. Para além do mais, recordamos as palavras do Presidente da Câmara de Comércio de Cuba que foram subscritas por todos os portugueses presentes no salão «Lalo Carrasco» do hotel Habana Libre, onde se realizaram todos sessões de trabalho:

«As relações pessoais são muito importantes. E neste momento existem condições para que a maioria de vós saia, pelo menos, com a possibilidade de fazer contratos».

CUBA

Firma de Braga alerta

Há sérias preocupações sobre os caminhos que seguem as nossas relações comerciais

A Cachapuz é uma firma de Braga especializada em básculas e balanças, que se fez representar na delegação portuguesa – a maior que alguma vez saiu do país – que se deslocou a Havana recentemente.

Já em Lisboa, e num encontro casual, falámos com um dos seus representantes, que, estando a par dos problemas e dúvidas que se levantam ao futuro do comércio entre o nosso país e Cuba – no qual a sua firma está muito interessada, prestou o seguinte depoimento para o «DL»:

1 – «É incontroverso que no campo industrial, onde o nosso atraso é notório, a recuperação, o desenvolvimento e o progresso não são alcançáveis exclusivamente pela expansão do mercado interno.

2 – É incontroverso que, se não a longo, pelo menos a dilatado médio prazo, quer pela incipiente industrialização e tecnologia do país, quer pela baixíssimo poder de compra da população, quer ainda pela extrema debilidade técnico-económica-financeira da maioria das pequenas e médias empresas não se vislumbra possível o desenvolvimento minimamente necessário do mercado interno.

3 – Por mais forte e supersticiosa que possa ser a crença na CEE como panaceia para todos os males, é incontroversa a existência de ramos e sectores da indústria cuja produção, pela já tradicional incompetividade, pela baixa produtividade, pela insuficiente qualidade, pela tecnologia atrasada e muitas vezes obsoleta não tem aí quaisquer possibilidades concorrenciais.

4 – Resulta daqui evidente, mesmo para as mais distorcidas ópticas determinadas por fanatismos medievais de ordem ideológica e política, que tais indústrias não poderão furtar-se ao enfrentar a breve prazo o trágico dilema de morrer ou encontrar outro mercado externo que não a CEE.

5 – É incontroverso que esse mercado, além de existir no concreto e encerrar potencialidades gigantescas, mesmo inquantificáveis, oferece-nos quase de bandeja a inestimável e talvez única oportunidade histórica de nele nos situarmos como interlocutores privilegiados e preferenciais.

Para tanto, e da nossa parte, bastaria apenas a sabedoria de uma actuante vontade política orientada na lucidez e sentido de oportunidade.

O mercado por excelência

6 – Cuba, as recém-formadas democracias de expressão portuguesa, o bloco dos países não-alinhados, os países de recente independência ou formação nacional, enfim, o chamado Terceiro Mundo na sua globalidade, constituem por excelência o mercado externo para onde, pelas razões atrás apontadas, com ou sem entrada na CEE, é imperativo nacional saber estabelecer, consolidar e alargar as relações comerciais, económicas e tecnológicas.

7 – Com a Revolução de Abril criaram-se todas as condições básicas para podermos assumir de facto, e não em platónicas declarações de princípios, já hoje e não num amanhã eternamente adiado, o papel de interlocutor privilegiado e preferencial. Apenas três pressupostos complementares restam por cumprir: primeiro e funfamentalmente ganharmos a vontade política de estabelcer e estreitar esses laços; 2 – conseguirmos a capacidade de negociação na base e respeito de interesses comuns desprovidos de ocultos ou mal disfarçados preconceitos e por vezes intenções neocolonialistas ainda existentes em muitas mentes dentro e fora do Governo; 3 – sabermos negociar sem a intenção irrealista e ridícula, para a nossa dimensão político-económica, de criarmos economias de nós dependentes, o que implica o reconhecimento do pressuposto obrigatório de que, em paralelo com as trocas de mercadorias, terá de processar-se de forma justa e politicamente isenta o fornecimento de Know-how e tecnologia.

Rumores insistentes

8 – No conjunto dos países não-alinhados e do chamado Terceiro Mundo é Cuba aquele com que Portugal avançou mais rapidamente, após o 25 de Abril de 74, no desenvolvimento de laços comerciais, parte dos quais aliás já existentes durante o fascismo.

9 – Pelo prestígio de Cuba no Terceiro Mundo, pelo seu programa de fornecimentos a diversos países daquelas áreas, Cuba reveste-se da maior importância para as nossas exportações na medida em que pode funcionar como «ponte» para penetração em numerosos mercados de outra forma inacessíveis.

10 – No ramo da metalomecânica de média tecnologia, a oportunidade de exportação válida e continuada encontra-se nestes mercados e só neles.

Foi nesta perspectiva que a Cachapuz, o maior fabricante e exportador nacional de básculas e balanças, conseguiu para estes mercados e no corrente ano, importantes contratos de exportação que vão a 35 por cento da sua produção, dos quais 15 por cento só para Cuba, e com perspectivas abertas de continuidade e vendas posteriores de tecnologia, tendo conseguido desalojar outros fornecedores já tradicionais como a Espanha e certos países socialistas.

Para tal houve que proceder a vultosos investimentos, todos em curso, que representam um importante passo na expansão da exportação, no progresso da tecnologia nacional e no desenvolvimento industrial, investimentos esses cujo sucesso depende exclusivamente da continuidade destas relações comerciais, mutuamente vantajosas.

11 – as mesmas condições, com idênticas possibilidades, encontram-se outras empresas industriais portuguesas relativamente a Cuba. É uma situação que, ao contrário das promessas inseguras de concretização sempre adiada, por aquilo que consigo traz de imediato, directo e palpável constitui um estímulo importante para várias outras indústrias e prova insofismável da nossa aceitação e possibilidade crescente nestes mercados.

12 – Todavia, o acumular na Imprensa diária e periódica de muitas análises de natureza política, diplomática, económica e comercial provenientes de diversos quadrantes levam à formulação de sérias preocupações acerca do desenvolvimento destas relações comerciais e à criação de outras em áreas afins.

Com efeito, dir-se-ia que o Governo parece apostar não na consolidação e alargamento, como seria de esperar face aos interesses nacionais destas relações comerciais, mas antes no seu estrangulamento progressivo ou mesmo boicote declarado. Conclusão esta que se reforça pelos rumores insistentes que correm pelos bastidores da indústria, da finança, da administração e da política.

São preocupações legítimas e que pelas enormes e perigosas implicações que encerram urge responder com cabal clareza e prontidão imediatas».

CUBA

ALPIMENTA

MARCA REGISTADA

Alberto Pimenta Machado & F.os

FABRICANTES TÊXTEIS E CONFECÇÕES

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

TELEFONES: P.B.X. 41 22 11/2/3 41 22 25/5

TELEGRAMAS ALPIMENTA

TELEX: 23 340 A P M P

RUA DE PAIO GALVÃO **4801 GUIMARÃES Codex** PORTUGAL

CUBA

Relações comerciais com Cuba datam de há muitos anos

As relações comerciais entre Portugal e Cuba datam de há muitos anos, mas só em 1975 é que elas receberam um verdadeiro impulso. Isto é: consolidaram-se a partir desse ano, no qual uma delegação de mais de 15 funcionários de entidades e empresas cubanas visitaram Portugal – disse ao «DL» um porta-voz dos serviços comerciais da Embaixada de Cuba em Lisboa, a quem pedimos alguns elementos para historiar as relações comerciais entre os dois países.

Em Setembro de 1976 Portugal e Cuba subscreveram um Convénio Comercial com vigência de 5 anos, o qual contém as bases pelas quais se deve reger o intercâmbio comercial entre os dois países.

Mais tarde, em Março de 78, com base no artigo 14.º do referido Convénio Comercial, celebrou-se em Havana a 1.ª Reunião da Comissão Mista Luso-Cubana, tendo no final sido assinado um Protocolo Comercial para o mesmo ano e um Compromisso de Compras Recíprocas (1978/1981), que contempla compromissos da parte portuguesa adquirir directamente a Cuba um mínimo de 70 000 toneladas de açúcar em rama durante cada um dos anos assinalados.

Pela sua parte, Cuba comprometeu-se a contratar um mínimo de três milhões de dólares anuais, durante este período, em produtos portugueses, e a reparar um mínimo de três barcos por ano nos estaleiros portugueses.

Cifras ultrapassadas

Durante os três primeiros anos de vigência do mencionado compromisso de Compras Recíprocas, as cifras mínimas assinaladas foram ultrapassadas por cada uma das partes.

Em 79,80 e 81, têm vindo a celebrar-se indistintamente em Lisboa e Havana as reuniões da Comissão Mista correspondentes a cada um destes anos.

Quanto ao último ano concluído (1980) Portugal comprou a Cuba mais de 100 000 toneladas de açúcar, tendo as empresas cubanas contratado produtos portugueses por mais de 17,4 milhões de dólares, sendo de destacar a diversificação dos produtos portugueses adquiridos, que foram mais de trinta nesse ano, quando em 75 não passavam de três.

No mês de Fevereiro deste ano celebrou-se em Lisboa a 4.ª Reunião da Comissão Mista Luso-Cubana, tendo sido assinada no dia 11 desse mês o Protocolo para 1981, o qual contempla como compromisso da parte portuguesa adquirir directamente 70 000 toneladas de açúcar cubano, com a intenção de adquirir 10 000 toneladas mais se os preços forem competitivos.

A parte cubana, por sua vez, tomou o compromisso de reparar um mínimo de 3 barcos durante o referido ano nos estaleiros portugueses, fazendo esforços para que o valor destas reparações alcancem uma importância não inferior a 2 milhões de dólares, ficando implícito o compromisso de contratação de um mínimo de três milhões de dólares em produtos portugueses, com a menção de que ambas as partes realizarão esforços para alcançar uma cifra de contratação durante 1981 de 14 milhões de dólares em mercadorias portuguesas.

Este Protocolo também contempla o interesse de ambas as partes em estudar as formas de cooperação económica, industrial e técnico-científica, incluindo a cooperação em terceiros mercados e analisar as possibilidades de cooperação no Turismo.

As compras cubanas

Para que se possa ter uma ideia real de diversificação das compras cubanas a Portugal cabe agora referir que as empresas cubanas até Dezembro de 1980, adquiriram fundamentalmente, os seguintes produtos:

cortiça em pranchas, cortiça em pó, discos de cortiça, rolhas de cortiça, madeira contraplacada, (plywood), tábuas melaminadas, óleos lubrificantes, superfosfato triplo, cordas e esparto para a pesca, redes e malhas para redes de pesca, têxteis, botões, calçado, queimadores para cozinhas de querosene, peças sobressalentes e acessórios para queimadores, pneumáticos para equipas de automotores, câmaras para os mesmos, ferramentas agrícolas, cabos para utensílios agrícolas, parafusos, lixas, batérias eléctricas (acumuladores), material para calçado, antibióticos, outros medicamentos acabados, matérias-primas farmacêuticas, básculas, vinhos, presilhas (fixação) para vias-férreas, malha metálica, papel, cartão, kraft liner, etc.

O desequilíbrio

Entretanto, e como o «DL» já revelou em anteriores edições, a balança comercial continua largamente favorável a Cuba, a quem comprámos no ano passado cerca de 100 000 toneladas de açúcar no valor global que ultrapassa os 60 milhões de dólares.

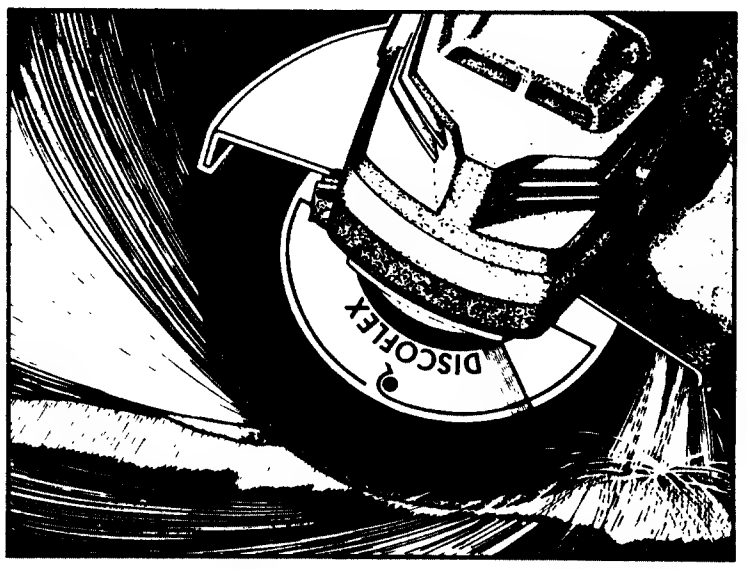
Cuba está interessada em comprar mais produtos a Portugal e será interessante recordar que no último ano exportámos para Havana 17,5 milhões de dólares de mercadorias, nos seguintes sectores: têxteis (3,6 milhões), papel (3.3), madeira e derivados (2,9), produtos de indústrias metalomecânica (2), óleos lubrificantes (1,6), adubos (1,2), cortiça (680 mil), pneus e câmaras (600 mil), abrasivos (470 mil) e produtos farmacêuticos (250 mil).

Relações comerciais Portugal-Cuba: o açúcar está sempre presente, apesar de nem tudo ser doce

DISCOFLEX PORTUGAL

DISCOFLEX

DISCOS ABRASIVOS



Somos o primeiro produtor português de Discos Abrasivos resinóides.

A qualidade dos nossos Discos é de nível europeu. O ano passado obtivemos o certificado da qualidade D.F.A. que nos foi passado pelo Instituto Alemão de Segurança de Discos Abrasivos e Máquinas de sua aplicação; (Hannover).

O nosso programa de cooperação com os países do 3.º Mundo abrange a elaboração de projectos e construção de fábricas de Abrasivos em regimem de chave na mão.

Vendemos Discos não só para os países da CEE, como também para as Filipinas, Irão, Países Árabes e Países Africanos de expressão oficial portuguesa.

ESTIVEMOS PRESENTES NA MISSÃO OFICIAL DE INDUSTRIAIS PORTUGUESES PROMOVIDA PELA EMBAIXADA DE CUBA EM PORTUGAL

OFERECEMOS QUALIDADE E O APOIO DOS NOSSOS SERVIÇOS TÉCNICOS. CONSULTE-NOS

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ABRASIVOS, LDA.

SEDE: ALTO DA BELA VISTA - PAVILHÃO, 42 - 2735 CACÉM CODEX
TELFS. 2944239-2941547-2941509-2946975 - TELEX 12647 WILCO P PORTUGAL

CUBA

Casa Museu de Hemingway em Havana

Aquela Smith-Corona agora silenciosa...

Ernest Hamingway, um americano enorme, louco por gatos e corridas de touros, ápaixonado pela caça e pela pesca, doido por galos de combate e por rum, amante de flores exóticas e do mar, escritor-jornalista como ninguém, viveu em Cuba a terça parte da sua vida.

Em 1939 escolheu San Francisco de Paula, uma localidade a uns trinta minutos de Havana, como sua residência permanente. Aí alugou um fortim espanhol do século XIX, situado na Quinta de «La Vigia» – e pouco depois, quando publicou «Por Quem os Sinos Dobram», comprou a quinta e o fortim e para lá transportou os seus livros, quadros, móveis, lanças africanas, canas de pesca, colecções de punhais, armas de fogo e cabeças de animais embalsamadas. E aí também escreveu alguns dos seus livros mais importantes.

Depois da sua morte – um tiro na boca em 1961, quando esteve internado num hospital dos EUA, sem esperança de cura – mrs. Mary Hemingway, a sua viúva, regressou de Nova Iorque a San Francisco de Paula e a La Vigia. Pegou nalguns manuscritos depositados no Banco Nacional – entre eles o de «Paris é uma festa» – num quadro de Juan Gris e outro de Miró, nalgumas recordações e uma cabeça de veado, recuperou algumas cartas, poemas e notas pessoais e, antes de regressar aos EUA, onde ainda hoje vive, ofereceu ao povo cubano «La Vigia».

O Governo revolucionário de Cuba, por decisão do primeiro-ministro, Fidel Castro, transformou então La Vigia num museu, onde o visitante – e têm sido aos milhares por ano – pode ver, até ao pormenor, como vivia Ernest Hemingway, esse americano a quem os cubanos chamavam carinhosamente El Viejo, ou Jeminguey, ou mister Way ou, sobretudo, «Papa».

Tudo no seu lugar

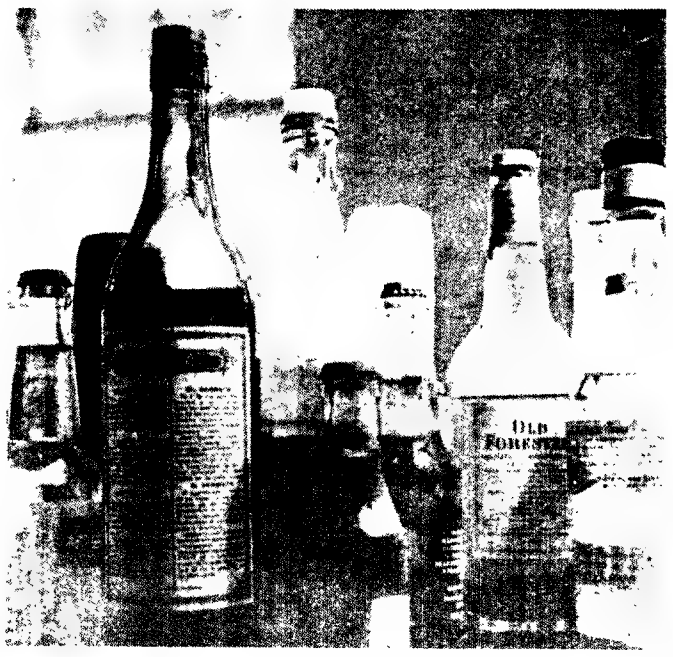
Em La Vigia, onde há sempre um guia que acompanha o visitante e responde a todas as perguntas que se queiram fazer sobre a vida e obra de Hemingway, tudo está no «seu lugar». Como não se pode entrar na casa térrea, o guia mostra-nos então, através das janelas amplas abertas de par em par, o que era o local sagrado de Hemingway. As diferentes garrafas de bebidas fortes e água mineral entre as poltronas da sala; a cama com lençóis limpos; a mesa de trabalho cheia de papéis, um par de uns velhos óculos e fotografias; uma pequena estante na casa de banho; a mesa posta, como sempre, para as refeições.

Como disse um dia Edmundo Desnoes, um jornalista cubano: «Tudo ficará assim no seu lugar: Ernest Hemingway está morto. Permanentemente no seu lugar como os feitos definitivos da sua vida. Tudo permanece na casa, morto e inquilino. A ordem dos objectos, a ausência de Hemingway, tudo é obsceno como a morte.»

Mas voltando aos objectos: vi o lagarto que Hemingway conservou em formol e mantinha permanentemente na casa de banho, um local onde passava muito tempo a ler calmamente; reparei numa cruz gamada dos nazis, provavelmente apanhada por Hemingway durante a Segunda Guerra Mundial; olhei espantado para os vários pares de sapatos que ali permanecem, enormes, descomunais quase, comprovando, assim, a estatura gigantesca de «El Viejo»; por entre os seis mil livros que enchem as estantes espalhadas por todas as divisões da casa simples, mas confortável, descortinei numerosos volumes da obra de Mark Twain, de quem Hemingway, um dia escreveu: «Toda a literatura norte-americana sai de um livro chamado 'Huckleberry Finn'. Especialmente das primeiras cem páginas»; admirei as cabeças de veado colocadas nas paredes, belas apesar de mortas; surpreendi-me com os cartazes de touradas, testemunhos vivos de uma das paixões de mr. Way; mas de tudo o que eu mais contemplei foi a sua máquina de escrever portátil, uma velha Smith-Corona, agora estática, sem fazer o seu ruído característico e bom, sobre uma estante no quarto onde Hemingway dormia, lia e trabalhava sem autorizar que ninguém lá entrasse.

«Hemingway costumava dizer que a sua Smith-Corona era o seu psiquiatra» – explicou-me o

Continua na pág. 17



«El Viejo» sabia beber. Como no tempo em que tinham uso, as garrafas continuam religiosamente no mesmo sítio

Era assim a sala de estar

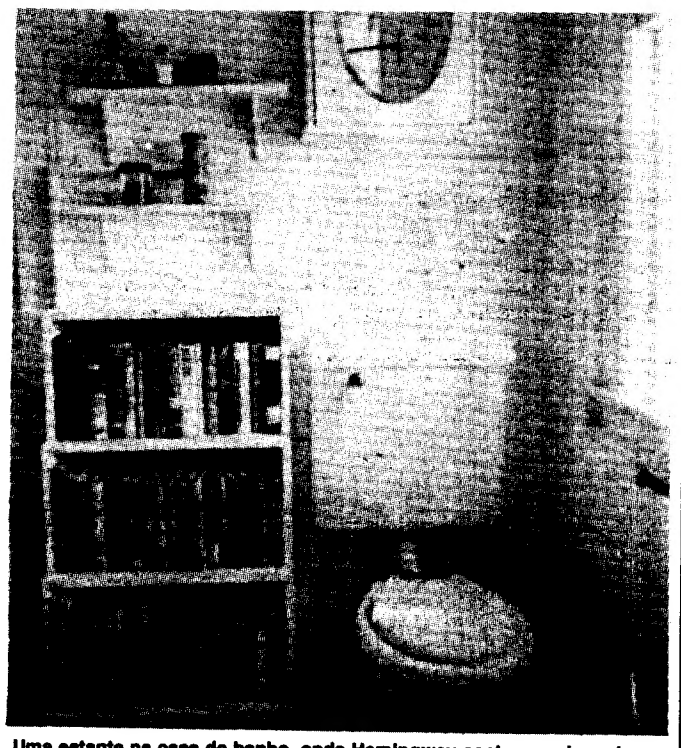
CUBA

Continuação da pág. 16

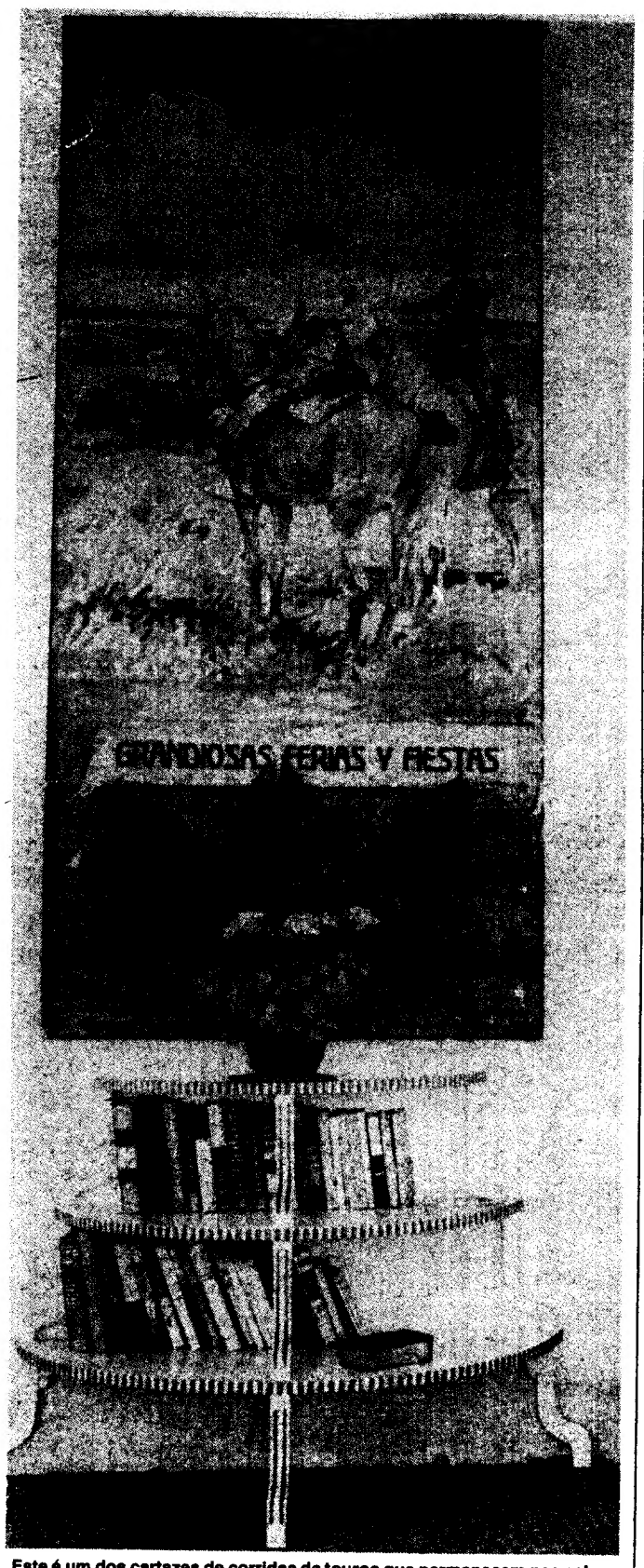
guia ao ver o meu interesse por aquele fascinante objecto. E disse-me depois que aquele homem enorme no corpo e no talento costumava escrever na sua máquina, de pé, descalço e em calções, todas as manhãs, seis horas por dia.

«De pé?» – perguntei admirado.

«Sim. Tinha uns estilhaços no joelho, apanhados na Guerra de Espanha e não podia estar muito tempo sentado na posição de escrever» – adiantou ainda o meu interlocutor.



Uma estante na casa de banho, onde Hemingway costumava ler calmamente



Este é um dos cartazes de corridas de touros que permanecem nas salas de «La Vigia»

«Un cubano más»

Falar de Hemingway e da sua casa-museu – tão carinhosamente tratada pelo Governo cubano, para quem a cultura é um bem precioso – seria um nunca mais acabar de recordações. Direi, apenas, que é bom passear pela Quinta de «La Vigia», e, nos seus 15 acres de terra, ver os jardins e a horta onde aquele homem-escritor-jornalista passava parte do seu tempo; conhecer a piscina onde Hemingway nadava todos os dias; olhar uma árvore enorme por onde orquídeas sobem a esmo, ao lado de muitas outras plantas exóticas trazidas de diversas partes do mundo. E, claro, falar dos gatos que foram também uma paixão de Hemingway – chegou a ter mais de 50 desses animais – e hoje são ainda uma recordação viva, pois em La Vigia o visitante pode ver gatos que por lá passeiam também...

Ao lado da casa há ainda uma torre de dois pisos, mandada construir por sua mulher, mrs. Mary, para que o escritor aí se pudesse isolar e escrever. Hemingway, contudo, – disse-me o competente guia – apenas entrou lá uma vez e ficou 15 minutos. Saiu dizendo que aí se sentia muito a solidão. Serviu então para albergar os gatos e hoje, aí funciona, no rés-do-chão, uma espécie de escritório onde funcionários dos museus cubanos recolhem obras sobre o escritor e onde há livros onde as pessoas que por lá passam podem escrever o seu nome e deixar uma mensagem. No primeiro andar estão arrecadados muitos dos objectos de Hemingway que não estão expostos na casa.

«Mas por que razão terá Hemingway escolhido Cuba para viver?» – perguntei a certa altura.

«Não se sabe com exactidão. Gostou, é tudo. Cuba era para Hemingway a corrente do golfo, a pesca, o bungaló quadrado e espaçoso, os pássaros estranhos, os lagartos, os galos de luta, os amigos do clube de tiro e uma dúzia de variedades de mango. Mas também era algo mais que ele nunca quis definir» – respondeu-me o meu guia.

«E qual foi a posição do escritor quanto à revolução?»

«A primeira coisa que disse após a revolução foi que o Governo era o único Governo decente que a ilha teve. E ao regressar a Cuba, vinha de Nova Iorque, disse também sentir-se muito feliz por estar de novo na ilha pois considerava-se 'un cubano más' e acrescentou: «Não acreditei em nenhuma das informações que se publicaram contra Cuba no exterior. Simpatizo com a revolução cubana e com todas as nossas dificuldades. Não quero que me considerem um yankee». E a verdade é que nós sempre o considerámos um dos nossos» – concluiu o guia.

Assim era Hemingway. Assim é a sua casa-museu. Assim são os cubanos.

INDÚSTRIAS
TABOPAN

TELEFONE 42051
(11 linhas)
TELEGRAMAS
TABOPAN - AMARANTE
TELEX: 22602-P
• 24521-P

DE
ABREU & COMPANHIA, LDA.

AMARANTE (Portugal)

COMPLEXOS INDUSTRIAIS EM AMARANTE E VILA POUCA DE AGUIAR

EXPORTAÇÃO PARA TODO O MUNDO

A MAIOR ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL DO GÉNERO, NA PENÍNSULA

★ PLACAS DE MADEIRA AGLOMERADA
★ PLACAS FOLHEADAS
★ PLACAS REPRODUÇÃO MÁRMORE
★ PAINÉIS ACÚSTICOS
★ PORTAS DE ESTILO SÉCULO XVII E PORTAS PLANAS
★ ESTANTES DESMONTÁVEIS
★ PAINÉIS DE ESTILO PARA TECTOS
★ MOBILIÁRIO
★ ARCAS DE ESTILO, ARCAS LACADAS, LDA.
★ PLACAS DECORATIVAS EM MADEIRA E CORTIÇA
★ ARTIGOS PARA ARMADOR
★ LAMBRINS PARA REVESTIMENTO E DECORAÇÃO DE PAREDES

Distribuidor em Lisboa:
SOCIEDADE DE MADEIRAS E MOBILIÁRIO TABOPAN, LTD.
Avenida Casal Ribeiro, 12-B e 12-C
Telefones: 43179 e 555301
LISBOA • Telex 18483 - TABOPAN

Distribuidor no Distrito do Porto e Província do Minho:
SOCIEDADE COMERCIAL DE REPRESENTAÇÕES JOSÉ SOARES, LTD.
Rua Rodrigues Sampaio, 160-2.º
Telefone: 28091
PORTO

CUBA

As fraternas noites de Havana em "La Bodeguita del Medio"

Havana, como acontece com todas as grandes cidades do mundo tem uma movimentada vida nocturna e uma certa tradição boémia. Obviamente, com o «toque» de um país que escolheu o socialismo e a «vantagem» do sangue quente e jovem do seu povo.

Cabarés há, e muitos. Cinemas e teatros, também. Restaurantes onde se pode jantar até muito tarde e ouvir música, idem, aspas. E sempre tudo cheio, que o clima ajuda a sair de casa, o povo é alegre que só visto e tem dinheiro para gastar. De resto, as noites cálidas de Havana são uma festa, com as ruas prenhes de movimento até bastante tarde, o espectáculo de gentes de todas as cores misturadas com a naturalidade das coisas simples, os incontáveis pares de jovens abraçando-se ao longo do paredão que separa o mar da cidade. Um paredão que há muito faz parte do quotidiano dos havaneses, que lhe chamam, carinhosamente, El Malecón.

Como era inevitável percorri muitos dos pontos «obrigatórios» da noite de Havana, onde beber um trago de rum, simples ou com limão e hortelã, e ouvir música afro-cubana, era um ritual a que não podia fugir. E levaram-me, claro está, a esse verdadeiro «paraíso debaixo das estrelas» que dá pelo nome de Tropicana e não sei bem definir o que é, pois de tudo tem um pouco: restaurante, boîte, teatro e também paraíso. Trata-se de um enorme espaço ao ar livre no meio de vegetação tropical, iluminada com centenas de lâmpadas de cores quentes, e uma pista de dança, que é também um palco móvel, rodeada de muitas mesas sempre ocupadas por turistas estrangeiros e trabalhadores cubanos. Enquanto se janta pode-se assistir a um variado espectáculo, que vai da simples canção ao bailado mais sensual – e nos intervalos a música ritmada da ilha invade o ambiente e a dança toma conta de nós (julgo interessante dizer que um estrangeiro paga para ir ao Tropicana, com um jantar normal incluído, uma quantia que ronda os 12 dólares, ao passo que um trabalhador cubano, sindicalizado, faz a festa por metade).

METALUTIL

DAVID BARBOSA SANTOS, LDA.

TELEFONE 62524 • BUSTELO • OLIVEIRA DE AZEMÉIS

Fábrica de Artigos Domésticos e Decorativos em:

COBRE • ALUMÍNIO
AÇO INOX • LATÃO

IMPORLESTE ★
REPRESENTAÇÕES, LDA.

A EXPORTAÇÃO CONTRIBUI PARA A RECUPERAÇÃO ECONÓMICA DO PAÍS

NÓS EXPORTAMOS:

- VINHOS DO PORTO
- CONCENTRADOS DE TOMATE
- CONSERVAS DE PEIXE

IMPORENTE PORTO
UM ELO SEGURO ENTRE PRODUTORES E COMPRADORES

IMPORLESTE – PORTO:
AGENTE DE PRODUTOS NACIONAIS

Rua de Passos Manuel, 223-4.ª Telef. 319916 PPCA
Teleg. IMPORLESTE Telex 22140 IMESTE P
4000 PORTO PORTUGAL

CD

COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO
DE PRODUTOS E EQUIPAMENTOS
AGRO-PECUÁRIOS, S.AR.L.

REPRESENTA EM CUBA:

★ IBEROMOLDES — Marinha Grande
★ ALMEIDA & FREITAS, LD.ª — Vale de Cambra
★ METALURGICA PROGRESSO — Vale de Cambra
★ TECNOFABRIL — Lisboa

★ ★ ★

Sede: Rua Braancamp, 66-1.º Dt.º
1200 LISBOA

Telefs: 57 44 47 - 57 45 22 ★ Telex 14 228

CUBA

Da porta de «La Bodeguita del Medio», situada na Havana colonial, vê-se, ao fundo da rua, a velha catedral

O popular trovador cubano Nico Saquito e o seu trio torna mais fraternas as noites da Bodeguita

Mas se me levaram ao Tropicana, a verdade é que não é isso que aqui me traz. Havana, para mim, é muito mais «La Bodeguita del Medio».

Um lugar boémio

Centro de reunião de intelectuais nos finais da década de 40, «La Bodeguita del Medio» é actualmente um restaurante-museu único, um lugar boémio da parte velha de Havana, um ponto obrigatório para amigos que gostem de conversar rodeados de tradição.

Todas as paredes de «La Bodeguita» estão cobertas de frases, simples assinaturas ou objectos (chaves, canetas, moedas, esboços de desenhos e até poemas) que os seus frequentadores, habituais ou de ocasião, lá foram deixando ao longo dos anos. E quem lá vai sabe então que por ali passaram, muitas vezes, nomes como Salvador Allende, Nicolas Guillen, Ernest Hemingway.

Numa estante, que cobre a parede do fundo da sala onde funciona um bar de madeira, está exposto, por exemplo, e entre muitos outros documentos, um telegrama dirigido a Guillen, o poeta nacional cubano, que diz: «Em mi Bodeguita brindé por tu Bodeguita. Saludos. Allende. Julio 1 de 1971». Ao lado, fotos do ex-Presidente do Chile tiradas na Bodeguita, bem como do próprio Guillen que ali tem poemas seus.

Natural, portanto, que Angel Martinez, o homem que em 1942 comprou aquele lugar – uma antiquíssima mercearia – e o transformou numa taberna a pedido de um grupo de intelectuais, diga agora e repita tantas vezes quantas forem precisas, que a sua vida é a Bodeguita, sem a qual não passa apesar de estar, digamos, reformado.

Conheceu pessoalmente Allende e Hemingway, é amigo de Guillen e de muitas personalidades da vida cultural, económica e política. Ali vai todos os dias, regalando-se a ver a sua casa cheia de gente anónima ou famosa, comendo a saborosa comida crioula, tipicamente cubana, feita durante anos por si e por sua mulher, onde nunca falta o arroz com feijão preto, a carne de porco, a banana frita. Sem esquecer, evidentemente, o insuperável «mujito», a bebida que Hemingway só ali bebia, como o prova a sua frase que está bem à vista de todos sos clientes, no acolhedor bar: «Mi daikiri en El Floridita, mi mujito en La Bodeguita». E toda a gente segue o conselho de Hemingway, que nisso de bebidas, e não só, era perito insuperável.

Mas continuando com Angel Martinez: apesar de ter comprado aquela casa em 1942, só passado oito anos – exactamente em 26 de Abril de 1950 – e que lhe deu o nome de «Bodeguita del Medio». Um nome que tem uma explicação (como todos os nomes, afinal) e que Martinez sente muito gosto em explicar aos mais curiosos. É que, na zona colonial de Havana todas as tabernas ficavam (ficam) nas esquinas das ruas, ao passo que a sua, situada a meio da «Calle Empedrado», era a excepção...

... E daí, da sua singular posição «geográfica», o seu nome hoje famoso para além dos muros de Havana: La Bodeguita del Medio, onde Nico Saquito e o seu trio, tocando guitarra e cantando como só eles sabem, tornam as noites de Havana mais fraternas.

«Bodeguita: tu ficas e eu passo», escreveú em 1950, nas paredes então ainda não cheias de inscrições, o jornalista Leandro Garcia, que a partir dessa altura publicou num diário local crónicas sobre a vida pública da taberna, lugar habitual de reuniões de poetas, artistas, intelectuais e gente anónima.

Obviamente, subscrevo a frase de Leandro Garcia. Com uma adenda: «Bodeguita: tu ficas e eu passo. Mas voltarei».

SOC. COM. COTANDRE, LDA.

AGENTES DE NAVEGAÇÃO
ESTIVADORES

SERVIÇOS REGULARES PARA OS PORTOS DE:

ANGOLA
S. TOMÉ
CUBA
INGLATERRA
HOLANDA
BÉLGICA

ESCRITÓRIOS:

SEDE
Av. 24 Julho, 126-3.º
Telef. 66 61 83
Tlx 12577 Cotas P
Lisboa

FILIAL
Rua Mouzinho da Silveira, 62-2.º
Telef. 25656
Tlx 22532 Cotas P
Porto

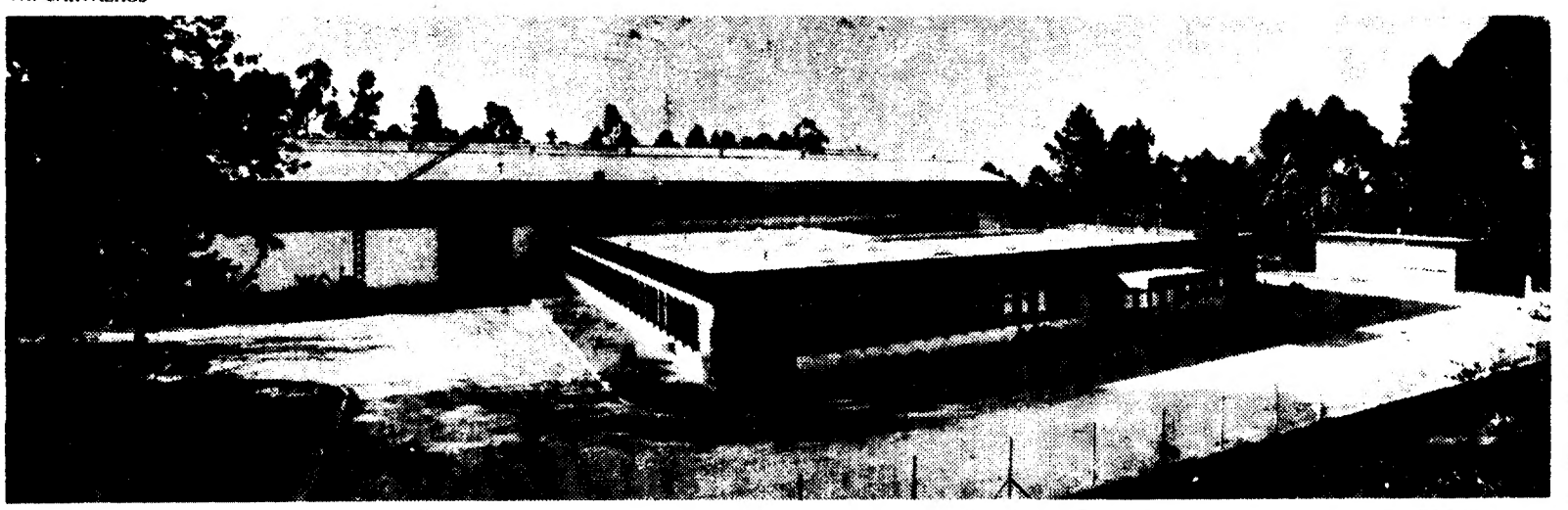
PUB.

SECCA
construções metálicas s.a.r.l.

FÁBRICA E ESCRITÓRIOS:
RECHOUSA/V. N. GAIA
TELEFONES 911463-912793-914501
TELEX 22826 P
APARTADO 6 - CANELAS
4415 CARVALHOS

DELEGAÇÃO:
TELEFONE 577036
RUA PASCOAL DE MELO, 135-4.º-D.
1000 LISBOA

- **Caixilharias e divisórias de alumínio**
- **Coberturas industriais**
- **Estruturas metálicas ligeiras e semipesadas**
- **Construções diversas em perfis e chapa de aço**



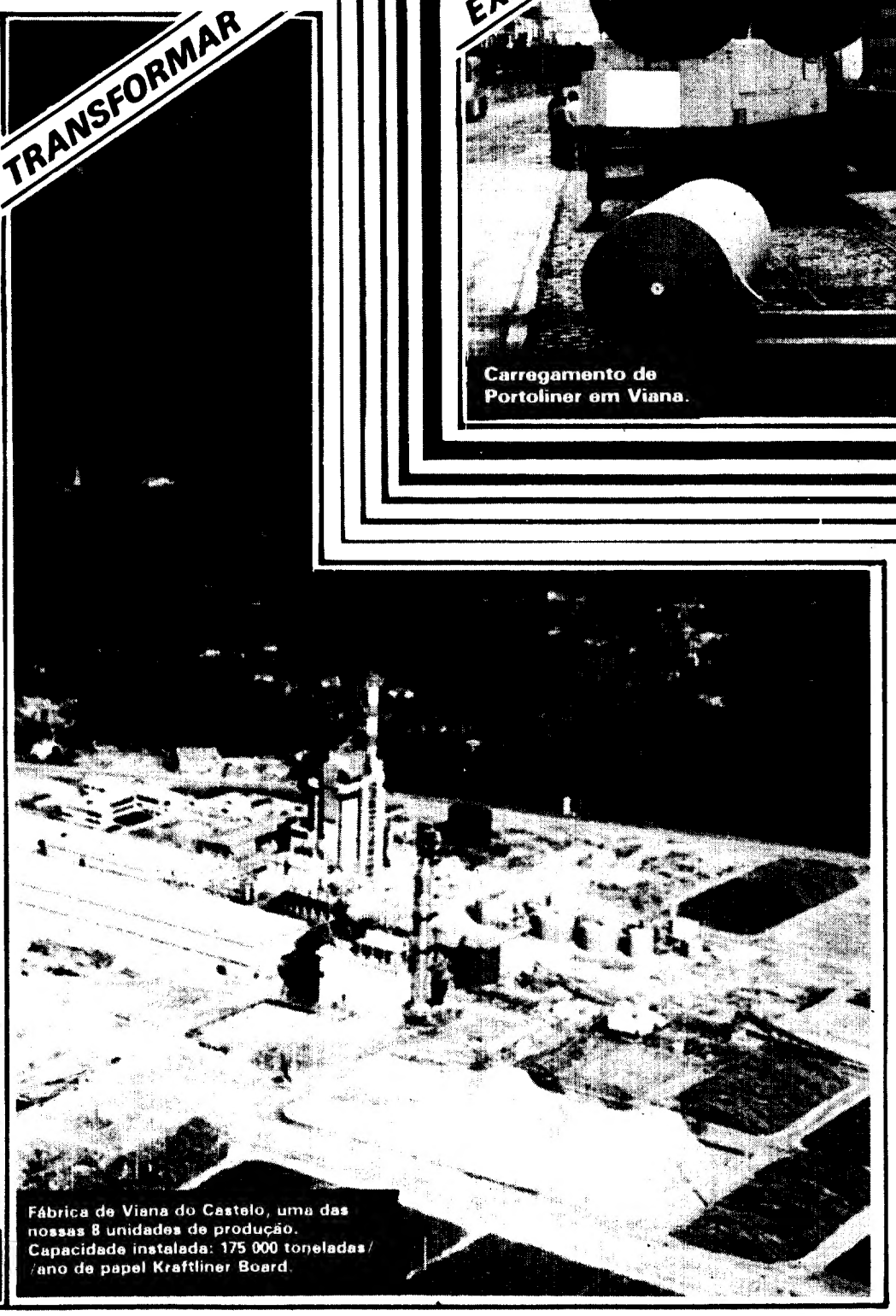
CUBA

NÓS SOMOS A PORTUCEL EP

FLORESTAR

De 1981 a 1985: mais 60 000 hectares.

TRANSFORMAR



Fábrica de Viana do Castelo, uma das nossas 8 unidades de produção. Capacidade instalada: 175 000 toneladas/ /ano de papel Kraftliner Board.

EXPORTAR

Carregamento de Portoliner em Viana.

362 000 Toneladas 8 275 000 Contos

TOTAL DAS EXPORTAÇÕES EM 1980

PORTUCEL

Pastas para papel
Papel
Caixas de cartão canelado e sacos de grande conteúdo.